

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

**UMA ANÁLISE CRÍTICA DA PROPOSTA DISCURSIVA DA ALIANÇA  
UNIDOS PELO BRASIL**

ANA CLÁUDIA SOARES DE PAIVA

RECIFE

2015

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

**UMA ANÁLISE CRÍTICA DA PROPOSTA DISCURSIVA DA ALIANÇA  
UNIDOS PELO BRASIL**

ANA CLÁUDIA SOARES DE PAIVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco sob a orientação do Prof. Dr. Karl-Heinz Efken e da coorientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Isabela Rêgo Barros como requisito para obtenção do grau em Mestre em Ciência da Linguagem.

RECIFE

2015

P149a Paiva, Ana Cláudia Soares de

Uma análise crítica da proposta discursiva da aliança unidos pelo Brasil / Ana Cláudia Soares de Paiva; orientador Karl-Heinz Efken; co-orientadora Isabela Rêgo Barros, 2015.

134 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2015.

1. Análise crítica do discurso. 2. Discursos brasileiros. I. Título.

CDU 801

**UMA ANÁLISE CRÍTICA DA PROPOSTA DISCURSIVA DA ALIANÇA  
UNIDOS PELO BRASIL**

**ANA CLÁUDIA SOARES DE PAIVA**

PROF. DR. KARL HEINZ EFKEN/ ISABELA RÊGO BARROS

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Linguagem.

Data: 22 de Dezembro de 2015.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Karl Heinz Efken

Universidade Católica de Pernambuco

Orientador

---

Prof. Dr. Moab Duarte Acioli

Universidade Católica de Pernambuco

Examinador Interno

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Virgínia Leal

Universidade Federal de Pernambuco

Examinadora Externa

## **AGRADECIMENTOS**

Poderíamos dizer que a vida assemelha-se a uma trama de tecido, a qual só existe, porque a entrega dos fios anula o não existir para permitir a existência dos mais belos tecidos. É pensando nesse doar do outro para a construção do tecido dos meus sonhos, que dirijo minha gratidão aos que comigo permitiram a concretude desse ideal.

Falar em agradecer implica em reconhecer que não si é nada sozinho. Por isso, agradeço Aquele que de maneira muito certa, o autor da minha vida, oportunizou-me à vivência desse projeto. Ao Pai do céu, sou grata por seu conduzir, pois mesmo não entendendo a forma como Ele constrói o discurso da minha vida, consigo perceber o Seu zelo na construção de cada nova enunciação, que o curso da vida me permite atualizar.

Já dizia Antoine de Saint-Exupéry: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. É por isso, que não tenho como não lembrar e agradecer àquelas que me fizeram amante da linguagem professoras que alcançaram a competência de Mestras, e portanto, eternamente lembradas, Jacilene Soares, Lizandra Cavalcanti, Maria José Pereira, Cinthia Tavares e Flávia Ferreira. No palco da sala de aula, pude ver como tais atuavam fazendo valer a pena a arte da palavra. Elas entendiam que ensinar não parava na frieza de um verbo infinitivo, mas eram e são capazes de perceber um verbo que é, por essência, necessário de uma conjugação pessoal, através da qual particulariza e respeita a significação de cada sujeito.

A Emanuel Rodrigues, agradeço a parceria em cada discursão política, ao seu apoio crítico no momento em que esta pesquisa precisou de um novo efeito da arte, ao seu olhar sempre mais longínquo, a sua amizade e todo apoio que dele encontrei.

Aos amigos, de maneira particular a Rafaela Monteiro, a qual é cúmplice do meu processo metamórfico de vida, bem como por sua presença em todo curso gestacional e concretude do mestrado.

A minha fortaleza familiar, os quais em muitos momentos foram determinantes no xeque-mate do tabuleiro da vida.

Agradecer é também reconhecer a virtude daqueles que permitem os nossos voos em terrenos ainda não conhecidos, apenas sonhados. A isso, como não agradecer aqueles que abraçaram minha proposta de pesquisa, que respeitaram meus interesses investigativos. A vocês, Karl Heinz Efken, que foi mais que um orientador, quem sabe um construtor, um filósofo-amigo, meu muito obrigada e minha contínua admiração e carinho, Isabela Rego Barros, que de modo tão atencioso, foi essa terceira margem do rio, parafraseando o Guimarães Rosa, uma vez que a precisão do seu olhar lapidou, bem como sugeriu uma conjunta mais harmônica a esta pesquisa.

Ao corpo docente, Roberta Caiado, Nádia Azevedo e tantos outros, aos amigos: Karla, Andréa, Artur, Júnior, enfim, todos que integraram a trama da décima terceira turma de mestrandos em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco.

Chegar até aqui, me permite compreender uma frase de um conto de escritor Uruguaio, a qual diz: “Me ajuda a olhar”. E com ajuda de todos os olhares citados direta e indiretamente, que compartilho a alegria de ver esse fio de mar que ganha forma e que sai do plano das ideias para o plano do posto discursivo.

Muito obrigada!!.

## RESUMO

Neste trabalho nos debruçamos sobre as construções discursivas dos presidenciáveis Eduardo Campos e Marina Silva - expostas em entrevistas, debates e reportagens, as quais serviram de base para o recorte do discurso direto dos candidatos, consolidando a nossa *corpora* de análise, apresentada pelas mídias *online* Folha de São Paulo, Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, O Globo, O Estadão, Carta Capital, G1 notícias, Veja e Yahoo notícias – buscando analisar como foi construído e com qual propósito um discurso que propagava uma pseudo justaposição entre os partidos na composição da chapa *Unidos pelo Brasil* no cenário político de 2014. A aliança PSB-Rede buscou apresentar-se socialmente com um discurso de cunho transformador (um discurso que é dito a partir do que deseja-se ouvir – demagógico), onde a união de tais candidatos representariam um novo tempo na política brasileira, nomeado por tal aliança como sendo a *Nova Política* e caracterizando-se como uma força contra-hegemônica à política do PT. Tendo em vista a potencialidade de tal discurso público (discurso político) na prática social, que nos ancoramos na abordagem da Análise Crítica do Discurso, de maneira mais pontual na perspectiva sociocognitiva e discursiva de van Dijk através de diferentes obras para que pudéssemos construir um caminho que expusesse as estratégias linguístico-discursiva e cognitiva usada pelos candidatos para acessarem as representações mentais dos eleitores. Para isso consultamos van Dijk (2000a, 2000b, 2005 e 2012), para obtermos uma melhor compreensão de como as representações ideológicas formam e determinam o funcionamento social dos sujeitos dentro da conjuntura comunicativa, revisamos também Fairclough (2001), buscando em seus estudos compreender como se dá esta interface entre discurso e sujeito e como ambos são modificados e modificam socialmente suas relações. Para aprofundarmos o poder e o acesso dessas construções políticas em sociedade mediante uma tentativa de reestruturação dos modelos de contextos dos eleitores, priorizamos os estudos de van Dijk (2010, 2012), através da reflexão dos elementos sociocognitivos integrantes da composição macroestrutural do discurso, ainda no aprofundar dessa macroestruturação revisamos alguns autores da filosofia política e da ciência política, aqui representados por Pedro Demo (1999) e Gaetano Mosca (1924), a fim de compreendermos melhor a orientação política que norteou a discursivização da aliança PSB-Rede. Ao delimitarmos as estratégias linguístico-cognitivas e discursivas que orientaram tais construtos, pudemos analisá-las de modo a obter pistas acerca dos possíveis sentidos pretendidos por tais construções de discurso. Identificamos uma permanente insistência em torno da ideia de um programa de governo, o qual representaria a ilusória proposta de uma política que rompe com as elites. E finalmente, demonstramos, por nossa análise, que houve, sim, uma polarização de vozes e poder entre tais candidatos seja durante a orientação PSB-Rede, seja na reorientação Rede-PSB o que remonta o velho jeito de fazer política dos acordos partidários.

**Palavras-Chave:** Análise Crítica do Discurso. Discurso Político. Modelos Mentais. Justaposição discursiva.

## ABSTRACT

In this work we focus over the discursive constructions of presidential candidates Eduardo Campos and Marina Silva - exposed in interviews, debates and news reports, which formed the basis for of the direct speech cut of the candidates, consolidating the corpora of our analysis, presented by the media online Folha de São Paulo, Journal of Commerce, Diário de Pernambuco, O Globo, O Estado, Carta Capital, G1 news, see and Yahoo News - t searching to analyze as it was built and what purpose a speech which propagated a pseudo juxtaposition of the parties on the composition of the alliance United by Brazil on the political scene in 2014.. The alliance States by Brazil aimed to to present themselves socially with a transformative nature of speech (demagogic), where the union of these candidates would represent a new time in Brazilian politics, appointed by such an alliance as being the New Policy and characterizing itself as a force counterhegemonic PT policy. In view of the potential for such public discourse (political discourse) in social practice, we we anchor in the Critical Discourse Analysis approach, in a more timely manner in the socio-cognitive and discursive perspective van Dijk through different works so that we could build a path that expose the linguistic-discursive and cognitive strategies used by the candidates in order to access the mental representations of voters. For this we consulted van Dijk (2000a, 2000b, 2005 and 2012), to obtain a better understanding of how the ideological representations form and determine the social functioning of individuals within the communicative situation also we reviewed Fairclough (2001), seeking in their studies comprehend how is this interface between speech and subject and how both are modified and socially modify their relations. To deepen the power and access of society in political constructions by an attempt to change the models contexts of voters, we prioritize the studies of van Dijk (2010, 2012), through the reflection of the socio-cognitive elements members of macro-structural composition of speech yet in deepen of this mocroestruturacão review some authors of political philosophy and political science, represented here by Pedro Demo (1999) and Gaetano Mosca (1924) in order to to understand better the political orientation that guided discursivization of the alliance PSB-Network. To circumscribe the linguistic and cognitive and discursive strategies that guided these constructs, we analyze them in order to get clues about the possible meanings intended by such speech constructions. We identify a permanent insistence around the idea of a government program, which would represent the illusory proposal for a policy that breaks away from the elites. Finally, we demonstrate, by our analysis, there was rather a polarizing voices and power among such candidates be at PSB-Rede orientation, whether the reorientation Rede-PSB which dates back to the old way of doing politics of party agreements.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis. Political Discourse. Mental models. Discursive juxtaposition.



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. DESVELANDO O DISCURSO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD).....	21
2.1 Pressuposto teórico da Linguística Crítica (LC) e da Análise Crítica do Discurso (ACD) .....	21
2.2 O sujeito e o discurso na tríade sociocognitiva .....	29
2.3 Língua um processo de refração .....	32
2.4 Ideologia na perspectiva da tríade discurso-cognição-sociedade.....	35
2.5 As estratégias de manipulação do discurso público .....	42
3. O EMPOBRECIMENTO POLÍTICO-DISCURSIVO: um ato de envenenamento social .....	45
3.1 A mídia a serviço de uma despolitização e a difusão de uma política de moldes .....	53
4. DESVELANDO A NATUREZA DO DISCURSO POLÍTICO .....	57
4.1 O que caracteriza uma Velha e uma Nova Política na Federação brasileira? .....	66
5. DISCURSO POLÍTICO PSB – Rede/Rede – PSB: UMA ANÁLISE A LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD) .....	75
5.1 Eduardo Campos e Marina Silva dois sujeitos sociais e uma aliança de moldes .....	76
5.1.1 As estratégias linguístico-cognitivas na construção da representatividade social dos presidenciáveis .....	81
5.2 Análise da construção da representatividade social no discurso-proposta através das categorias acesso, ideologia, poder e contexto .....	86

5.2.1 As contribuições das subcategorias no desvelamento da aparente justaposição discursiva PSB-Rede .....	90
5.3 As estratégias discursivo-cognitivas de Marina Silva na interface do emudecimento de Eduardo Campos .....	97
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	103
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXOS .....	108

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro I</b> - Adaptação da polarização dos paradigmas formais e funcionais apresentados por Ramalho e Resende	22
<b>Quadro II</b> - Fragmento do discurso de Campos no dia 08/07/14 no Maranhão	30
<b>Quadro III</b> - Adaptação da estruturação teórica dos modelos mentais de van Dijk (2000b, p. 108)	39
<b>Quadro IV</b> - Fragmento da sabatina do dia 16 de julho de 2014	41
<b>Quadro V</b> - Fragmento do discurso de Marina Silva no dia 28/09/15	48
<b>Quadro VI</b> - Fragmento do discurso de Campos (Folha de São Paulo 17/07/14) e Marina (JC 01/10/14)	51
<b>Quadro VII</b> - Fragmento do discurso de Campos em sabatina pela Folha de São Paulo 16/07/14	59
<b>Quadro VIII</b> - Fragmento retirado da entrevista de Eduardo Campos ao JN em 13/08/14	62
<b>Quadro IX</b> - Fragmento retirado do discurso de Marina Silva no JC	62
<b>Quadro X</b> - Fragmento do discurso de campanha de Campos no dia 08 de Julho no Maranhão	65
<b>Quadro XI</b> - Caracterização socioideológica dos representantes políticos EC/MS	77
<b>Quadro XII</b> - Descentralização e transferência da responsabilidade do sujeito discursivo	81
<b>Quadro XIII</b> - Centralidade X descentralidade [grifo e acréscimo nosso]	82
<b>Quadro XIV</b> - Positividade X negatividade [grifo e acréscimo nosso]	85
<b>Quadro XV</b> - Discurso de responsabilização de outrem	87
<b>Quadro XVI</b> - Manipulação da memória social	89
<b>Quadro XVII</b> - Subcategoria Referência Social [grifo nosso]	91
<b>Quadro XVIII</b> - Subcategoria Nova Política [grifo nosso]	94
<b>Quadro XIX</b> - As generalizações do plano de governo na discursivização de Marina	96
<b>Quadro XX</b> - A vitimização de Marina	99
<b>Quadro XXI</b> - Um discurso de repete	101
<b>Quadro XXII</b> - Complacência social	101

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>ACD</b>	-Análise Crítica do Discurso
<b>ADF</b>	-Análise do Discurso Francesa
<b>EC</b>	-Eduardo Campos
<b>FHC</b>	-Fernando Henrique Cardoso
<b>Ibope</b>	-Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística
<b>JC</b>	- Jornal do Comércio
<b>LC</b>	-Linguística Crítica
<b>MS</b>	-Marina Silva
<b>PT</b>	-Partido dos Trabalhadores
<b>PSB</b>	-Partido Socialista Brasileiro
<b>PV</b>	-Partido Verde
<b>PIB</b>	-Produto Internacional Bruto
<b>PSDB</b>	- Partido da Social Democracia Brasileira
<b>PMDB</b>	- Partido do Movimento Democrático Brasileiro
<b>JN</b>	- Jornal Nacional
<b>Rede</b>	-Rede de Sustentabilidade
<b>RS</b>	- Representação Social
<b>TD</b>	-Tecnologia digital
<b>TSE</b>	-Tribunal Superior Eleitoral
<b>URV</b>	-Unidade Real de Valor

## 1. INTRODUÇÃO

Dentro do primeiro trimestre de 2014<sup>1</sup>, tem-se oficialmente o lançamento na mídia televisiva da chapa *Unidos pelos Brasil*, através de um vídeo nomeado de [Social 1] inserção PSB com duração de 10 minutos, o qual tornava conhecido para toda a sociedade brasileira a aliança entre Eduardo Campos do PSB e Marina Silva da Rede, proposta de partido que no período desse acordo político não havia recebido o reconhecimento do Tribunal Superior Eleitoral - TSE para legitimar candidaturas, o que tornou possível a filiação de Marina Silva ao PSB de Eduardo Campos. Entretanto, faz-se saber que em 22 de Setembro de 2015 o TSE oficializou o partido e o tornou apto para estabelecer filiações bem como participar do pleito de 2016 diante dessa concessão, a Rede é atualmente o 34º partido político brasileiro.

No vídeo de lançamento de campanha, os candidatos afirmavam perante a sociedade que eles eram “filhos da esperança” e que formavam uma aliança de “luta e de paz”, visto que ambos representavam regiões (Norte e Nordeste) do País de grandes dificuldades macroeconômicas. Os candidatos também discursaram que esta aliança buscava compartilhar um legado e que a sociedade precisava conhecer aqueles que se uniram, apenas, com um objetivo: propor a mudança dentro da política brasileira, por meio de um realinhamento político, de uma política de projetos, de um equilíbrio democrático, ambiental e econômico.

Sabido socialmente das marcas advinda da Ditadura Militar, que a aliança *Unidos pelo Brasil* lança, de forma estratégica, no dia em que a sociedade brasileira lembrava os 50 anos da instituição do Ato Institucional<sup>2</sup> 1 (AI -1), o qual impunha a Ditadura no Brasil, sua proposta política, a qual era apresentada como plano de transformação do cenário brasileiro, mediante uma conceituação de nova política, a qual daria igualdade socioeconômica e desenvolveria uma política que não fosse centrada em um partido ou em uma força repressiva como foi na ditadura, mas em uma política comum exequível por qualquer que seja o

---

<sup>1</sup> Vídeo veiculado na TV aberta no dia 27 de Março de 2014.

<sup>2</sup> Ato institucional é um instrumento jurídico onde o executivo baixa um decreto que tem um poder de lei que não pode ser contestado pelo poder judiciário e tão pouco pelo poder legislativo. Ou seja, o que é dado como lei não cabe contestação por nenhum dos outros poderes.

partido que venha a ocupar o Palácio do Planalto e que fosse desenvolvida a partir de um realinhamento que não considerasse só o desenvolvimento macroeconômico, mas também socioambiental.

Entretanto, essa conceituação de nova política é esvaziada e perde credibilidade quando na trajetória política do Brasil olhamos para algumas campanhas vinda pós-ditadura, pois é notório que grande parte destas também fizeram esse discurso, como é possível ser visto em alguns *slogans* de campanha: Um novo tempo vai começar (Collor - PRN atual PTC – 1989), O Brasil, sem medo de ser feliz (Luiz Inácio da Silva - PT – 1989), O Brasil não pode voltar atrás. Avança Brasil (Fernando Henrique Cardoso -PSDB -1998), Quero um Brasil decente (Luiz Inácio Lula da Silva - PT – 2002), Mais mudança, mais futuro (Dilma Rousseff - PT – 2014), Um novo caminho para um novo Brasil (Eduardo Campos - PSB – 2014). Como fica perceptível, o que temos visto na conjuntura política é que o discurso de campanha pouco ganha concretude no exercício de um governo, o que possibilita que outras campanhas usem dessa velha forma de fazer política, visto que a sociedade continua a esperar por um governo que se preocupe com a coletividade e rompa com as governanças minoritarista.

Outra condição de esvaziamento desse discurso de campanha está ancorada nas condições que colocaram dois candidatos de formação social, histórica e política tão diferentes a desenvolverem uma discursivização de aparência justaposta, onde cabeça de chapa e vice tivessem as mesmas condições e espaço dentro da aliança.

Diante disso, algumas indagações iniciais levaram ao desenvolvimento dessa pesquisa, as quais ficaram em torno das seguintes perguntas: por que e como os presidentiáveis construíram uma discursivização de aparência de justaposição? E ainda como tais construções buscaram alcançar por meio de uma reorganização do conhecimento que os eleitores tinham acerca desses candidatos (conhecimento esse que nos modelos mentais de van Dijk é tratado por modelo episódico) para desse modo legitimar o controle de suas decisões e ações, de acordo com o que propõe a teoria dos modelos mentais tratado por van Dijk (2000a, 2000b, 2010, 2012), os quais priorizamos como suporte em

nossa análise. Sendo o discurso político uma construção elaborada por uma elite de poder simbólico e/ou econômico, o qual é classificado como discurso público visto que pelo acesso a diferentes suportes, instâncias sociais, entre outros aspectos validam um alcance ampliado e desse modo conseguem legitimar uma posição ideológica, que diante dessa potencialidade do discurso político, dois outros questionamentos instauram-se sobre a proposta da aliança *Unidos pelo Brasil*: o primeiro é como o projeto reorganiza-se após a morte de Eduardo Campos, cuja Rede passa a ocupar a cabeça da chapa e o PSB o vice, e segundo, diante desse novo fato a justaposição partidária proposta pela primeira etapa dessa campanha é possível de ser atestada agora?

Uma hipótese geral de que partimos é de que a aliança *Unidos pelo Brasil* não conseguiu consolidar um discurso de justaposição entre PSB e a Rede, mas construções que sinalizaram para uma formação centrada no presidenciável que encabeçava a chapa. Tal hipótese é mais contundente quando há o realinhamento da chapa e Marina Silva assume o encabeçamento após a morte de Eduardo Campos. O que nos leva para uma segunda hipótese de trabalho de que os presidenciáveis se valeram de estratégias discursivo-cognitivas (pelo discurso modificar pontos de vistas) para validar construções que fossem capazes de consolidar a popularidade e aceitabilidade nacional a Eduardo Campos através da visibilidade e credibilidade de Marina Silva. Diante disso, desenvolvemos a nossa terceira e última hipótese de pesquisa, a de que se buscou amparo na velha estratégia de política transformadora e/ou nova política com o propósito de camuflar uma política centrada em uma minoria.

As hipóteses de que partimos apontam para um controle e legitimidade de poder de que van Dijk (2010, 2012) nos alerta, realizado através de um discurso de ataque ao PT, visto que o cargo mais alto da política brasileira estava/á sendo ocupado pela liderança Petista, a isso o acordo do PSB e a Rede busca firmar-se como uma força contra-hegemônica, ou seja, uma força que se propõe estar contra a centralidade do PT e que se volta para o povo mediante discursos que reformulem as experiências e conhecimentos (modelos mentais) dos eleitores. Tal legitimação é veiculada mediante um discurso-proposta que busca na falsa ideia de que Eduardo Campos e Marina Silva assumiram um acordo de tom equiparado, para dessa maneira ter poder para levar os eleitores

a consumirem suas pretensões partidárias como uma proposta que tem a sociedade como a grande protagonizadora.

De modo geral, portanto, objetivamos analisar um discurso de aparência justaposta propagado pelos presidenciáveis da aliança *Unidos pelo Brasil*. De maneira mais específica, pretendemos analisar as marcas discursivas que tornam conhecida a sobreposição do cabeça de chapa sobre o vice; discutir as possíveis causas que orientaram uma construção discursiva de aparência igualitária entre os candidatos e finalmente evidenciar o que essa discursivização propunha atingir mediante uma ideia de que PSB e a Rede formavam uma aliança que rompia com os velhos modelos de acordos partidários, onde o cabeça de chapa tinha o poder de condução da campanha.

Para a condução dessa pesquisa, tomamos como guia as orientações de autores e teóricos da Análise Crítica do Discurso (ACD) que permitem investigações de problemas que dialogam aspectos linguístico-discursivos. Dentre eles, destacamos as contribuições de Ramalho e Rezende (2006) no conhecimento dos pressupostos da ACD, de Norman Fairclough (2001) como um ponto de ancoragem na relação do discurso e a sociedade e consequentemente na mudança social e Teun A. van Dijk (2000a, 2000b, 2005, 2010, 2012) no que compete a cognição no processo de elaboração de sentido pela via do discurso, e de sua ampla funcionalidade na interface do social. A ACD, desta forma nos ajuda a compreender melhor uma proposta partidária que não é nova, mas que chama atenção pela forma como foi estabelecido tal acordo, o que pôs em evidência uma conjuntura partidária que pouco está atenta na elaboração de uma política de cunho social, de fato, mas pelo contrário está presa a arranjos que privilegiam interesses de uma elite.

Segundo a perspectiva da sociocognição de van Dijk (2000b), a qual discute política por um aspecto governamental constituído de poder, que dialogamos com o que discute o filósofo político Gaetano Mosca (1923) ao propor que um sistema político constitui-se por uma elite que centraliza poder e que desse modo faz política partindo de uma ideia de que a grande larga faixa social precisa de uma minoria pensante e apta de decisões. É partindo dessa organização, que contextualizamos a maneira de fazer política no Brasil.



Como é percebível, os arranjos partidários organizam-se em prol de interesses e favorecimentos de poucos, os quais mantêm ampliado uma grande distância entre políticos (representantes) e sociedade (representados). É diante desse fosso entre esses dois grupos que chamamos atenção para a importância de uma Análise Crítica das construções discursivas da esfera política. Pois como discute van Dijk (2000b) o discurso é um espaço pelo qual se materializa uma ideologia e desse modo consegue-se determinar a maneira como os sujeitos interagem, agem e se organizam em sociedade. É a partir desse olhar crítico-reflexivo sobre o discurso, que o sujeito amplia as condições de não mais alimentar uma política de favorecimento elitista.

Tendo em vista o desenvolvimento da compreensão dos aspectos da macroestrutura (ideologia, interesse, contexto, entre outros fatores), os quais visavam estrategicamente manobrar os interesses da grande coletividade, através de uma pseudo proposta de que estava voltada/interessada nessa, para que desta forma camuflasse os interesses de uma política das minorias, a qual é difunda segundo uma política que vem de cima para baixo e que está muito mais preocupada em manter o assistencialismo, que nos apoiamos na filosofia política de Pedro Demo (2006), buscando compreender, como a proposta dita transformadora da aliança *Unidos pelo Brasil*, não rompia em nada com a política das elites e que continuava desenvolvendo uma política pobre para os pobres.

Tomando por base um conceito geral da ACD, de que o discurso é um ato social, visto que seja produzido buscando atender uma prática de comunicação, que desse modo é possível compreender o processo de escolhas linguístico-discursivas que orientaram o discurso-proposta dos presidenciais, ou seja, são por estas marcas que é possível analisar a ocorrência de um discurso de aparência justaposto e de caráter transformador.

Subsidiados pelo campo investigativo da ACD, de maneira particular pelo viés da sociocognição é que nos prestamos a desenvolver uma análise qualitativa do discurso dos presidenciais. Para tais análises, priorizamos duas entrevistas e um discurso de campanha de Eduardo Campos, sendo a

primeira uma sabatina realizada pela Folha de São Paulo (15/07/14), a segunda uma entrevista concedida ao Jornal Nacional (12/08/14) e o terceiro um discurso de campanha no Maranhão (29/04/15) e de Marina Silva dois debates e uma entrevista, sendo os debates o primeiro veiculado pela TV Aparecida (11/09/14) e o segundo pela Rede Globo (02/10/14) e a entrevista veiculado pelo Jornal Nacional (27/08/14). Ainda coletamos durante o dia 01 de Agosto a 04 de Outubro reportagens veiculadas pelas mídias *online* dos jornais G1 notícias, Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, Carta Capital, Veja, Yahoo Notícias e o Estadão, sobre as quais recortamos o discurso direto dos presidencialistas constituindo a nossa única corpora de análise, a qual somou um total de 62 textos dispostos para verificação nos anexos desse trabalho.

Outro fator que destacamos atenção é para o fato de selecionarmos textos da mídia *online*; optamos por tal modalidade por estarmos de acordo com o que apresenta Araújo Neto<sup>3</sup> (2013) ao discutir que o uso das mídias na sociedade globalizada tem promovido uma nova forma de estruturação e organização social. Esse processo de mudança da participação do homem com o seu meio traz consequências diretas na interação comunicativa, a qual vem sendo cada vez mais alcançada pela midiatização digital, que pelo seu livre alcance tem atingido um número maior de contextos sócio-histórico-cultural diferentes. Desse modo, vemos como a conjuntura social tem sido afetada pelas novas tecnologias digitais (doravante TD) e como essas têm desencadeado novas relações entre o meio, a sociedade e as relações de sentido.

Diante dessa constatação e pelo amplo poder de acesso que as mídias têm, que estas são cada vez mais recorridas como divulgadoras de pessoas e/ou ideias por meio de uma composição discursiva que também é moldada pelo aparato digital. Nessa perspectiva, priorizamos esse espaço das novas mídias para coletarmos o nosso *corpus* de pesquisa, uma vez que de modo particular, no cenário brasileiro, atualizamos um novo jeito de fazer política que se dá através de uma proposta que concentra um amplo poder de alcance

---

<sup>3</sup> Doutor em ciência da comunicação e professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

mediante práticas discursivas que barganham uma particularidade de contextos distintos através dos diferentes tentáculos midiáticos.

Buscando responder aos objetivos aqui propostos e a comprovar as hipóteses levantadas, que apoiados por algumas categorias de van Dijk, poder (potencialidade para dar credibilidade a um discurso, através do acesso a recursos simbólicos ou materiais) , acesso (como dados sujeitos participam no controle dos conteúdos e dos aparatos de reprodução), contexto (experiências elaborada na mente) e ideologia (valores/ pontos de vistas que são dispostos na mente/cognição, ou seja, uma forma de cognição social) e pelas subcategorias referência social e nova política, por nós desenvolvidas, é que traçamos nosso percurso metodológico através da leitura, releitura e análise do *corpus*, tendo por propósito evidenciar a sobreposição partidária dentro da aliança *Unidos pelo Brasil, o que serve como uma* demonstração da estrutura política partidária em exercício hoje no cenário brasileiro.

Na análise do corpus recorreremos, além de outros aspectos, à *lexicalização* do embate *Nós x Eles* – em que o grupo Nós representa a aliança PSB-Rede e todas as nominalizações dos grandes feitos sociais realizados, em grande parte, pelo PSB – e o Eles o grupo da hegemonia petista marcado por todos os seus entraves políticos – apontando para uma construção de polarização, visto que fosse necessário essa cisão uma vez que tanto Eduardo Campos como Marina Silva integraram por muito tempo o governo do PT. Utilizamos, também, as categorias de van Dijk aqui priorizadas para a demarcação de como os presidentiáveis se utilizaram do alcance do seu discurso público na produção e propagação de uma ideia, que era parte, mas veiculada com efeitos de todo e desse modo buscava reformular os conhecimentos, as experiências dos eleitores; enfim buscava reestruturar os modelos cognitivos<sup>4</sup>.

Reconhecemos que não temos como apontar para os modelos mentais a não ser pela via concreta da análise do discurso, visto que seja o lugar de acesso das marcas estratégicas que o produtor utiliza para desenvolver uma mensagem

---

<sup>4</sup> Modelos mentais ou cognitivos são tratados por van Dijk como sinônimos.

interpretável e consumível por uma coletividade. Diante disso, vemos que o discurso-proposto dos presidenciáveis se pauta em estratégias de pronominalização em dispositivos retóricos (expressões metafóricas e genéricas) e outros recursos, os quais são usados objetivando convencer o eleitor de uma proposta merecedora de credibilidade, onde candidatos aparentam possuir uma aliança de forças equilibradas. São algumas destas marcas que analisamos buscando evidenciar a polarização discursiva e ideopolítica exercida pela aliança ou como menciona Marina Silva no momento do seu encabeçamento de chapa ao afirmar que a aliança PSB-Rede foi um “acordo de interesses” exercido entre as partes<sup>5</sup>.

O nosso trabalho está organizado de maneira que se possa construir uma compreensão sobre os princípios discursivo-cognitivos constituídos no texto, bem como nas questões sociohistórica e política envolvidas para que pudéssemos ter um olhar mais ampliado acerca do discurso em análise. No primeiro capítulo trabalhamos as bases teóricas da ACD e de modo particular a perspectiva sociocognitiva e discursiva de van Dijk, no segundo e terceiro capítulos nos voltamos para os fatores sociais e políticos, os quais estão sempre em conflito mediante uma luta de classes que se impõe socialmente pela via do discurso. Finalmente no quarto capítulo, laçamos nosso olhar sobre as construções discursivas dos presidenciáveis, com a finalidade de realizamos a análise assim dita.

---

<sup>5</sup> Esse acordo torna-se mais palpável com três posicionamentos de pessoas que compuseram essa aliança. O primeiro, é a fala do secretário-geral de campanha ao desvincular-se de sua função. Este discursa: “agora é uma nova fase. Marina é hospedeira, as divergências são muitas entre REDE e PSB”. (Veja 20/08/14) O segundo, é o que discute o presidente do PSB Roberto Amaral, “temos que entender agora a Rede tem a cabeça da chapa e o PSB o vice. (Diário de Pernambuco 22/09/14) E o terceiro, é o que argumenta Erundina a nova secretária-geral de campanha, “Marina como vice era uma coisa, o seu grupo tinha uma participação em um nível. Ela na cabeça da chapa tem outra participação. Agora são dois grupos políticos que pela primeira vez atuam juntos para construir uma candidatura e um projeto em nome de um partido, que é o PSB. (Terra 18/09/14)

## 2. DESVELANDO O DISCURSO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD)

[...] O curso de um rio, seu discurso-rio, /chega raramente a se reatar de vez;  
um rio precisa de muito fio de água /para refazer o fio antigo que o fez.  
Salvo a grandiloqüência de uma cheia /lhe impondo interina outra linguagem,  
um rio precisa de muita água em fios /para que todos os poços se enfrasem:  
se reatando, de um para outro poço, /em frases curtas, então frase a frase,  
até a sentença-rio do discurso único[...]

**(João Cabral de Melo Neto)**

Neste capítulo, abordaremos os pressupostos teóricos que viabilizam uma dialogicidade entre a Linguística Crítica (doravante LC) e a Análise Crítica do Discurso (retomada a partir de então de ACD) mediante uma perspectiva Sociocognitiva do Discurso. Para tanto, discorreremos sobre concepções teóricas basilares no campo da LC e da ACD, as quais possibilitam o entendimento sobre a concepção de língua, sujeito, contexto, discurso e poder social. Tais pressupostos teóricos são fundamentais para o que se propõe discutir neste estudo, visto que nos possibilitaram compreender a constituição das práticas discursivas como resultantes de uma atividade comunicativa que é situada nos campos social, histórico, cultural e cognitivo (VAN DIJK, 2000).

### 2.1 Pressuposto teórico da Linguística Crítica (LC) e da Análise Crítica do Discurso (ACD)

No âmbito dos estudos da linguagem diferentes áreas contribuem no processo de investigação e constituição das práticas languageiras, é o caso por exemplo, da Análise do Discurso Francesa (ADF) que se embasa na psicanálise, na filosofia, da sociolinguística que muito busca nas ciências sociais, dos estudos literários que ampara-se na filosofia, sociologia e outras, e da própria Análise Crítica do Discurso que como discute van Dijk (2010) é uma constituição

investigativa interdisciplinar, visto que sua proposta de análise necessite do amparo das ciências políticas, da filosofia, bem como da psicologia, sociologia entre outras.

Entretanto, no campo dos estudos linguísticos, duas abordagens inicialmente marcam a forma como concebe a língua por meio de concepções distintas; por um lado os formalistas retratam a língua como estrutural e completa e do outro, esta mesma língua é conceituada pelos funcionalistas como tendo uma estrutura e que é afetada pelo exercício desta em uma atividade sociocomunicativa. Tais dimensões de enfoques no campo da Ciência da Linguagem colocaram em confronto os aspectos individuais e sociais que constituem a Língua, desenvolvendo verdadeiros paradigmas que foram sendo confrontados e superados dentro dos enfoques formais e funcionais, o que favoreceu o desenvolvimento de outros enfoques, os quais passaram a estudar essa dupla constituição da língua dialogando com outras concepções e áreas, rompendo com a polaridade formal/funcional da linguística, como é o caso da própria ACD já introdutoriamente mencionada. Sob esses paradigmas, vejamos como são postas algumas polaridades da teoria de Saussure (formal) e de Halliday (funcional), a partir do que observa Ramalho e Resende (2006, p. 12-4)

**Quadro 1** Adaptação da polarização dos paradigmas formais e funcionais.

<b>LÍNGUA FORMAL X LÍNGUA FUNCIONAL</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Língua autônoma;</li> <li><input type="checkbox"/> Os aspectos externos não influenciam na estrutura interna;</li> <li><input type="checkbox"/> Não há interação entre a estrutura e a prática/funcionalidade;</li> <li><input type="checkbox"/> O discurso é uma unidade acima da sentença.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Língua não suficiente em si;</li> <li>➤ A linguagem tem funções externas ao sistema e é parte central dos estudos linguístico-discursivos;</li> <li>➤ Os aspectos externos interferem na organização interna do sistema linguístico;</li> <li>➤ Forma e funcionalidade são analisadas conjuntamente;</li> <li>➤ O discurso é linguagem em uso.</li> </ul>

É interessante destacar as contribuições que a polaridade Formal – Funcional estabeleceram dentro das abordagens contemporâneas dos estudos linguísticos-discursivos. Mesmo o funcionalismo descentralizando a autonomia da estrutura, este também não consegue abarcar a língua de maneira totalitária. É a partir dessa não condição de uma abordagem esgotar a total dimensão da língua, que estudiosos da linguística, conscientes da dupla constituição da língua (individual/social – interno/externo – micro/macro), a qual se realiza por meio da articulação entre a ação/evento (prática social/contexto) e o sistema de signos (estrutura), que estes desenvolveram nas últimas décadas do século XX diferentes enfoques, que fossem capazes de dar conta da multiplicidade constituidora da língua(gem). É buscando olhar de forma cooperativa para o entrecruzamento do produto e do processo, que a Linguística Crítica (LC) desenvolve diversas contribuições no final da década de 1970 e início de 1980 com um grupo de linguistas da Grã-Bretanha (Fowler, Hodge, Kress entre outros).

As análises realizadas pela LC objetivavam expor como as atuações sociais são capazes de atravessar o linguístico condensando particularidades (poder, valores, pontos de vista) das comunidades discursivas, o que interferia diretamente na forma de representação e recepção cognitiva dos construtos linguísticos.

A LC aponta para as não objetividades que tecem a comunicação, e como a linguagem pode ser articulada de maneira a imbuir aspectos que só são compreendidos se forem considerados os determinantes extralinguísticos, tais como: contexto, situação enunciativa, sujeito, etc. Desse modo, a linguagem em uso, via atividade comunicativa revela que o linguístico, apenas, não comporta a totalidade de significados expressos em cada ato da interação comunicativa, fazendo-se necessária estreita atenção para os aspectos que atuam sobre as diferentes linguagens que constituem cada novo discurso.

A retomada da LC é de importância nessa pesquisa, visto que busca situar o alicerce da ACD, bem como evidenciar uma constituição diferenciada da LC (RESENDE E RAMALHO, 2006), uma vez que na ACD as análises aprofundam e dialogam mais os aspectos da microestrutura ou estrutura local [texto,

semioses, discurso, interação comunicativa, evento discursivos] e da macroestrutura ou estrutura global [relação de poder, ideologia, dominação, desigualdade social] (VAN DIJK, 2005. p. 48).

Segundo Fairclough (2001), a ACD toma a prática social como o alicerce de compreensão das relações de dominação que organizam a estrutura social. Dentro dessa perspectiva de análise, as práticas são as responsáveis pelas práticas discursivas constituindo-as e constituindo os seus participantes. É partindo dessa premissa, que alguns linguistas, entre eles: Fairclough, van Dijk, Kress e outros, desenvolvem seus primeiros estudos no início da década de 1990, chamando atenção para o aspecto Crítico-Reflexivo dos sujeitos acerca das relações de dominação que são postas via ato discursivo.

Para van Dijk (2005), a ACD compreende a atividade social de maneira dialogada com diferentes áreas das ciências sociais. Segundo o linguista, é essa fluidez de fronteira, que a faz ser conhecida pela capacidade de interagir com outros campos sem um método de análise pronto, visto que a análise busca englobar cada vez mais os elementos da totalidade que se busca investigar, a fim de explicitar as marcas de controle que são combinadas no ato discursivo, a isso fala van Dijk (2005, p.38):

Os estudos do discurso constituem uma disciplina de cruzamento com muitas outras subdisciplinas e áreas, cada uma das quais com as suas teorias, instrumentos descritivos ou métodos de inquérito. A ACD não oferece um método de análise discursiva pronto a ser aplicado em geral, mas frisa sim que para cada estudo é necessário efetuar uma análise teórica exaustiva de um assunto social, de forma a possibilitar a seleção das estruturas discursivas e sociais que serão analisadas e relacionadas.

Argumenta ainda van Dijk (2000, 2005) que um dos pressupostos básicos da ACD é investigar como o abuso de poder e a dominância social constituem-se nas práticas sociais por meio da fala e da escrita efetivando relações de desigualdades culturais, sociais e políticas por meio do discurso dentro das mais diferentes esferas sociais. Como já mencionado, a ACD desenvolve suas investigações tendo como propósito explicitar como estão postas na materialização do discurso as relações de dominação, a fim de que os sujeitos sejam capazes de perceber as estratégias de controle (de que forma foi dito, por meio de quais palavras e orações, em um tom preciso ou opaco, entre outros),



que integram um evento social e desse modo estar ciente da força hegemônica, para desse modo evitar o abuso de poder.

A ACD ao propor desvelar como os grupos promovem a centralização social e constituem poder ao discurso e conseqüentemente promovem o controle e a desigualdade social, que os estudiosos críticos do discurso, conscientes de seu papel em sociedade afirmam que uma análise de valor social deva objetivar os seguintes aspectos, segundo van Dijk (2005, p. 20)

1. A investigação na ACD, para ser aceita, tem que ser melhor que outras investigações;
2. Deve lidar prioritariamente com problemas sociais e políticos; É usualmente multidisciplinar;
3. Busca explicar o discurso a partir da interação social;
4. Analisa como as estruturas do discurso põem em práticas, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam relações de poder e de dominância na sociedade.

Fairclough (2001) e Wodak (2004) chamam atenção para o desenvolvimento da consciência crítica acerca das diversas atividades sociais que constituem a prática comunicativa cotidiana, visto que a linguagem em sua constituição opaca precisa ser olhada de maneira interpretativa/reflexiva. O desenvolvimento dessa prática evidencia que a compreensão dentro da ACD não é uniforme, uma vez que os sujeitos têm formações ideológicas, cognitivas, históricas e sociais diversificadas, dessa forma, é possível perceber porque certos discursos desenvolvem mais força sobre um grupo do que sobre outros.

Ao priorizarmos a ACD nessa pesquisa, como uma abordagem que analisa o discurso de maneira crítica, buscamos perceber como o poder simbólico (controla a quantidade e o tipo de informação, o que deve ganhar destaque e de que maneira) é consolidado nas práticas de interação comunicativa (de modo particular a discursivização de Eduardo Campos e Marina Silva nas eleições 2014) difundindo uma perspectiva ideológica de dominação social.

Van Dijk (2010) postula que o poder é um dos elementos indispensáveis no domínio da ACD, visto que seja pela legitimação da força (controle), que é promovida a desigualdade social, conseqüentemente, a divisão entre os que são coagidos e os que coagem. É partindo desse conhecimento de que o discurso

político concentra poder e tem condições de controlar as ações dos eleitores, que olhamos para o discurso dos presidenciáveis buscando tornar conhecido que aspectos de controle estavam sendo postos através da discursivização dos candidatos em prol da manutenção de uma perspectiva minoritarista.

Van Dijk (2010) discute que o poder social<sup>6</sup> (engloba o poder simbólico) tem sido realizado de modo diferente, pois não se busca ter o alcance do outro pela via da coerção, mas através de práticas discursivas que usando da persuasão ou da manipulação agem sobre a mente e determinam ações. Diante dessa maneira de instaurar poder e controlar ações, van Dijk (2010) destaca que na sociedade contemporânea os espaços de lutas assentam-se sobre o acesso a mente (conhecimentos, atitudes, ideologias, normas valores), pois controlando-a determina-se ações, as quais “sejam compatíveis com o interesse daqueles que detêm o poder” (p.18).

É diante desse novo lugar de controle: a mente (e aqui achamos importante fazermos uma conceituação breve entre os termos consciência/inconsciência, razão e mente, a fim de deixarmos claro que novo lugar de controle estamos lidando)<sup>7</sup>, que os estudiosos da abordagem

---

<sup>6</sup> Ao falar em poder social, van Dijk (2010) considera as relações de controle entre grupos, classes ou formações sociais, as quais buscam pela via do discurso consolidar esse acesso a mente do outro (representação cognitiva) seja por meio “da riqueza, do posto, da posição, do *status*, da autoridade, do conhecimento, das habilidades, dos privilégios ou mesmo pelo o mero pertencimento a um grupo dominante ou majoritário” (2010, p. 42). Segundo o autor, essa forma de organização social desenvolve tipos de interação diferentes, visto que a partir dessas relações de poder social não são todos os sujeitos podem ou têm condições de discursivamente expressarem suas opiniões, ideias e crenças. Mas são interpelados por formas de comunicações discursivas, entre elas a persuasão, a informação, a manipulação, que agem sobre suas mentes de modo não percebível, em grande parte, o que faz com que esses sujeitos ajam de acordo com os interesses de uma representação, de um grupo ou um sujeito societal, que em dada estruturação social tem potencialidade para controlar as mentes por meio do acesso as práticas de discurso.

<sup>7</sup> Gostaríamos de fazer saber da complexidade de conceituação, bem como dos vários enfoques, os quais apresentam abordagens diferentes sobre os termos, entretanto, as concepções aqui recorridas não são usadas como fontes superiores, mas que respondem ao que se propõe neste trabalho. Para tratarmos o primeiro termo recorreremos a Sigmund Freud (2011), que vai dizer que consciente e inconsciente são partes estruturantes da mente ou aparelho psíquico, além de um terceiro nomeado de pré-consciência. Segundo o psicanalista, a consciência está relacionada com a capacidade do sujeito exercer controle de suas ações, emoções, desejos e sensações, ou seja, um sujeito que está ciente, no controle, de todo o seu mover no processo da relação social. Ao passo que o inconsciente é caracterizado como o campo que é desconhecido e que está fora do controle previsível da consciência, no qual estão contidos os desejos e ações mais sublimadas pelo Ego e Superego, os quais tornam-se conhecidos quando algumas situações rompem a lógica do conhecido, como é o caso do ato falho, do sonho, da terapia, entre outros. Para conceituação do segundo termo, fazemos uma ressalva: considerando a filosofia em três

sociocognitiva discutem que o discurso e o poder são os estabilizadores do controle/dominação, entretanto, tal força controladora é consolidada a partir do acesso que certos grupos têm às práticas de discurso público, as quais combinam conteúdo, gênero, estrutura, e suportes tecnológicos o que tornam audíveis uma voz hegemônica na conjuntura social.

Desse modo, ter controle ou ter poder para controlar os sujeitos, implica segundo van Dijk (2005), ter domínio das competências de discursivização, visto que em sociedade o poder social determina o alcance e a força do discurso nas práticas sociocomunicativas.

Van Dijk (2005, p. 25), discute que “todos os níveis e estruturas do contexto, do texto e conversação podem ser, em princípio, mais ou menos controlados por falantes poderosos”. Diante do que fala o linguista, é possível perceber o jogo estratégico controlador que está embutido nas discursivizações políticas, uma vez que, seus agenciadores<sup>8</sup> são socialmente credenciados (aprovados) a produzirem seus eventos comunicativos. A isso, percebemos construções que ganham cada vez mais formulações estratégicas, imbuídas de uma alta força controladora das práticas sociais e cognitivas, as quais buscam

---

momentos, filosofia antiga, moderna e contemporânea a razão foi conceituada de modos diferentes, entretanto, para esta definição nos pautamos na filosofia contemporânea de Richard Rorty (disponível em: <http://ghiraldelli.pro.br/a-invencao-da-razao>), o qual afirma que a razão tem no mínimo três características. A primeira é a razão técnica, aquela faculdade de adequar meios a fins; a segunda, é razão valorativa, aquela capacidade de hierarquizar e fixar fins e objetivos e a terceira é a razão social, aquela capacidade de sociabilidade liberal, com a qual dizemos “sejamos racionais”, principalmente diante de uma iminente prática de violência. Segundo o filósofo é esse olhar conjunto que explica o que é a razão e a capacidade de ser racional. E para falarmos sobre o último termo “mente”, reportamos a Vygotsky (2001) e Piaget (1999), que numa conceituação dialógica, retrataram a mente como o lugar da cognição, que vem a ser estruturas mentais específicas para o desenvolvimento do conhecimento e da inteligência. Nesse enfoque, o sujeito está sempre em ação, está sempre repensando (acomodando), está em contínuo processo de reorganização (assimilação) da inteligência, visto que esta não seja o acúmulo de informação, mas justamente a reorganização desse conhecimento, o que promove ação direta na maneira como esse sujeito interage com o meio, com o outros e os fatos que o rodeiam, evidenciando um princípio indispensável da cognição que vem a ser a reflexividade na conjuntura sociodiscursiva que o integra. A isso, fazemos saber que seja segundo esse viés da cognição que van Dijk alicerça sua abordagem discursiva, bem como a capacidade de agir na condução ou recondução da ação dos sujeitos.

<sup>8</sup> Em consonância com a teoria sociodiscursiva de van Dijk, Charles Bazerman (2007) em sua teoria sobre gêneros discursivos e seu interesse na dinâmica social da escrita também destaca atenção para o papel daqueles que adquirem o *status quo* social para agenciarem um discurso, e sobre estes atos imputarem suas crenças e valores. O autor destaca que a legitimidade e o poder social que é dado a certos sujeitos sociais, é o que torna capaz de abolir qualquer questionamento a acerca de sua produção, elevando os eventos comunicativos a práticas verdadeiras e absolutas.

exercer um total domínio das mentes, e portanto, desenvolver e promover o controle das massas por meio de um poder hegemônico.

É partindo desse novo espaço de controle do outro, a mente, que consideramos de muita importância a abordagem triádica de van Dijk, para melhor olharmos o papel do sujeito e do discurso nas práticas sociointerativas cotidianas. Pois como discute Bakhtin (2002) o discurso é uma arena, na qual o sujeito desenvolve de modo arquitetado sua ideologia, seu propósito, visando ter poder dentro das práticas comunicativas, uma vez que estas são resultantes do modo como organiza-se uma sociedade.

Para van Dijk, tecer uma análise crítica do discurso faz-se necessário perceber que o discurso é construído dentro e buscando dar conta de uma prática social, a qual passa a ser parte constituinte desse discurso e que é muito importante no processo de interpretação e construção de sentido. A observância desses três aspectos (DISCURSO-SOCIEDADE-COGNIÇÃO) são fundamentais para o desenvolvimento de uma compreensão em um nível mais completo, uma vez que segundo o próprio pesquisador (2005, 2010), nenhuma análise conseguirá dar conta de todos os constituintes de um evento comunicativo.

Ainda sob a discussão de van Dijk (2005, 2010), o discurso não está preso, apenas, ao micro do evento comunicativo, mas alarga-se a uma dimensão macro da constituição do evento. Portanto, o discurso é a reunião interativa das semioses verbais e visuais, das expressões, dos gestos, da interação conversacional, dos valores do contexto social, das relações de poder, das ideologias e de qualquer outra dimensão que venha constituir um evento de comunicação.

Na construção dos modelos cognitivos ou mentais, van Dijk (2012) caracteriza-os considerando duas dimensões: uma pessoal/subjetiva e outra social/coletiva, visto que as crenças, emoções, avaliações e qualquer outra ação da mente e sobre a mente se dá mediante a interação entre o particular (modelo de experiência) e o coletivo (modelo episódico) e é essa bifurcação que consolida as dimensões da compreensão do evento discursivo.

## 2.2 O sujeito e o discurso na tríade sociocognitiva

No que propõe a abordagem triádica de van Dijk (2010), o sujeito articula socialmente duas ações. Para o analista, temos o sujeito do discurso e também o sujeito socialmente constituído pelo discurso, ou seja, o sujeito é considerado desenvolvendo uma força centrífuga e centrípeta na conjuntura sociodiscursiva. Sabido dessa dupla articulação entre sujeito e discurso (comunidade de falantes e contextos distintos), que se tem toda uma particularidade e dinamicidade do exercício social da linguagem.

Mediante a observância de que há uma relação imbricada entre discurso e sujeito é que percebemos como tudo está socialmente vinculado ao sujeito e (profissão, *status*, grupo social, entre outros) constitui também o seu discurso. A isso, vê-se como o poder perpassa uma construção e como tal exerce força nas relações comunicativas, creditando discursos com um maior controle e atingindo um maior número de pessoas.

Segundo van Dijk (2010), o discurso é hoje a maior forma de reprodução da dominação. Diante disso, ter acesso as práticas de discurso público<sup>9</sup>, implica em controle das ações cognitivas. A isso, o linguista discute que as instâncias simbólicas<sup>10</sup> têm aprofundado o conhecimento dos espaços contextuais que

---

<sup>9</sup> O discurso Público é tratado por van Dijk como sendo construções resultantes de grupos ou sujeito societal que tem poder social e que através de suas elaborações potencializam um ponto de vista, uma concepção ideológica e faz desta uma ferramenta de controle. Ainda no que compete a conceituação de discurso público nessa pesquisa, destacamos dois outros aspectos que não se confundem com o vieis aqui recobrado. O primeiro é acerca do conhecimento geral, popularizado, de que discurso público seja uma construção onde todos podem falar. Pela abordagem da sociocognição é de espaço de todos a capacidade de comunicação, mas como nos estruturamos socialmente mediante relações de poder, van Dijk vai dizer que há aqueles que tem acesso para fazer audível concepções ideológicas, as quais potencializam certas formas de organização social em detrimento de outras. E o segundo é para o papel das mídias digitais e sua concepção em tonar público todos os discursos. Sem dúvida este aparato tem estabelecido um novo processo de interação, no entanto, a postagem, o comentário, a troca quase que simultânea não significada que este sujeito tenha poder e acesso ampliando para que seu ponto de vista influencie outros, pois a sua interação já está vinculada, em grande parte a uma conjuntura dotada de poder simbólico, como é o caso do jornal, dos movimentos sindicais e da própria política, ou seja, a ilusão de uma interação simultânea não dá aos sujeitos condições de igualdes de discursos, visto que não seja apenas o acesso a um suporte que dotará um discurso de poder.

<sup>10</sup> As instâncias de poder ou simbólicas são classificadas como aquelas que socialmente validam força e credibilidade as suas práticas comunicativas, que são mídia, a política, a religião, o estado, entre outros.

integram o outro do seu discurso, ou seja, o que pensa, as opiniões, as crenças, as atitudes, a linguagem, com o intuito de exercer o controle sobre um número cada vez maior das atividades desenvolvidas pelos sujeitos nas práticas sociais. Tal estratégia de conhecimento desse lugar discursivo ou contextual que se encontra o interlocutor, bem como suas pseudo necessidades podem ser vistas em um fragmento do discurso de Eduardo Campos proferido em um ato de campanha no Maranhão, rumo ao pleito eleitoral do dia 05 de outubro de 2014.

Quadro 2

Fragmento do discurso de Campos no dia 08/07/14 no Maranhão.

Eu conheço esse Nordeste, esse Maranhão e o Piauí. Não é na casa dos políticos, nem é de um helicóptero, nem de cima de palanque, eu conheço a casa do povo, eu sei de que nosso povo vive, eu conheço a realidade do campo do Nordeste brasileiro. Eu sei o quanto as elites nordestinas sugaram o sangue e o sonho do povo dessa região. Nós temos que oferecer ao Brasil. E é isso que eu e a Marina estamos fazendo. Uma possibilidade, uma chance do Brasil libertar os brasileiros do que acontece hoje em Brasília.

No discurso de Eduardo Campos vemos como este candidato parte de um saber, de certa forma já popularizado que é o caso da disparidade econômica no Nordeste, e que não é de agora, resultantes de aspectos sociopolíticos, mas não apenas, e busca alcançar tal grupo justamente por um lugar de equivalência (cria-se um falso pertencimento mediante um eu integrante da massa nordestina), visto que afirma conhecer, buscando nessa afirmação distanciar-se dessa elite (a qual faz parte), que segundo o candidato sempre negligenciou as necessidades dessa região e credibiliza a possibilidade de mudança associada a sua chegada ao Palácio do Planalto. Esta estratégia de conhecimento do contexto e dos interesses de tais comunidades (Maranhão e Piauí) serviram de alicerce para dar corpo ao discurso demagógico de EC, o qual se propunha agregar eleitores a partir do alcance dos modelos experiências.

Ao desenvolver-se uma análise sobre a constituição do poder através do discurso, vê-se que a consolidação desse poder implica no conhecimento e domínio das particularidades que permeiam a comunidade de falante eleita para ser o interlocutor dessa mensagem. “Portanto, para cada domínio social e situacional pode ser esboçado um esquema discursivo com condições estratégicas de acesso para os vários grupos sociais” (VAN DIJK, 2010. p. 91).

Desse modo, vê-se que aqueles que têm o poder para tornar seu discurso audível tem controlado de modo muito eficiente as diversas semioses, a fim de promover construções cada vez mais próximas do público alvo, bem como constituída segundo um propósito ideológico muito bem consolidado, sejam pelas escolhas estruturais, de gêneros, de seleção de argumentos, de contextos entre outros. Essa via de aproximação tem propiciado melhores condições de manutenção da hegemonia<sup>11</sup>, a qual serve aos interesses de uma minoria dominante.

Diante do controle exercido pelo discurso hegemônico, estabelecer uma força de contra-hegemonia diante da dominação das práticas discursivas não é um ato de fácil realização, pois na maioria das vezes tais construções são consumidas sem nenhuma concessão ou reprovação. Por isso, que a abordagem sociocognitiva de van Dijk dá grande ênfase na análise a observância dos aspectos discursivos, sociais e cognitivos no processo de elaboração e interação discursiva, visto que a desmistificação dos implícitos só são postos em evidência se considerarmos como os aspectos sociais são construídos e recebidos pelos indivíduos via cognição e como estes podem ser postos linguisticamente de modo que determine a ação desse indivíduo que já foi alcançado primeiramente por uma instância ou sujeito societal, a/o qual age determinando todo modelo mental dessa participação em sociedade, seja ela construída via manipulação ou persuasão.

Van Dijk (2000a, 2010) discute que os sujeitos não exercem um papel figurativo em sociedade, controlado, impensante, um simples reprodutor de ideias, mas um sujeito que é reflexivo e constituído por vontades. Essa

---

<sup>11</sup> Sem dúvida, o conceito de hegemonia é muito importante para as ciências políticas e sociais, e é por esse motivo, que van Dijk (2010) chama atenção as análises realizadas por estes campos, bem como de sua relação com análise do discurso e da cognição. Van Dijk (2010) parte de uma noção clássica de hegemonia trazida por Gramsci, mas amplia esse conceito a partir de suas análises acerca dos processos envolvidos na reprodução ideológica e como as pessoas podem agir de livre vontade em prol de um poder que se sobrepõe dentro da conjuntura social. Van Dijk discute que poder de controle (hegemonia) não pode ser olhado atualmente preso a um domínio econômico e político, pois outras formas de poder, que não necessariamente estejam relacionadas a uma estrutura de classe dominante exercem força de controle mediante o alcance as estruturas cognitivas, é o caso então, das elites simbólicas (como os jornalistas, os burocratas, os internautas, os advogados, dentre outros), que socialmente têm acesso preferencial (poder simbólico) ao discurso público, e conseqüentemente poder de agregar sujeitos em torno da manutenção de uma posição minoritária e/ou uma ideologia de dominação social.

perspectiva do autor está em perfeita consonância com as ciências sociais, dentre elas, a ciência política, como é possível depreender no que propõe Renato Lessa (2003) ao afirmar que o que caracteriza um sujeito como um indivíduo social é sua capacidade de vontade, de autonomia moral e auto inspeção e que acredita que aja em si mesmo os requisitos necessários para que ele aja no mundo. É sob esta capacidade de ação própria do indivíduo, que a ACD atua sob as relações de abuso de poder exercidas sociodiscursivamente, violando a autonomia da ação e promovendo proformas de enquadramento desses indivíduos.

Sendo assim, vemos que as várias esferas comunicativas (jornalística, midiática, religiosa, política e outras) desenvolvem uma diversidade de eventos comunicativos, os quais se prestam a uma função social, a isso, é possível concluir que cada novo discurso precisa ser analisado de modo criterioso e singular, a fim de ser observado os determinantes que possam instaurar uma força ilegítima de poder.

### 2.3 Língua um processo de refração

Diante dos pressupostos teóricos da ACD, observamos em que base conceitual de língua fundamenta-se o discurso dentro desse campo de investigação. Para isso, reportamo-nos a concepção filosófica de Bakhtin (2002) na obra **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Nesta, Bakhtin concebe a língua como um fenômeno social (coletivo/participativo) e que toda representação ideológica é fundamentalmente de natureza semiótica. “Todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação ideológica encadeia uma modificação da língua” (BAKHTIN, 2002. p.15).

Ainda segundo o mesmo autor, a língua é subjetiva, onde cada sujeito possui uma representação mental, atualizada a partir da consonância entre a capacidade psíquica e as atividades sociais, as quais se aglutinam mediante experiências similares e comuns na coletividade social. Desse modo, vê-se como a língua estrutura as práticas de comunicação, estrutura o sujeito e estrutura-se.



Compreende-se, portanto, uma língua que é dinâmica, refracionária e conciliadora da face social/ideológica e individual/subjetiva<sup>12</sup>.

Para Bakhtin (2002), na obra **Questões de Literatura e de Estética a Teoria do Romance** o signo linguístico (a palavra/ o discurso) não é constituída(o) de um sentido e significado único, absoluto, destituído da ação imediata social que constitui o sujeito da comunicação. Para o autor, a língua não é uma constituição homogênea, mas plurissignificativa que acontece de diferentes modos nas práticas sociocomunicativas. Com isso, Bakhtin chama atenção para a subjetividade das enunciações, das palavras, dos discursos as(os) quais postas(os) em atividade de comunicação não realizam um sentido fechado e transferível, mas são singularizadas pelo contexto social e pelos interlocutores.

Com a abordagem de língua promovida pelos estudos bakhtinianos, tem-se uma perspectiva de discurso que acontece de maneira muito diversificada, considerando as organizações sociais, as bases ideológicas, os valores, as pretensões, entre outros fatores que atuam e determinam uma plurissignificação em cada ato linguístico-discursivo.

Conceber a língua como um ato ideológico, consiste em uma realização que se dá de modo concreto dentro da conjuntura social, que é afetada pelas práticas e dessa maneira desenvolve relações de sentidos e significados que refletem uma realidade, bem como refrata outras dentro da interação social. A isso, discute Bakhtin em **Marxismo e Filosofia da Linguagem**:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. (2002, p. 31)

Tratar a língua como uma constituição ideológica, segundo Bakhtin, implica no reconhecimento de que a palavra não é a coisa material palpável, mas uma sombra, cuja significação construída poderá concordar com a referência

---

<sup>12</sup> Ao tratamos individual correspondendo com subjetivo não queremos transpor para o social a ideia de objetividade. Mas fazemos essa correlação buscando demarcar a representação particular e psíquica de cada sujeito, que posta em comum nas trocas sociais adentram em uma subjetividade coletiva promotora das constantes refrações.

material ou não, em alguns casos poderá desenvolver uma significação nova a depender da construção ideológico-representativa desenvolvida em sociedade.

Nesse caso é notório a funcionalidade da dinâmica social agindo sobre e por meio da língua. Dessa maneira, é perceptível uma significação que é desenvolvida a partir da consideração dos vários aspectos da ação social, os quais determinaram a prática sociocomunicativa e conseqüentemente como este discurso foi produzido. A partir dessa ampla funcionalidade da língua, Bakhtin vai dizer que compreendê-la, implica em uma análise profunda da conjuntura social e de sua funcionalidade dentro dessa conjuntura social imediata. Visto que a organização social muda com o tempo, muda com os tipos de sujeitos, muda com os fatores econômicos, acarretando mudança também na forma de conceber a significação discursiva.

Ao apontarmos como a língua reflete (apresenta um mundo) e refrata uma ação imediata (constrói-se novas interpretações a partir da heterogeneidade de experiências), somos capazes de perceber como as construções discursivas têm se tornado um espaço de grandes estratégias semióticas, consolidadas com o objetivo de controlar, determinar as ações dos agentes da interação comunicativa. Discute Bakhtin, (2002, p. 95):

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

Para Bakhtin, a língua é um espaço de interação, é uma instância que acontece por meio da atividade social, mediante um processo interacional, mas é também um produto estruturado, possuidor de uma organização interna. A partir do que apresenta essa abordagem, podemos fundamentar uma concepção de discurso, cuja língua em atividade não se constitui por um discurso onde tudo está claro/dado (reflete), mas que muito da significação desenvolvida dependerá da relação do sujeito e de suas experiências dentro de uma prática sociocomunicativa (refrata). Desse modo, podemos conciliar o que aborda a concepção sociocognitiva de van Dijk, e a conceituação social e dialógica de Bakhtin.

Desse modo, vemos como é possível por meio das práticas de comunicação transpor, manipular, modificar as ideias dos sujeitos. É por meio desse apontamento crítico da ACD que buscamos analisar como o discurso político da aliança *Unidos pelo Brasil* foi construído de maneira que fosse capaz de alcançar e agir sobre a elaboração cognitiva pessoal, a fim de obter a adesão desses eleitores a uma falsa ideia de política transformadora, através de um discurso demagógico e de pseudo justaposição entre candidatos.

Para ter-se uma compreensão mais contundente de como a ideologia está vinculada a um discurso e como tais construções podem controlar as mentes, que discutiremos no item seguinte como isso acontece dentro de uma abordagem sociocognitiva.

#### 2.4 Ideologia na perspectiva da tríade discurso-sociedade-cognição

Van Dijk (2005b), faz saber da complexidade do tema (ideologia), bem como das diferentes conceituações apresentadas por diversos campos e em diferentes momentos, a isso van Dijk ratifica que sua proposta de uma nova abordagem sobre ideologia não está desvinculada ou se propõe negar as outras conceituações, mas pelo contrário apresenta esses outros olhares e situa o diferencial de sua concepção. Para essa caracterização, o autor remonta as concepções mais abstratas do século XVIII, que segundo o olhar francês de Destutt de Tracy conceituava ideologia como a ciência das ideias, impossível de ser concreta a não ser dentro da filosofia. Adentrando o século XIX, um outro olhar de ideologia é apresentado por Marx e seus seguidores como Lukács, Gramsci e Althusser. Nessa nova abordagem concreta de ideologia, esta recebe um tom negativo, visto que representava noções de poder e dominação, a qual estava vinculada as classes dominantes/ governamentais, que detinham o controle da economia e dos meios de produção incluindo os meios de reprodução de ideias. Na influência trazida por Marx, Gramsci ao propor as relações entre sociedade e ideologia, trata como relações de hegemonia e vê as ideias de dominação não mais por relações de imposição, mas através do manejo das mentes dos cidadãos por um viés persuasivo de consenso sobre

uma ordem social. Em Althusser, essa relação de controle social assenta-se no poder do estado, o qual centraliza essa onipotência em sociedade mediante uma força repressora/punitiva e outra ideológica não coercitiva.

Diante desse olhar marxista e neomarxista e suas variantes que outros debates sobre ideologia foram desenvolvidos, como é o caso das noções mais inclusivas e menos negativas que afloraram na segunda metade do século XX, cuja definição de ideologia passa pela noção de “sistemas de ideias (sociais, culturais e políticas) e valores ou princípios que organizam e legitimam ações de grupos sociais” (VAN DIJK, 2000b, p.16). É nesse campo, que van Dijk desenvolve sua abordagem sobre ideologia como sistema de crenças alicerçada na tríade discurso-cognição-sociedade. Sob esta conjuração, as “ideologias são conjuntos de ideias específicas (pontos de vistas)<sup>13</sup>, e portanto, objetos “mentais” (p.46)<sup>14</sup>.

No âmbito do que discute van Dijk (2000b), essas ideologias permeiam a sociedade através dos compartilhamentos discursivos, que são construções de elaboração mental constituídas de valores capazes de agir sobre os sujeitos e determinar ações e organizações sociais. Desse modo, vê-se como é dialógica a relação discurso, sociedade e cognição e como essa tríade determina a formação ideológica pessoal e coletiva.

Na compreensão dessa abordagem ideológica desenvolvida por van Dijk (2000b), faz-se necessário a observância de algumas especificações tratada pelo pesquisador. A primeira é que a ideologia sendo resultante do social/ das relações, estrutura-se e materializa-se dentro das práticas pela via do discurso, entretanto, não se reduz a função do discurso a tal, ou ainda, que ideologia só se materialize pelo discurso, no entanto, sendo a ideologia o produto de uma ação discursiva, esta alcança os sujeitos em suas representações cognitivas. Segundo é de que a depender dessa conjuntura social a crença ideológica tem diferentes influências sobre os sujeitos e terceira, que cada sujeito desenvolve um modelo experiencial de certas crenças e valores, mas nunca desenvolve uma

---

<sup>13</sup> Grifo meu.

<sup>14</sup> Las ideologías son conjuntos de ideas específicas y por tanto objetos “mentales”.

ideologia particular, visto que sua inserção social e cultural determinam o compartilhamento ideológico e sua identificação com/na coletividade.

Desse modo, o discurso atua dentro da ação sociocomunicativa como uma prática de promoção (atualização) da ideologia que ao ser posta em interação por meio da prática comunicativa age sobre a cognição social (refere-se a combinação de representações mentais socialmente compartilhadas e os processos de uso em contextos sociais)<sup>15</sup> e conseqüentemente sobre a construção representativa dos indivíduos, o que significa dizer que “as ideologias permitem as pessoas, como membros de um grupo, organizarem a multiplicidade de crenças sociais acerca do que acontece de bem ou mal, correto ou incorreto e segundo elas agirem” (VAN DIJK, 2000b, p.21)<sup>16</sup>.

Van Dijk (2000b) também discute que sendo os fatores socioculturais, históricos, políticos, dentre outros, os responsáveis pelas múltiplas ideologias, essas podem ser desenvolvidas a partir de construções que buscam alcançar os modelos de outrem, a partir de práticas de discursos que buscam levar os sujeitos ao desejo de apoiar uma causa (desse modo infunde-se o pertencimento), de agir em prol dela (determina-se os modelos de cognição) e de instaurar sua vivência (propaga-se dentro da coletividade suas estruturas) como crença comum.

Outro aspecto importante que van Dijk (2000b, 2012) chama atenção é para o caráter pessoal que difere das abordagens tradicionais de ideologia. Segundo o autor, cada sujeito possui experiências, (sociais, históricas, culturais, políticas, entre outras) as quais o particulariza e que dessa maneira leva-o para uma interpretação ideológica considerando tudo que o constitui e dessa maneira determinando sua interpretação. A isso, podemos dizer que as ideologias são constituídas por uma dimensão mais global/social (os conflitos, as desigualdades sociais) e outra mais cotidiana/individual (as práticas situadas da vida), possibilitando a variação dessa ideologia (aqui retratada pelo véis axiológico).

---

<sup>15</sup> O termo é usado por van Dijk (2000b) com a seguinte conceitualização: “el término cognición social para referirme a la combinación de representaciones mentales socialmente compartidas y los procesos de su uso em contextos sociales.

<sup>16</sup> Las ideologías les permiten a las personas, como miembros de um grupo, organizar la multitud de creencias sociales acerca de lo que sucede bueno o malo, correcto o incorrecto, según ellos, y atuar em consecuencia.

Pois a depender da comunidade social, dos falantes, do conhecimento, das crenças entre outros, a representação mental de dada ideologia será elaborada de modo particular, o que promove os diferentes pontos de vistas de uma mesma perspectiva ideológica.

Van Dijk (2000b, 2012), a fim de explicar como se dá essa dimensão pessoal da ideologia, desenvolve a teoria dos modelos mentais, que são classificados em contextuais, experienciais e episódicos sociais ou memória semântica. Esses modelos são as representações de diferentes ações, acontecimentos e experiências que são armazenadas durante toda vida na memória, a partir das mais diversas e variadas práticas interativas. Segundo o autor, esses modelos são postos em conhecimento pelos vários eventos discursivos realizados pelos grupos de indivíduos. A essa particularização dos modelos, van Dijk (2000b, p108) caracteriza:

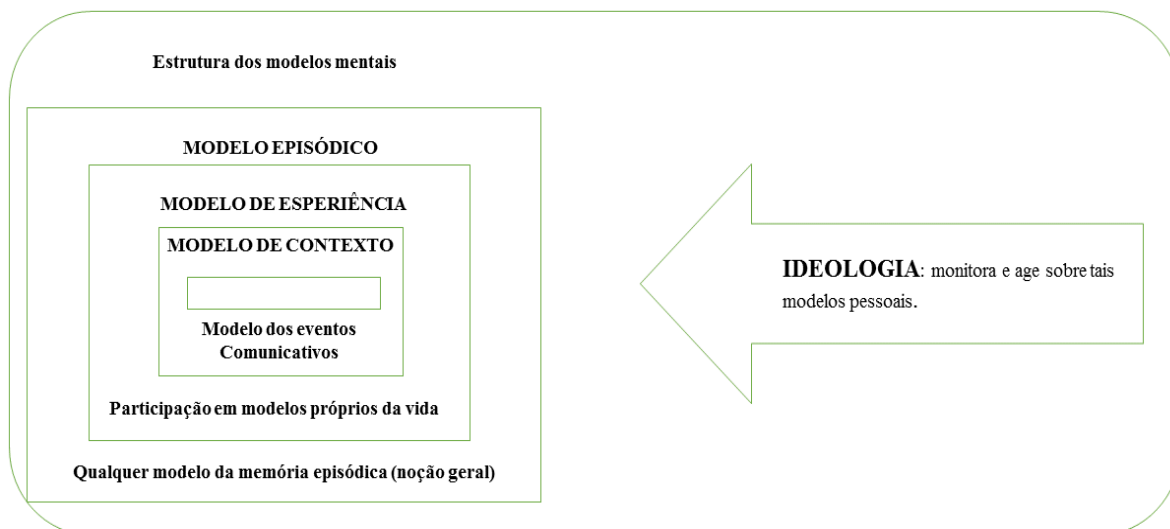
Os modelos são essencialmente pessoais e subjetivos. Eles compreendem as interpretações pessoais e as experiências das ações, os acontecimentos e os discursos sobre tais episódios e isto é válido para todas as práticas sociais. Esta dimensão pessoal pode ser o resultado de experiências prévias (veja modelos que estão sendo ativados ou postos ao dia) que constituem a história pessoal de cada indivíduo, do mesmo modo que outras representações pessoais (personalidade, opiniões pessoais, etc.) mas gerais ou abstratas<sup>17</sup>.

A elaboração desses modelos implica em uma subdivisão que é subjetiva a cada indivíduo. Veja no quadro abaixo como van Dijk (2000b) estrutura esses modelos:<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Los modelos son esencialmente personales y subjetivos. Ellos comprenden las interpretaciones personales y las experiencias de las acciones, los acontecimientos y los discursos sobre tales episodios, y esto es válido para todas las prácticas sociales. Esta dimensión personal puede ser el resultado de experiencias previas (viejos modelos que están siendo activados o puestos al día) que constituyen la historia personal de cada individuo, del mismo modo que otras representaciones personales (personalidade, opiniones personales, etc) más generales o abstractas.

<sup>18</sup> O quadro demonstrativo é uma construção particular dessa pesquisa, elaborado com o objetivo de desenvolver uma representação de como van Dijk enxerga a organização dos modelos e como a ideologia permeia-os.

**Quadro 3** Adaptação da estruturação teórica dos modelos mentais

Van Dijk (2000b, p. 108).

Por meio da elaboração dos modelos mentais, vê-se que a ideologia atua na interface desses modelos na mente, os quais ganham materialidade pelo discurso. Desse modo, a ideologia funciona quase como um fio que tece e perpassa todas as etapas dos modelos. Entretanto, essa tomada de consciência não é tão clara, pois o sujeito pode estar imerso em uma dada ideologia e nem se perceber como esta tem determinado e controlado suas práticas sociais. Essa não percepção de uma ideologia acontece devido a maneira sutil e natural que elas são acomodadas nas representações discursivas socialmente compartilhadas.

Partindo da compreensão de que a ideologia é posta socialmente pelo discurso, que van Dijk(2000b) chama atenção para sua produção e reprodução na interação social. Para o linguista “o discurso permite a expressão direta das ideologias (p.245)”. A partir de tal conceituação, entende-se que os discursos, como esse lugar de consolidação ideológica, integram de maneira harmônica as micros e as macros estruturas sociais, as quais permitem as condições de existência de um ato discursivo, visto que este é produzido buscando atender a domínios e situações específicas de acordo com o propósito discursivo-ideológico pretendido. É diante disso que o autor conceitua “o discurso como um evento comunicativo específico e particular (p. 246)”. Essa particularização

ocorre tanto pelas condições de produção como também pelas condições de interpretação.

Essa abordagem tem papel significativo na compreensão da maneira como os atores sociais constroem e reproduzem uma ideologia por meio do discurso. Ou seja, propõe-se uma abordagem que descentraliza a análise das estruturas do discurso, apenas, e propõe-se uma análise que dialoga com outras áreas integrando os aspectos cognitivos, sociais, políticos, históricos e culturais dos processos ideológicos, em que cujo discurso é um desses processos de reprodução.

Quando van Dijk (2000b, p.207) propõe uma teoria de base cognitiva e discursiva do processo ideológico, também chama atenção para o aspecto crítico do seu enfoque, visto que busca explicitar as forças de dominação e desigualdade social que são legitimadas através do discurso dentro das práticas sociocomunicativas (ressalva-se que ideologia não é vista em van Dijk como algo inevitavelmente negativo, pois estas podem ser de resistência, pode promover a coesão interna de um grupo, dentre outros). É subsidiados por esse viés crítico da sociocognição e pela seleção de algumas categorias (acesso, poder, contexto, ideologia) que buscaremos desvelar que ideologia os atores sociais Eduardo Campos e Marina Silva buscaram desenvolver por meio de uma pseudo ideia de política transformadora a moldes de um discurso de aparência justaposto.

Sendo o discurso um evento de produção social, controlar o discurso é sinônimo de acesso às mentes dos indivíduos, e portanto, poder de controle social das ações. Van Dijk (2010, p.20) ratifica esse controle das ações pessoais no trecho seguinte:

O controle da mente envolve muito mais do que apenas a compreensão da escrita ou da fala; envolve também o conhecimento pessoal e social, as experiências prévias, as opiniões pessoais e as atitudes sociais, as ideologias e as normas ou valores, entre outros fatores que desempenham um papel na mudança de mentalidade das pessoas.

Desse modo, o discurso público é produzido mediante estratégias que demarcam a formação ideológica de um dado grupo social, bem como seus interesses ao serem postos na interatividade comunicativa, vejamos como o



discurso expõe um pertencimento ideológico e ao mesmo tempo busca exercer um controle sobre a mente dos interlocutores em algumas falas de Eduardo Campos na sabatina da Folha de São Paulo em 2014:

Quadro 4

Fragmento da sabatina do dia 16 de julho de 2014.

...A verdade é que o Brasil deseja mudar. O Brasil vai tirar Dilma porque esse modelo esgotou-se. Mas o Brasil quer botar alguém que vai levar o país pra um futuro...

... Nós vamos fazer escolhas diferentes...

... Nós somos a via pra tocar o Brasil em frente...

... Eu não tô vendendo ilusão até porque eu tenho formação de gestor público, quem mais conhece sabe que eu não costumo vender ilusão. Eu sou muito objetivo, eu transformo os programas de governo em projetos objetivos para serem implantados...

No exemplo acima, vemos que Eduardo Campos em uma condição de acesso privilegiado a produção de discurso público, desenvolve seu propósito de chegar à liderança governamental do País (o topo do poder político), por meio de uma afirmativa que privilegia seu interesse a moldes demagógico, o qual é configurado como o desejo do Brasil (sinônimo de sociedade) em mudar. Mas de mudar o quê? De que maneira? Ou estaria a sociedade trocando apenas de candidato, uma vez que EC impõe a sociedade a retirar Dilma Rousseff da presidência, pois a não aceitação desse governo resultaria em uma ruptura com um modelo que não propõe mais condições de crescimento e desenvolvimento.

Como tem-se observado, a potencialidade discursiva está atrelada à forma de produção, ao tipo de acesso das situações sociais, a quem dá voz a discursivização e o meio de circulação desse ato discursivo em sociedade.

Para van Dijk (2000a, 2000b, 2010), o discurso é produzido sob uma ampla força social, o que o leva destacar uma “teoria” de análise que considere os fatores múltiplos constituintes do evento discursivo, a fim de tornar conhecido todas estratégias de consolidação de um propósito controlador e dominante de consumo de uma ideologia minoritária e abusiva.

## 2.5 As estratégias de manipulação/persuasão do discurso público

Um evento discursivo é construído a partir da interação de diferentes aspectos como o linguístico, o discursivo, o textual e outros, os quais de modo cooperativo efetivam a totalidade e o efeito desse ato dentro das práticas sociais. Desse modo, o discurso é produzido mediante escolhas e combinações, as quais estrategicamente potencializam a mensagem, e conseqüentemente buscam acessar as mentes, por meio de um controle que se dá (em grande parte) de maneira impercebível via manipulação ou persuasão.

É amparados no reconhecimento desses diferentes aspectos constituintes do processo de produção, que privilegiamos, aqui quatro categorias discursivas de van Dijk (acesso, contexto, poder e ideologia), a fim de compreendermos melhor como estas foram usadas na construção discursiva dos presidenciáveis na promoção de um propósito político-partidário, o qual foi estrategicamente posto em sociedade a moldes de uma discursivização que aparentemente privilegiasse os interesses políticos dos brasileiros, o que seria responsável pela aliança, a qual se propunha unicamente em mudar o cenário político brasileiro.

Destacamos ser importante a compreensão dessas categorias a partir do entendimento de que o discurso é uma conjuntura que agrega força ilocutiva (constituído de poder), capaz de determinar ações e concepções sociais.

Van Dijk ao falar em acesso discute que em sociedade ter condições de dizer, para quem dizer, em que contexto dizer não é uma prática fácil e acessível a todos, visto que o discurso público pode ser considerado como um recurso de valor social. Isso leva-nos a compreender que a produção discursiva é o resultado de um amplo poder de alguns grupos sociais. Desse modo, o discurso é elaborado mediante condição privilegiada (uma vez que aquele que produz pode-se utilizar de informações, de afirmações, de dados, do lugar e de outros fatores, os quais não são de acesso de todos), o qual ao ser posto na prática social consegue envolver dada esfera ou comunidade de falantes.

Ao discutirmos sobre como o discurso é produzido buscando ter acesso aos modelos mentais dos sujeitos, experiências, conhecimentos, opiniões e até

da ideologia, percebemos que a abordagem sociocognitiva de van Dijk vê ideologia, não, apenas, como uma força dominatória, absoluta e abusiva, como se caracterizava em muitas teorias marxistas e neomarxistas, mas importante no funcionamento da conjuntura social, as quais podem ser acessadas e reformuladas. A isso, van Dijk (2000a, p.53) apresenta:

[..]Ideologias devem ser fundamentais para além do meu grupo geral e abstrato. Não se diz diretamente para cada membro social, como agir em cada situação, mas sim, servem para que os grupos desenvolvam representações compartilhadas, gerais e mutuamente coerentes em grandes domínios ou problemas importantes da vida social e cultural[...]<sup>19</sup>

As ideologias são modelos conceptuais básicos de cognição social, partilhados por membros de grupos sociais, constituídos por seleções relevantes de valores socioculturais e organizados segundo um esquema ideológico representativo da auto definição de um grupo. Para além da função social que desempenham ao defender os interesses dos grupos, as ideologias têm a função cognitiva de organizar as representações sociais (atitudes, conhecimentos) do grupo, orientando assim, indiretamente, as práticas sociais relativas àquele e, conseqüentemente, também as produções escritas e orais dos seus membros.

Diante disso, as ideologias funcionam como diretrizes para a percepção e interação social, o que nos leva a concluir que elas não são intransponíveis, mas relativamente estáveis e possíveis de serem superadas/ confrontadas através dos diferentes modelos de cognição que os sujeitos elaboram dentro das atividades sociodiscursivas.

Segundo essa conceituação, a ideologia é construída no discurso por meio do poder social que dados grupos possuem, o que faz com que um discurso seja mais poderoso que outro, ou que exerça mais controle que outro. É partindo dessa premissa que essa pesquisa em seu arcabouço geral busca despertar no interlocutor uma leitura crítica acerca dos princípios ideológicos elitistas que compuseram o discurso dos presidentes da chapa *Unidos pelo Brasil*, através de uma análise que ponha em evidência como tais candidatos usaram estrategicamente o seu poder social para potencializar um pseudo discurso de justaposição.

---

<sup>19</sup> Las ideologías deben ser fundamentales además de muy generales y abstractas. No le dicen directamente a cada miembro social cómo actuar en cada situación, más bien sirven para que los grupos desarrollen representaciones compartidas, generales y mutuamente coherentes en dominios grandes o problemas importantes de la vida social y cultural.

Para a construção de uma leitura mais clara sobre o discurso-proposta dos candidatos, abordaremos no tópico seguinte, amparados pela filosofia política, como o não domínio social das questões político-ideológicas têm desenvolvido uma sociedade refém de partidos que buscam seus próprios interesses, independente de qual seja o arranjo ou o acordo partidário para chegar-se a tal propósito. É com o intuito de chamar atenção para essa pobreza política, que discutiremos no capítulo seguinte a importância de uma sociedade que reflita politicamente para que seja capaz de romper com os discursos manipulativos de aparência coletiva, mas que são na verdade a voz de interesses partidários.

### 3. O EMPOBRECIMENTO POLÍTICO-DISCURSIVO: um ato de envenenamento social

A ignorância, a cobiça e a má fé também elegem seus representantes políticos.  
(Carlos Drummond de Andrade)

Como vem sendo dito nesta pesquisa, a ACD enquanto método de análise entrecruza-se com várias dimensões do saber, a fim de tornar o sujeito ciente das opacidades que caracterizam um evento discursivo (VAN DIJK, 2000a, 2000b), e mediante este desnudamento possibilitar condições para que o indivíduo possa atuar de forma crítica, de modo que o seu ato responsivo seja um ato emancipatório e não manipulador (DEMO, 2006), efeito de uma elaboração reducionista de um evento discursivo agenciado pelo poder de instâncias hegemônicas (VAN DIJK, 2010).

A discussão ideológica de van Dijk (2000b, 2010), apresenta-nos que o acesso desigual entre indivíduos da coletividade social e instâncias de poder às estruturas de força social, bem como às estratégias de elaboração discursiva têm promovido uma larga disparidade entre as classes, visto que há discursos que são validados e consumidos socialmente por serem resultados da elaboração dessa massa minoritária que dentro da conjuntura sociopolítica possui um *status quo* de poder.

É partindo desse reconhecimento de um acesso<sup>20</sup> que em muitos casos é o responsável pela credibilidade a certos eventos discursivos e não credibilidade a tantos outros, que chamamos a atenção para a instauração e demarcação do discurso político como uma construção de poder, o qual é credenciado perante as estruturas de dominação social. A essa discussão discorre van Dijk (2010, p. 84):

Crucial no exercício do poder, então, é o controle da formação das cognições sociais por meio da manipulação sutil do conhecimento e das crenças, a pré-formulação das crenças ou a censura das contra

---

<sup>20</sup> Tomamos o termo “acesso” como uma categoria de estudo da sociocognição, o qual faz referência a capacidade de duplo significação do termo. Por um lado o acesso do locutor a técnica e por outro o acesso desse discurso sobre a cognição do interlocutor. É mediante a essa bifurcação do acesso que o discurso ganha poder e determina ações.

ideologias. Essas reformulações formam a ligação cognitiva essencial entre o poder social em si e a produção e a compreensão do discurso e de suas funções sociais no exercício do poder.

Tomando o discurso como a elaboração que determina a representação social, e que é por este que os indivíduos se constroem de maneira ideológica, cultural, histórica e social, como também constroem suas relações dentro das práticas sociais (VAN DIJK, 2012), que é de grande notoriedade retomarmos as discussões propostas no capítulo anterior acerca da elaboração do discurso público (de modo particular o discurso político), buscando a partir de então, discorrer com mais detalhe como tais práticas têm difundido uma ideologia elitista/minoritarista, ao longo dos anos, promovendo construções discursivas excludentes, uma vez que o propósito ideopolítico de tais eventos discursivos visam manter a dominação.

Ao reportarmos à fala de van Dijk (2010) sobre ilegitimidade de poder ou abuso de poder pelas vias da discursivização, é possível tecer um amplo diálogo com Pedro Demo (2006) no que confere a emancipação de um sujeito político através da capacidade crítico-reflexivo. Pois discute Demo, que um sujeito que tenha conhecimento refletido integre uma massa manobrada.

Segundo a sociocognição, a compreensão e a interação do indivíduo com as representações sociodiscursivas se dão a partir de modelos cognitivos. A isso destacamos o papel da análise do discurso em promover para o sujeito a superação de certas estruturas ideológicas, a fim de possibilitá-lo a ampliação e reacomodação desses modelos, e portanto, viabilizar conhecimento e capacidade discursiva para que os indivíduos sejam capazes de romper com o silêncio (sinônimo de ignorância) que os aprisionam a ideologias reducionistas. Sobre tal reducionismo discute Pedro Demo (2006, p. 1-2):

A exclusão mais comprometedora não é aquela ligada ao sucesso precário a bens materiais, mas aquela incrustada na repressão do sujeito, tendo como resultado mais deletério a subalternidade. O nível mais profundo de pobreza política é, assim, a condição de **ignorância: o pobre sequer consegue saber e é coibido de saber que é pobre.** [...] Falamos aqui da **ignorância produzida socialmente** como tática de manutenção da ordem vigente e que faz o pobre típica massa manobrada.

Retomando o papel do desenvolvimento e da importância da consciência crítica na formação política de uma sociedade, que Pedro Demo (2006) propõe

três pontos que favorecem a manutenção de uma massa de manobra nutrindo os ideais de uma minoria que impõe um agir social de cima para baixo. O primeiro é a exclusão como resultado de bens materiais, o segundo é a pobreza política mediante a ignorância discursivo-ideológica e terceiro a manutenção de uma massa manobrada.

Olhando para esse primeiro ponto de maneira ampliada, ancorados no que discute Pedro Demo, vemos que as sociedades contemporâneas herdeiras das ideias de poder dominante do capitalismo, convencionou exclusão, apenas, a bens de consumo, a elementos externo ao sujeito. Tal redução furtou dos sujeitos sua capacidade de conhecer, de argumentar, de refutar, de possuir um espaço de condições igualitária de discussão em sociedade, o qual deveria funcionar como a base estruturante da política com medidas vindas de baixo para cima, entretanto a política de moldes elitista/dominante/partidária, atrofiou e reduziu os seres a equiparassem a coisas e valerem o que possuem, e sendo assim, neutralizaram aquilo que ameaça uma política minoritarista, que é a capacidade crítica do sujeito. Desse modo, a capacidade de indivíduo pensante e reflexivo foi subjugada e condicionada a grupos de maior poder simbólico e capital, os quais ao desenvolverem uma política vertical dirigem os movimentos e organizações sociais de uma coletividade, possuidores de uma grande ignorância, porque desconhecem seus direitos, suas necessidades e seu poder em sociedade e de sua força para transformar pobreza política em “qualidade política<sup>21</sup>”.

Entretanto, diante dessa grande ignorância política da coletividade, o discurso político minoritarista ganha força pelo argumento de que os sujeitos não são capazes de desenvolver ação coletiva e colaborativa, bem como de decidirem por si e serem capazes de participar socialmente de maneira equiparada. Vejamos como essa ideia está posta na aparente proposta da *nova política* da chapa *Unidos pelo Brasil* em um fragmento do discurso de Marina Silva no debate da TV Globo no dia 28 de setembro 2014:

---

<sup>21</sup> Segundo Pedro Demo (1999, p 31) qualidade política é o oposto de pobreza política, “designando especialmente a dinâmica da cidadania individual e sobretudo coletiva. Implica a capacidade de construir consciência crítica histórica. Organizar-se politicamente para emergir sujeito capaz de história própria e arquitetar e impor projeto alternativo de sociedade”.

**Quadro 5** Fragmento do discurso de Marina Silva no dia 28/09/15

...A minha proposta em relação aos programas sociais é de que eles devem ser estendidos para alcançar a maior parte da população que ainda não foi alcançada. No caso do bolsa família, ainda faltam 4 milhões que estão cadastrado e não foram alcançados, e nós temos uma proposta que é dar o décimo terceiro salário para aquelas pessoas que hoje recebem o bolsa família, pois a pior coisa que tem é chegar ao natal e não ter como sequer dar uma ceia para o seu filho. Nós, no nosso governo, vamos dar o décimo terceiro salário para o bolsa família, que isso vai melhorar a condição de vida das pessoas...

No fragmento acima vemos como Marina Silva está de acordo com uma política de exclusão, reduzida a uma campanha tutelada, proposta que em nada melhora a condição de pobreza de uma sociedade, pois não é a garantia do Bolsa Família que promoverá melhor condição de vida. Pois que condição de vida está sendo proposta, que mantém uma grande coletividade refém de um assistencialismo, sem acesso as suas reais necessidades e atualizam medidas que marcam com mais força a centralidade de poder em uma elite, que busca governar de cima para baixo? Esse tipo de proposta mantém um povo que não oferece riscos à política de dominação, visto que os seus senhores mantêm a posse do outro mediante a supressão de sua capacidade de conhecer e argumentar, e desenvolve “uma política pobre para pobre” (DEMO, 1999, p. 47).

No segundo ponto, a ignorância política ou a pobreza política é um resultado histórico, onde a coletividade é marginalizada e manipulada por políticas sociais que oferecem migalhas e desse modo conseguem a adesão política do pobre. A ignorância é um dos pilares que distancia ainda mais o eleitor do representante político, pois cada vez mais vê-se que aqueles não encontram referências nesses. É o caso dos nossos parlamentares que aumentam ainda mais o fosso da distância entre sociedade e figura política, visto que seja notório a continuidade de discursos que não se materializam pós-campanha, diante dessa estruturação política, dois fatores, dentre outros, têm acentuado a ignorância política; a primeira é a crescente política de troca, ou seja, eleitor busca extrair recursos em troca do voto, e segundo, é o desinteresse sempre maior da sociedade das questões políticas, pois instaurou-se uma naturalização de que é assim e não tem mais jeito. Essa ignorância retira do sujeito sua capacidade de agente modificador, pois como se sabe, “o sistema teme um pobre que sabe pensar”, (DEMO, 2006. p. 3).



Quanto ao último ponto, chamamos atenção para a perduração da supressão das condições de democracia e de autonomia de uma sociedade. Pois como discute Pedro Demo (2006), há uma elite de decisões políticas e de arrumação do cenário macro que não tem interesse de libertar o povo de suas condições de ignorância, visto que seja pelo seu desconhecimento que este seja manobrado e mantenha o *status* de poder dominador de uma política de elite. A isso fala Pedro Demo (2006, p. 32).

A condição de massa de manobra faculta o surgimento e a manutenção de “famílias reais” na esfera política, à medida que tendencialmente os mesmos se elegem e reelegem, comandam presente, passado e futuro da sociedade, à revelia de processos pretensamente democráticos de acesso ao poder.

Incluir politicamente uma nação não passa pelo crivo de práticas assistenciais, “da cidadania tutelada” (DEMO, 2006), pois, isso, pelo contrário condiciona o indivíduo a ser cativo de tais migalhas e pior, a conformar-se com o que lhes assiste, entretanto, essa prática é mais barata e menos ameaçadora. Prática essa, que se pode ser exemplificada na pseudo proposta de nova política da chapa *Unidos pelo Brasil* como está posto ora no discurso de Eduardo Campos no dia 12 de Agosto no Jornal Nacional: “...nossa intenção é ampliar o bolsa família e fazer pelo Nordeste o que a presidenta poderia ter feito...” ora no discurso de Marina no dia 10 Setembro no Diário de Pernambuco: “acreditamos, e vamos fazer a educação de tempo integral. Vamos construir as creches para que as mães deixem seus filhos. Vamos trabalhar para que o país recupere sua credibilidade”.

Sem a ruptura do estado de ignorância para o de consciência crítica (ser agente), os sujeitos são amputados de sua condição de cidadão, visto que sem saber pensar-reflexivamente, sem saber articular-se e sem ser capaz de apresentar alternativas, estes perdem sua força na conjuntura social e acabam ficando preso a uma política cada vez mais assistencial e que oferece serviços precários para uma sociedade pobre.

Pedro Demo (2006) chama atenção para o papel do analista e das práticas de análise, pois segundo o autor não se tem socialmente a consciência dessa pobreza política, cabendo portanto, aos meios de promoção do saber

consolidar essa crítica e alargar ou em alguns casos aguçar a capacidade crítico-reflexivo dessa massa.

Ainda no que discute Demo (2006), a pobreza política é o reflexo de uma autonomia assaltada, de práticas discursivas que manipulam os sujeitos a só se preocuparem com a falta do que veem. Mediante essa ilusória necessidade é que se desenvolve e se massifica uma sociedade limitada de seu poder de participação e decisão das atividades ideopolítica do país.

Partindo da compreensão de que nos organizamos socialmente em uma conjuntura de classes, a qual não se estrutura simetricamente, mas mediante práticas de desigualdade, que destacamos a importância da atuação de cada sujeito mediante o empossamento de sua consciência crítica de poder, para assim romper a fronteira da ignorância política e estabelecer uma sociedade que enfrenta o fosso da desigualdade social, mediante o conhecimento de seu contexto sociopolítico concreto.

Em consonância com a discussão política de Demo, van Dijk (2010) discute que quando os indivíduos são limitados da reflexão, esses passam a ser reduzidos a um protótipo de manutenção da ideologia hegemônica, ou como fala Demo, uma “massa de manobra”. Essa massa manobrada é cada vez mais silenciada quando os líderes políticos assumem essa voz social como o elemento motriz de sua campanha e fazem das vozes daqueles o discurso destes e desenvolvem, portanto, a ilusão de estarem tornando audível uma realidade da grande coletividade, entretanto, o que se tem nesses discursos é uma recriação de tal realidade, que postas sobre os interlocutores recebem como verdades e como construções que os representam, e desse modo mantêm-se a dominação e manobrando os sujeitos dessa coletividade macro. Reportemo-nos a dois fragmentos dos Presidenciais PSB-Rede 2014, a fim de se compreender discursivamente como essa estratégia de manobra é recorrida também por EC e MS:

Quadro 6 Fragmento do discurso de Campos (Folha de São Paulo 17/07/14) e Marina (JC 01/10/14)

...na verdade, só há uma promessa, que é melhorar a vida do povo brasileiro. A sociedade brasileira tem apresentado na internet, nas ruas, uma nova pauta, que é a pauta da educação, da melhoria da assistência da saúde, que está um horror no país, a violência que cresce nos quatro cantos...

...eu sei que a sociedade brasileira tem um desejo profundo de mudança e quer mudar várias coisas. Quero mudar em primeiro lugar a qualidade da política, que as instituições funcionem, que os políticos de fato possam representar a nossa população, naquilo que ela quer ser representada, na saúde, que hoje não funciona, na educação, que hoje cria desigualdade de oportunidade para os nossos filhos, para os nossos netos. Na proteção do meio ambiente...

Como vê-se atualmente, é crescente o número dos sujeitos que têm cedido a uma política posta como acabada, de cima para baixo, a práticas que reduzem o ato democrático participativo a uma simples representação por meio do voto. Esse reducionismo empobrece uma nação, pois fica subjugada ao poder de um discurso demagógico, que se apresenta como resultante das emergências advinda da sociedade. Isso é notório no exemplo 4: quando Eduardo Campos constrói seu discurso afirmando a ordem (quero mudar em primeiro lugar...) e o que precisa ser mudado para que a sociedade mude. Mas perguntamos: mudar de que maneira se o que é falado sobre a sociedade não vem dela, mas do que os partidos querem que a sociedade veja como necessidade, ou ainda, podem até trazer as insatisfações externas da sociedade, mas pouco ou quase nada é feito depois da campanha.

É sabido historicamente que quando o povo em sua dimensão macro é consciente de seus atos e decide lutar por eles, tal ação tem mais força e possibilidade de êxito, visto que as elites do poder têm a consciência da força decisória do povo. Podemos justificar essa posição com o movimento das diretas já<sup>22</sup>, tal manifestação anunciava a insatisfação de uma massa privada de participação sociopolítica, como também postulava o desejo democrático destes. Diante de tal afirmação social esse movimento promoveu grandes impactos no cenário político brasileiro. Pois a insatisfação da sociedade com o cenário atual da década de 1980, a qual se fazia saber por meio do manifesto da sua vontade em ter uma possível voz que representasse a política de baixo para cima e que

<sup>22</sup> **Diretas Já** foi um dos movimentos de maior participação popular, da história do Brasil. Teve início em 1983, o qual propunha eleições diretas para o cargo de Presidente da República, visto que desde a implantação do Regime Militar em 1964, o povo só havia tido eleições direta para presidente em 1960.

fosse capaz de romper com as imposições outorgadas da ditadura e do congresso. Essa ação impactava as estruturas da política e desestabilizava um governo de centralidade congressista e ditatorial.

No entanto, quando o povo não tem conhecimento claro do que é requerido, bem como dos processos necessários para que o que seja cobrado seja efetivado, esses são manobrados por medidas partidárias que logo recobram seu lugar de controle e promovem o apagamento de uma coletividade, que buscou rapidamente sair da passividade de uma política de cima para baixo. A isso, podemos citar as manifestações políticas do ano de 2013, na qual milhões de brasileiros foram às ruas reivindicar condições essenciais de equidade social, no entanto, logo foram calados por um governo que teceu medidas emergenciais que não mudaram em nada o cenário político brasileiro, visto que tais propostas mantiveram-se no plano do discurso.

Tal controle de milhões, serve para exemplificar a ignorância/pobreza política da nação brasileira, como também solidifica a proposta de reabilitação da criticidade política aqui discutida, pois se a consciência crítica de tal massa tivesse sido a impulsionadora destes, as ações 2013 teriam se postulado como atos de rupturas e promovido a construção de um novo panorama político-nacional, o qual teria grande importância e impacto sobre a maneira como as coligações partidárias fazem sua política de moldes, a fim de conseguirem consolidar os seus interesses.

Arranjos partidários que podem ser rapidamente percebidos ao olharmos como os 35<sup>23</sup> partidos são reduzidos a três PMDB (Partido do Movimento

---

<sup>23</sup> PDT -Partido Democrático Trabalhista (1981), PC do B -Partido Comunista do Brasil (1922), PR-Partido República (2006), DEM -Democratas, **antigo PFL Partido da frente Liberal** (fundado em 1984 e renomeado em 2006), PMDB -Partido do Movimento Democrático Brasileiro (1980), PSB -Partido Socialista Brasileiro (1947), PPS -Partido Popular Brasileiro (1992), PP -Partido Progressista **-EX-PPR -Partido Progressista Reformador** (1995), PSDB -Partido da Social-Democracia Brasileira (**fundado por políticos que se desvinculou do PMDB**) (1988), PT -Partido dos Trabalhadores (1980), PSTU -Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (1994), PV -Partido Verde (1986), PTB -Partido Trabalhista Brasileiro (1979), PCB -Partido Comunista Brasileiro (1922), PSOL -Partido Socialismo e Liberdade (2004), PRTB -Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (1997), PSD -Partido Social Democrático (2011), PT do B -Partido Trabalhista do Brasil (19994), PTN -Partido Trabalhista Nacional (**refundado em** 1995), PTC, -Partido Trabalhista Cristão (1990) PSL -Partido Social Liberal (1998), PSC -Partido Social Cristão (1990), PSDC -Partido Social Democrata Cristão (1997), PMN -Partido da Mobilização Nacional (1984), PCO -Partido da Causa Operária (1997), PRP -Partido Republicano Progressista (1991), PHS -Partido Humanista da Solidariedade (1991), PRB -Partido

Democrático Brasileiro), PT (Partido dos Trabalhadores), PSDB (Partido Social Democracia Brasileiro), uma vez que para conseguirem poder e visibilidade orbitam em torno dos mais poderosos. É essa a forma de fazer política no Brasil, a qual beneficia partidos e tem colocado em crise uma política governamental, visto que cada vez mais cresce o conflito entre alianças em busca do poder e menos o consenso em desenvolver uma política voltada para a sociedade.

### 3.1 A mídia a serviço de uma despolitização e a difusão de uma política de moldes

Como já falado anteriormente neste trabalho, as sociedades contemporâneas atualizam um grande contato com diferentes mídias, as quais segundo discute Thompson no seu livro **Ideologia e cultura moderna** amoldaram-se com muita facilidade e adesão em sociedade. No entanto, cabe chamar atenção para como esses meios têm atuado sobre os sujeitos, visto que esses meios estão sempre no controle de um grupo que detém o poder econômico e/ ou simbólico e conseqüentemente acesso para disseminação de uma ideologia que se pretende ser majoritária.

Ao falarmos em despolitização e a mídia como ferramenta da realização desse ato, estamos chamando a atenção para como esses meios têm sido usados na manutenção de uma política de minorias. As mídias em geral têm bombardeado a sociedade com os diferentes e diversos escândalos dos nossos parlamentares, entretanto, a depender do suporte e dos agenciadores, estes expõem as incoerências buscando a sobreposição e o destaque de outro partido. Diante dessa conjuntura, as mídias têm se construído como uma estrutura pensante, as quais minimizam a necessidade de uma coletividade que seja reflexiva e crítica das diferentes situações sociais e de modo particular das questões políticas.

---

Republicano Brasileiro (2005), PPL –Partido Pátria Livre (2011), SD –Solidariedade (2013), PROS –Partido Republicano de Ordem Social (2013), PEN –Partido Ecológico Nacional (2012), NOVO – Partido Novo (2015), Rede –Rede de Sustentabilidade (2015), PMB –Partido da Mulher Brasileira (2015).

Para melhor discutirmos acerca das dimensões ilusórias desenvolvida pelas novas mídias, tecemos um diálogo com o viés político-filosófico de Pedro Demo (2006) e com o enfoque sociocognitivo de van Dijk (2010).

É sabido, como as mídias promoveram o rompimento de fronteiras e ampliou a circulação de discursos. Diante dessa nova organização, o sujeito credenciou os novos aparatos tecnológicos a ter poder de controle, e sendo assim promover o esvaziamento da sua politicidade<sup>24</sup>, ou seja, os sujeitos têm perdido sua habilidade de agir em sociedade a partir de sua própria consciência, a qual o particulariza e o permite certa autonomia de decisão. Tais mídias junto com a política, têm atuado como ferramenta de controle e de coisificação do indivíduo, que mediante o acesso aos diversos eventos de comunicação perpassa e determina a organização social.

Na era da sociedade visual/virtual, onde tudo está acessível em um clique ou um botão, por meio dos diferentes meios de massa comunicativa e pelos diversos discursos, o pensamento crítico-reflexivo tem sido sufocado, tornou-se ação desnecessária, visto que as novas técnicas têm proposto aos indivíduos tudo o que lhe é necessário, uma vez que a premissa formadora desses discursos seja o maior número de informação de todo o entorno que constitui e determina esse ser, essa estratégia oferece a pseudo ilusão de um indivíduo que detém o conhecimento e que está no centro de suas ações. Entretanto, nesse jogo de sedução das novas práticas de comunicação, os sujeitos têm se tornado reféns das próteses cognitivas que impõem seu molde e determinam uma maneira de comportamento.

No entanto, tal dominação não é um reconhecimento que se estabelece as claras, mas é propagado por meio da pseudo consciência de que são os sujeitos os agentes controladores das novas tecnologias e conseqüentemente os responsáveis pelo poder de decidir acerca do que deve ser consumido ou não.

Esse atrofiamento do pensar humano difundido pelas mídias coloca em crise um princípio filosófico que particulariza a espécie humana: “penso logo

---

<sup>24</sup> Termo utilizado por Pedro Demo.

existo”. Se estamos discutindo ilegitimidade de poder, pobreza política e esvaziamento da capacidade crítica do sujeito, então, nossa pesquisa chama atenção para a crise da capacidade de ser pensante do indivíduo. Com a supressão daquilo que o caracteriza, os sujeitos são facilmente encaixados num sistema que dita as ações e os transformam em uma coletividade manobrada.

Tal alienação é cultivada, mediante as largas técnicas de discurso que hoje são postas nos diferentes aparatos midiáticos. Técnicas que adentram o campo da ilusão, visto que os sujeitos são levados a consumir uma recriação do que o cerca a partir de um recorte apreciativo, entretanto sob uma aparência de representação simétrica do concreto e livre de qualquer interferência axiológica. Tal reinvenção ou reapropriação da conjuntura social cotidiana é tão ilusionista e tão simplificadora que a sociedade tem cada vez mais se desapercebido das reais urgências do espaço materializado em que vivem, para assumirem as urgências genéricas e não pontuais, assim creditado pelas técnicas de circulação discursiva em massa.

Essa falsa neutralidade do discurso público de massa tem diminuído a capacidade de reflexividade e criticidade dos indivíduos, tornando-os passivos diante de uma contemporaneidade que está o tempo todo conectada, e que alheio a uma postura ativa difundem com mais poder uma força hegemônica que age pelo vícios do acesso sobre os modelos mentais através de uma discursivização que passa pelo crivo da manipulação não percebida.

Em consonância com a filósofa, a abordagem triádica de van Dijk (2010), discute que o poder dessas mídias concentram-se na interação entre discurso e aparato, visto que um determina o outro. Mediante este embrincamento, a análise crítica do discurso chama atenção para a construção desse discurso que é de ordem pública e que tem por função social agir sobre uma comunidade discursiva.

Conforme mencionado nessa pesquisa, a construção discursiva é o resultado de uma intenção que se materializa pela via da semiose das linguagens, desse modo, as linguagens são justapostas formando uma construção de poder mediante o processo de seleção de um eu ou instância

enunciante. Seleção essa que pretensiosamente busca abarcar a subjetividade do interlocutor, fazendo-o consumidor de uma ideologia hegemônica.

Não queremos aqui propagar a ideia de um sujeito passivo, mas que há um interesse por parte do discurso público/político em manipular por meio das estratégias de discursivização a refração desse sujeito. Pois, a depender do pertencimento social desse sujeito, este é facilmente abarcado pelos aparatos e rapidamente subtraído de sua capacidade de reflexividade, visto que este não tem acesso a contextos múltiplos e nem acesso a técnicas outras.

A fim de discutirmos de maneira mais pontual o que retratamos nesse capítulo, passaremos na sessão seguinte a discutir as bases ideológicas da política brasileira, a partir do que propõe a teoria das elites de Gaetano Mosca, como também através do arcabouço histórico da política realizada no País, buscando evidenciar como a proposta de política partidária PSB-Rede buscou manobrar a sociedade por meio da velha estratégia de renovar a democracia, a política, a economia, dentre outros, o que faz manter uma política que não vem do povo, mas criada para o povo e que mantém interesses de coligações partidárias, como é o caso da aliança aqui analisada.



#### 4. DESVELANDO A NATUREZA DO DISCURSO POLÍTICO

[..]Eu tinha dito que iria propor tirar a palavra utopia do dicionário. Mas, enfim, não vou a tanto. Deixe ela lá estar, porque está quieta. O que eu queria dizer, é que há uma outra questão que tem de ser urgentemente revista. Tudo se discute neste mundo, menos uma única coisa: a democracia. Ela está aí, como se fosse uma espécie de santa no altar, de quem já não se espera milagres, mas que está aí como referência. E não se repara que a democracia em que vivemos é uma democracia sequestrada, condicionada, amputada[...].

(José Saramago)

Ao propormos uma investigação discursiva que fosse alicerçada pela ACD acerca da proposta discursiva da aliança *Unidos pelo Brasil*, gostaríamos em um primeiro momento fazer uma cisão momentânea entre discurso e consequentemente sua adjetivação político, para assim pudermos deixar claro o que vem a ser política e consequentemente discurso político.

Desde então, fazemos saber da complexidade em apresentar um conceito sobre política, visto que essa ao longo da história e do campo científico recebeu olhares particulares. Um pouco dessa dinâmica é possível ser observada nos estudos da ciência política. Segundo retrata esse campo, política tem base no conceito de estruturação e constituição da *polis*, ou seja, um governo em que se garante o bem-estar geral da sociedade (Aristóteles). Na sociedade do Século XVIII tem-se origem a modernidade política, a qual dotava de poder um único dirigente que se utilizava de técnicas para se chegar a um fim, com o iluminismo tem-se uma perspectiva mais humanística, onde Montesquieu propõe a descentralização do poder para que este não ficasse no julgo de uma única pessoa e seus benefícios, no século XIX com Marx, política é consequência das relações de produção, e o regime político como reflexo da organização das forças produtivas. Atualmente política é conceituada como sistemas de governos, como organizações (igrejas, escolas, sindicatos, entre outros) e processos políticos exercidos em/por uma sociedade conceitua van Dijk (2010).

Diante dessa conceitualização histórica, fazemos saber que quando nesta pesquisa referimos ao termo política estamos lidando com um conceito atual e de maneira específica com o sistema de governo exercido na sociedade brasileira. Ressalvamos também que ao tratarmos de representante político ou

figura política estamos nos referindo aqueles que dentro da conjuntura partidária estão exercitando o poder de governar, o qual lhe foi conferido pela sociedade.

Tomando como necessária uma compreensão mais ampliada acerca da estrutura política contemporânea brasileira, a qual nos permitirá um olhar mais claro acerca da arrumação ideopolítica que norteou a aliança Unidos pelo Brasil, que voltamos nossas discussões mantendo um diálogo com as ideias advindas do capitalismo, buscando, portanto, um melhor entendimento do panorama político atualizado pelo Brasil ao longo de sua história e desse modo poder traçar uma compreensão do que vem a ser essa tal de *velha* e *nova* política assim anunciada por Eduardo Campos e Marina Silva como se vê no fragmento do discurso de EC na entrevista concedida ao Jornal Nacional no dia 12 de agosto de 2014: “Tantas pessoas que votaram na Dilma e se frustraram. Tantas pessoas que estão assistindo, que viram agora um governo que valoriza o seu centro, a velha política”<sup>25</sup>.

Para o aprofundamento de tal questão, nos reportamos a duas teorias basilares da filosofia-política. A primeira é a teoria do Capital ou Capitalismo de Karl Marx (1996) e a segunda é a teoria Crítica de Max Horkheimer (2003), ainda nessa busca desse entendimento mais conciso das leis organizacionais do sistema político brasileiro, que também reportamos a ciência política com a teoria das Elites de Gaetano Mosca (1923).

Reportamos ao capitalismo devido sua grande influência na construção ideológica-partidária, bem como na forma como a sociedade se estruturou a partir do capitalismo. Diante da atestação de uma sociedade em classes, podemos rapidamente observar na história política do Brasil que muitos políticos firmaram um discurso de igualdade socioeconômica, de banir a corrupção, a qual privilegia(va) uma minoria, de um Brasil renovado diferente de qualquer sistema governamental anterior. Entretanto, vemos pelos discursos políticos atuais que o velho jeito de fazer política (ataques, assistencialista, repetitiva e demagógica) mantém-se, uma vez que o cenário brasileiro pouco mudou.

---

<sup>25</sup> Trecho transcrito da entrevista ao Jornal Nacional no dia 12 de agosto de 2014 pelo presidente Eduardo Campos. Link de acesso: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/eduardo-campos-e-entrevistado-no-jornal-nacional.html>.

Segundo o que propõe o modelo do capitalismo atual, a sociedade é estratificada e amoldada não apenas por uma condição de acesso econômico, mas também a partir das condições de gênero, de cultura, de ideologia, de conhecimento, de domínio das novas tecnologia, dentre outros. Essa nova ordem tem determinado o funcionamento social, em que as elites capitalistas ditam comportamentos e alargam o poderio dessa minoria sobre um grupo desprovido de condições de igualdade social, pessoal, cultural, política, e outras. É dentro dessa nova arquitetura do poder que o sistema político brasileiro tem se amoldado e desenvolvido uma política de cima para baixo, viabilizando a manutenção do poder político controlador e de interesse minoritário. Essa velha engrenagem política também atravessa a proposta da chapa *Unidos pelo Brasil*, como se vê abaixo:

**Quadro 7<sup>26</sup>** Fragmento do discurso de Campos em sabatina pela Folha de São Paulo em 16/07/14.

A sociedade brasileira tem apresentado na internet, nas ruas uma nova pauta. Que é a pauta da educação, da melhoria da assistência da saúde, que é um horror no país, a violência que cresce nos 4 cantos do país. Nós temos que dar conta de melhorar a qualidade de vida nas cidades, onde a mobilidade é um grave problema. E tudo isso em 4 anos. Nós estamos fazendo um programa de governo ouvindo técnicos, a universidade, gente que já participou de governo.

No Exemplo dado, Eduardo Campos afirma que há uma nova pauta social, a qual reclama saúde e educação. Essa tese não se sustenta se fizermos uma retomada histórica, pois desde a Era Vargas, vemos que há um discurso pela saúde (melhores condições de serviço e expansão dos grandes centros para os interiores) e educação pública (a democratização do ensino). EC também fala da melhoria da qualidade de vida e da mobilidade nas cidades em 4 anos. Outro argumento que não é nada novo. Desde a década de 50 com a expansão das fábricas e das indústrias nas cidades, que o êxodo rural promoveu o inchamento das cidades agindo diretamente sobre as condições de vida e mobilidade das cidades, desde então passaram a ser pauta de campanha política no cenário

---

<sup>26</sup> Trecho transcrito da entrevista ao Jornal Nacional no dia 12 de agosto de 2014 pelo presidente Eduardo Campos. Link de acesso: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/eduardo-campos-e-entrevistado-no-jornal-nacional.html>.

brasileiro. Toda essa retomada, ratifica esse lugar político, o qual se vincula e serve na manutenção de um sistema de governo, o qual pouco faz pelo interesse da sociedade em sua dimensão macro.

Na abordagem da teoria Crítica de Horkheimer (2003), postula-se a necessidade de uma sociedade construir-se emancipada, por meio de uma concepção crítica. Para ele, só a partir do conhecimento que o indivíduo poderia romper com a ignorância e desenvolver uma postura reflexiva, capaz de indagar, bem como examinar o que é e como poderia ser uma dada sociedade, um sistema político, enfim todo o meio que o cerca, ou seja, o empoderamento da capacidade crítica possibilitaria ao sujeito uma forma diferente de pensar e de comporta-se dentro de sua conjuntura social. Essa perspectiva crítica aparece contrapondo-se ao reducionismo que os ideais de mercado impôs sobre o homem ao minimizá-lo a sua força de trabalho e valer o que produz e não mais o que pensa.

A teoria Crítica interage com a análise sociocognitiva de van Dijk (2012), a qual visa a promoção de um sujeito consciente, reflexivo e crítico das práticas que o rodeia, a partir da reelaboração dos seus modelos cognitivos, argumenta o autor:

É acima de tudo crucial admitir que os contextos, definidos como modelos mentais, controlam o processo de produção e compreensão do discurso e, portanto, as estruturas discursivas e as interpretações do discurso resultantes. Essa é a base cognitiva e a explicação daquilo que é tradicionalmente chamado de influência da sociedade sobre o texto ou a fala (p. 35-6).

A teoria crítica, pauta-se prioritariamente no fundamento da Crítica e da Reflexão. Segundo essa, a relação estrutural do capitalismo propõe o amoldamento dos sujeitos a uma superestrutura elaborada a partir da manutenção de uma força de dominação.

Tecendo um diálogo entre a abordagem Crítica e a Sociocognição, percebe-se a pressão de uma elite simbólica em manter o controle e continuar exercendo o poder social. Essa liderança é difundida em sociedade, mediante discursos que tratam a sociedade como um grande conglomerado, onde todos vivem as mesmas condições. Esse amoldamento reducionista dos indivíduos é uma marca encontrada no discurso da aliança, por meio de construções em tom genérico e de referenciação coletiva, assim utilizado por Eduardo Campos quando este desenvolve um discurso que vê a sociedade como um grande bloco

e todos necessitados das mesmas coisas, as quais estão contempladas ilusoriamente em uma pauta de governabilidade que está voltada a atender toda uma sociedade. Isso é o que podemos atestar com alguns fragmentos retirados da sabatina do dia 17 de Julho de 2014 realizada pela folha de São Paulo: “estamos tratando aqui é do futuro de 200 milhões de brasileiros”, “vamos melhorar a vida do povo brasileiro”, “a sociedade brasileira tem apresentado”.

É diante dessa percepção de uma sociedade moldada que Horkheimer (2003) destaca o valor de uma teoria crítica que seja capaz de promover a liberdade desse sujeito, emancipando-o e dando-o condições para que atue em sociedade de maneira pensante, sendo capaz de ter voz e autonomia para desempenhar ações, rompendo com as amarras que o rotula como iguais e requerentes dos mesmos padrões, ou seja, a teoria crítica busca romper com essa ilusão consumida e difundida de modo tão natural na esfera social do elitismo *político*.

A concepção discursiva da sociocognição também se põe nessa contramão do elitismo político e dialoga com os pressupostos da teoria crítica, uma vez que busca analisar essa centralização manipulativa por meio do discurso, a fim de promover a consciência crítica do sujeito e conseqüentemente dar-lhe condições de romper ou discordar de tais estruturas, como observa-se no que van Dijk (2010, p .113) apresenta:

A ACD é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combinados por meio de construções orais e escritas socialmente.

A busca pela emancipação e reflexividade proposta pela teoria crítica e pela sociocognição revela um outro dano: o dano da pseudo democracia participativa, pois mais uma vez vemos como as elites de poder social reduzem o ato democrático (poder dado a um Povo/sociedade para tomarem as decisões políticas) a participação em um sufrágio eleitoral a cada 4 anos. Diante disso, podemos concluir a partir da teoria de Horkheimer que o princípio democrático expresso na política governamental brasileira não é de deliberação e poder de todos e que não vivemos as condições de uma sociedade democrática participativa, mas, sim, representativa.

A política partidária brasileira estabelece-se socialmente mediante uma caracterização dupla, visto que para sua manutenção dois tipos de discursos são

postos na conjuntura social: O primeiro é o discurso de campanha, onde o elitismo de decisão e controle é suavizado a partir do chamamento do povo a tomarem parte na construção de uma política coletiva (a falsa política participativa), e o segundo é o discurso de governabilidade, no qual agora a centralidade está nas alianças e em uma proposta de governo que parte do que convêm a esses acordos (política representativa). Diante disso, gostaríamos de discutir outro fator de esvaziamento da proposta de nova política que é a proposta de participação social, a qual é possível de ser vista nos fragmentos abaixo:

**Quadro 8<sup>27</sup>** Fragmento retirado da entrevista de Eduardo Campos ao JN em 13/08/14.

Nós temos um plano de governo que a participação da academia brasileira, de diversos estudiosos, cientistas, militantes do movimento social, que tem nos ajudado a construir um programa

**Quadro 9** Fragmento retirado do discurso de Marina Silva no JC em 12/09/14.

**Eu estou dizendo que quero governar com os melhores e acredito que existem pessoas dentro dos partidos, dentro do congresso**

Nos exemplos acima, encontramos duas ações que não se completam. Se por um viés a chapa busca apresentar um programa que parece vivenciar uma democracia participativa, visto que a sociedade é chamada a participar por meio da academia, estudiosos, militantes; por outro, essa mesma chapa, firma uma possível governabilidade centrada em uma representatividade partidária. A partir disso, queremos chamar atenção para dois fatores: primeiro, mantém-se uma política centrada em uma governabilidade partidária, a qual a sociedade tem a ilusão de estar sendo representada, e segundo, que uma possível governabilidade com os melhores de cada partido, poderia colocar o PSB como uma quarta força partidária. A isso somos levados a perguntar: onde está a proposta de uma política transformadora, preocupada de fato com a nação

<sup>27</sup> Trecho transcrito da entrevista ao Jornal Nacional no dia 12 de agosto de 2014 pelo presidenciável Eduardo Campos. Link de acesso: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/eduardo-campos-e-entrevistado-no-jornal-nacional.html>.

brasileira, se o que é possível enxergar com muita expressividade seja um arranjo partidário desejoso do topo do poder político.

Ainda na tentativa de compreender os possíveis pilares da política brasileira, recorreremos a uma das teorias da ciência política (teoria das elites), a qual nos subsidiará na compreensão das práticas governamentais brasileiras, bem como servirá para fundamentar a proposta dos presidenciáveis Eduardo Campos e Marina Silva.

Segundo o que propõe a teoria das elites, a massa popular não tem condições sociais, históricas e intelectuais para governar, havendo, portanto, a necessidade de uma minoria soberana detentora do conhecimento e das condições de dirigir (gerenciar, governar) ações para a grande massa. Ainda para os autores, a desigualdade social e política é um fato irreversível, ou seja, sempre haverão aqueles que têm condições de governar e aqueles que são incapazes de transcender uma massa ignorante. Dessa maneira, a teoria elitista diz que democracia em seu princípio participativo não existe, é uma utopia clássica. Ou seja, a uma minoria é atribuído alto poder de controle e de decisões, o que legitima a hegemonia política, a qual é tão bem conhecida na contemporaneidade brasileira.

Essa retomada político-filosófica nos dá possibilidade de compreender de maneira mais dialogada as bases estruturadoras da política, bem como suas condições no panorama brasileiro contemporâneo.

Como é observável, a emancipação política proposta por Horkheimer, aparenta ter um longo caminho a ser percorrido, visto que é cada vez mais notória a cisão entre aqueles que representam a política governamental e os sujeitos destituídos de poder social. As ideologias dominantes são estrategicamente tão manipulativas que naturalizaram a não necessidade de um povo conhecer as políticas que estruturam sua forma de vida em sociedade, gerando e multiplicando indivíduos que não se interessam ou simplesmente ignoram a política.

É mediante esse reconhecimento de um povo que desconhece as estruturas políticas que os integram, que adentraremos no âmbito do discurso político, buscando desvelar a luz de uma teoria crítico-discursiva (ACD) compreender a organização e funcionamento desses discursos e como tais têm atuado nas práticas comunicativas, promovendo a massificação e o

descompromisso dos indivíduos com as questões políticas. Tais formulações discursivas têm alargado-se socialmente através dos mais diversos meios tecnológicos de propagação comunicativa, os quais têm propiciado a aculturação de um sujeito silenciado<sup>28</sup> dos aspectos políticos.

A partir do que propõe a teoria Crítica, vê-se a importância de uma teoria discursiva que busque dar validade à proposta de Horkheimer. Como discutimos na primeira sessão, o discurso é a organização comunicativa que permite a realização das ações dentro das diferentes atividades de interação verbal. Ou seja, é por meio do discurso que os sujeitos são manipulados, são mecanizados, são transformados em objetos, são reduzidos a seres grupais entre outras tantas simplificações da autonomia crítico-reflexivo do ser, como é também pelo discurso que os sujeitos tornam-se emancipados, atuam criticamente nas relações em sociedade. Essa estratégia de simplificação por meio do desconhecimento político fica expresso na autopropaganda de um gestor de excelência expresso no fragmento abaixo.

---

<sup>28</sup> Ao se falar em silenciamento neste trabalho, nos ancoramos no que van Dijk (2010) destaca sobre o processo de produção e circulação discursiva. Segundo o autor, são estes os dois pilares que determinam a forma como o sujeito agirá dentro das relações sociais. Para ele, todos os indivíduos produzem discursos dentro das suas comunidades, ou seja, nenhum sujeito é privado de comunicar-se, no entanto, o que van Dijk, chama atenção é para a produção do discurso público-ideológico, aqueles que são produzidos por uma elite que detém o poder simbólico. A isso, o autor discute que há na estrutura social aquelas instâncias ou sujeitos sociais que têm acesso privilegiado a conhecimentos, a estruturas, a mídias, dentre outros recursos e que são a estas que é dado parcialmente o poder de controle e de reprodução de ideologias dominantes. É nesse processo de circulação discursiva, que diversas vozes são caladas, não encontram espaço para serem ouvidas, em detrimento de uma outra que foi credibilizada e que adquire força para agir sobre as representações cognitivas, e que objetiva fazer do sujeito um consumidor desse discurso público, e até em alguns casos, uma extensão dessa voz de dominação social. Ao truncamos o silenciamento numa dimensão sociodiscursiva e cognitiva, não negamos tantas outras abordagens (psicologia, filosofia) que tratam do silenciamento do sujeito, como é o caso do tratamento dado por Eni Orlandi (2007) na ADF, que é diferente daqui adotada. Para Orlandi, o silêncio é diferente do não-dito, pois muitas vezes silenciar é uma forma de postulamento ou resposta social, ou ainda, uma forma de impedir que o interlocutor sustente um discurso outro. Ainda na concepção de Orlandi, o discurso não é uma construção transparente, mas perpassada de ditos outros que ao serem postos socialmente encontram seu sentido, é o caso por exemplo, da censura ditatorial que ao impor o silenciamento das massas, essas viam nas letras das músicas, e no novo modo de fazer o jornalismo uma forma de romper com o silenciamento. Entretanto, a autora também fala que a noção de silêncio é fluída, pois em muitos casos não se tem claramente os limites entre o dizer e o não-dizer.



Quadro 10<sup>29</sup> Fragmento do discurso de campanha de Campos no dia 08 de Julho no Maranhão.

Governei com pouco, porque governei um estado do Nordeste brasileiro, com muita pobreza. Então aprendi a fazer mais com menos. Agora ao lado da Marina Silva eu quero representar sua indagação, o seu sonho, o seu desejo de ter um Brasil melhor. Não vamos desistir do Brasil é aqui onde vamos criar nossos filhos, é aqui onde nós temos que criar uma sociedade mais justa

A partir do que enuncia EC que conseguiu fazer muito com pouco em um estado pobre, vemos que essa é uma afirmativa que não apresenta condições de credibilidade, pois quando fizemos uma ligeira comparação entre o PIB de Pernambuco e do Piauí no ano de 2010, final da 1ª gestão de Eduardo Campos, nessa ocasião Pernambuco tinha o segundo maior PIB do Nordeste com R\$ 95,1 bilhões<sup>30</sup> ao passo que o Piauí tinha R\$ 24,60 bilhões<sup>31</sup>. Ainda nos anos de 2011 a 2013 Pernambuco recebeu do Governo Federal 24,3 bilhões segundo a secretaria de planejamento e orçamento. Com essas estatísticas vemos que Eduardo Campos não governou um Estado em tom de pobreza tão intensa como este busca tornar conhecido. No entanto, questionamos de que ação governamental tão grandiosa refere-se o ex-governador capaz de levá-lo junto com Marina Silva a ser a representação da indignação do povo brasileiro. Como ficou perceptível no exemplo acima, buscou-se na pseudo ideia de política das massas manobrar a reflexividade dos eleitores através de um discurso que se caracterizava como plural, participativo e otimista.

Com esta interação de abordagens, adentraremos nas práticas discursivas políticas brasileiras. Práticas que disseminam uma ampla ilusão de interesse igualitário.

Buscaremos à luz dessas teorias entender de que maneira o discurso político promove o controle dos sujeitos e como tal prática usa de estratégias que ampliam o fosso da desigualdade, através do alargamento do desconhecimento político de uma dada sociedade, bem como de sua não

<sup>29</sup> Trecho transcrito da entrevista ao Jornal Nacional no dia 12 de agosto de 2014 pelo presidente Eduardo Campos. Link de acesso: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/eduardo-campos-e-entrevistado-no-jornal-nacional.html>.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.itaui.com.br/itaubba-pt/analises-economicas/publicacoes/macro-regional/pernambuco-com-o-2-maior-pib-do-nordeste-estado-tem-o-desafio-de-manter-o-ritmo-de-crescimento>.

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.piaui.pi.gov.br/noticias/index/categoria/2/id/13600>.

atuação crítico-reflexiva acerca do que é validado como ideologia político-partidária.

#### 4.1 O que caracteriza uma velha e uma nova política na federação brasileira?

Adentrar de forma analítica na prática de governo da federação faz-se necessário um caminhar histórico acentuando os principais percursos, os quais caracterizaram a política brasileira. Faz-se necessário também trazer à discussão o papel dos sujeitos, os quais por não conhecerem as suas urgências políticas em sua dimensão socioeconômica, promovem escolhas que expõem a carência desse conhecimento macro, e continua encorpendo uma política minoritarista.

Diante desse fato de que pouco se sabe e pouco se conhece sobre política, é que Horkheimer (2003) destaca o papel da emancipação política de um sujeito, de um povo, de uma nação, visto que não se faz política apenas dentro de um parlamento, mas a partir de um processo de conscientização e criticidade de uma sociedade que emancipada conhece e luta por condições de governo que atuem para fora, que governe para uma sociedade não passivizada.

É a partir desse cenário não animador de interação política entre povo e seus parlamentares, uma vez que não há nesses o interesse em atrair aqueles pelas questões sociopolíticas e econômicas da república federativa brasileira, mas pelo contrário, estimulam a repulsa e o desinteresse dos sujeitos desenvolvendo uma política centralizadora e minoritarista, onde o povo cada vez menos se preocupa em participar do processo político, da formação de vontade e decisão da descentralização, que notamos uma atuação governamental que se alicerça nas bases elitistas, estimulando a larga faixa da pirâmide social a cada vez menos se interessar em atuar de forma consciente e crítica pelo processo político administrativo do País, o Brasil.

Essa retomada nos leva a questionar o que tão incisivamente discursou o presidenciável Eduardo Campos acerca de uma proposta política que rompia

com a velha política e instaurava uma nova política na federação brasileira<sup>32</sup>. Mas será que de fato podemos falar em velha e nova política no Brasil? Ou que sua proposta de campanha representava essa dita *nova política*? O que caracteriza ou diferencia uma da outra?

A fim de encontramos respostas a essas indagações iremos caminhar pela história política do Brasil, sob o olhar de Boris Fausto (1995), o qual conceitua em três fases distintas. A primeira e mais longa foi o sistema político colonial (300 anos), período que é marcado pela exploração centralizadora da monarquia e pela crise europeia, que promove o investimento na colônia de bens de comércio, educativos, culturais e outros, a fim de hospedar a elite política de Portugal.

Esse exílio da monarquia, bem como todo período de exploração dos bens naturais do Brasil são os responsáveis pelo largo processo de miscigenação, de transposição sociopolítica e cultural, cujas organizações sociais se distanciavam das primeiras estruturas organizacionais da colônia para ter-se, então, uma sociedade civil.

A segunda fase é marcada pelos anos regenciais, cujo representante do poder português exercia as ordens da monarquia na própria colônia. Esse é um período marcado pelas lutas de descentralização do poder, pela criação dos primeiros partidos políticos, pela crise da mão de obra escravocrata e pela marginalização das classes pobres e negras com a implantação da Lei Áurea.

Tais crises é o que impulsiona um novo sistema, marcando portanto, a terceira e última fase, chamada de republicana. Segundo Boris Fausto (1995), é pela insatisfação das elites com o sistema de governo imperial e pelo desejo de maior autonomia aos estados, que se tem por força militar o Golpe de Estado.

Ainda segundo Boris Fausto (1995), o século XX é tido na história política brasileira como um marco, caracterizado por um período de cisão e desenvolvimento. É a partir de então que se tem de fato uma política de cunho brasileira. Nesse período, cuja elite do poder centrava-se nos grandes centros agrícolas e o poderio do Estado era fruto de uma aliança binária entre as elites

---

<sup>32</sup> Tantas pessoas que estão nos assistindo que viram um governo que valoriza no seu centro a velha política. Entrevista concedida ao Jornal Nacional em 12/08/14, a qual compõe os textos de análise.

Mineiras e Paulistas, pouco desenvolvia-se enquanto república em sua dimensão totalitária.

A superação dessa polaridade gestorial dá-se com a Era Vargas e com os seus 15 anos ininterruptos de governo, o qual pretendia transformar e reestabelecer a nacionalidade perdida no tempo do coronelismo do período da aliança café com leite.

É no governo de 1930 a 1945 que se tem a construção das bases do Estado, como também monta-se e constrói-se todo o arcabouço institucional brasileiro. A Vargas também atribui-se a responsabilidade por uma primeira representação política que buscava assistir a todos, discute Boris Fausto (1995).

O governo de Vargas ganha força a partir do tripé administrativo: primeiro, a reversão do analfabetismo e conseqüentemente a universalização desse ensino na rede pública para pobres, negros, e mulheres; segundo, a descentralização da saúde pública dos centros urbanos para os interiores, e terceiro, o processo de industrialização e mudança na economia do País. Caracterizando um governo que é responsável por começar a mudar a fonte econômica do Brasil.

Segundo Boris Fausto (1995), o governo de Vargas destaca-se pelo despertar sociopolítico do povo, uma vez que estes passam a se inteirar como também a manifestar seus ideais políticos, e pelo alavancar no crescimento e no desenvolvimento, o que possibilitou um caracterizar nacional brasileiro.

Entretanto, cabe salientar que todo esse progresso e caracterização nacional acontecia mediante uma figura presidenciável de formação positivista, muito embora de uma larga popularidade devido as suas estratégias em contrabalançar o governo, buscando alcançar populares, elites e militares, ou seja, um governo que buscava o equilíbrio e o apoio entre essas bases. Tal aliança tinha um papel importante na centralização do poder do Estado.

Com o fim da era Vargas, a política dos anos de 1946 até início 1964<sup>33</sup> é marcada pelas oscilações e lutas na manutenção do princípio democrático no país, como também de expansão e crescimento socioeconômico.

---

<sup>33</sup> Em 9 de Abril, os militares tomam o poder (por meio de um golpe de Estado) e decreta o Ato Institucional Número 1 (AI-1). Este, cassa mandatos políticos de opositores ao regime militar e tira a estabilidade de funcionários públicos. Tem-se então, o início a ditadura militar no Brasil e nos anos subsequentes todos os outros Atos Institucionais que centralizavam o poder na força repressora dos militares.

Diante da ameaça que a força popular representava, impulsionada pelo governo de Vargas, um segundo golpe de estado é instaurado, o qual é imposto em defesa dos ideais militarista e elitista. Esses longos anos são marcados por uma política centralizadora e de atrofiamento no crescimento e desenvolvimento.

Os anos de 1980 a 1990 são marcados pela redemocratização e pela tentativa de superar a crise econômica do País, bem como impulsionar o crescimento. Tais medidas podem ser vistas no governo de José Sarney (PDS), com a tentativa de combater a inflação por meio do Plano Cruzado, no governo de Fernando Collor de Melo (PRN atual PTC) com o congelamento da poupança, no governo de Itamar Franco (PRN atual PTC) com a criação da Unidade Real de Valor (URV), o que determinou o lançamento de uma nova moeda<sup>34</sup>, o Real em 30 de junho de 1994, e no governo de Fernando Henrique Cardoso – FHC (PSDB) que é marcado pela estabilização do Real e conseqüentemente pela indexação dos preços.

O governo FHC também destaca-se pelas diversas privatizações, as quais se davam com o pseudo “propósito” de suavizar a centralização do poder autoritário dos militares, afirma Fausto (1995).

O governo de FHC é marcado ainda pela tentativa de afirmação da democracia participativa e pela projeção do Brasil no exterior, entretanto pouco se caminhou no campo da desigualdade social.

Entretanto, o século XXI inicia com uma política que é assessorada por uma ampla massa popular trabalhadora, a qual elege Luís Inácio Lula da Silva, (figura que ganhou destaque pela lutas sindicais e por configurar-se como uma

---

<sup>34</sup> O Plano Real passou por três fases: O Programa de Ação Imediata, a criação da URV (Unidade Real de Valor) e a implementação da nova moeda, o Real. O PAI – Programa de Ação Imediata - foi um conjunto de medidas econômicas elaborado em julho de 1993, que “preparou a casa” para o lançamento do Plano Real um ano depois. Nessa época, o presidente era [Itamar Franco](#), sendo que Fernando Henrique Cardoso já era o Ministro da Fazenda. A segunda etapa do Plano, a criação da URV ocorreu em 27 de maio de 1994, inicialmente convertendo os salários e os benefícios previdenciários, promovendo a neutralidade distributiva. No dia 30 de junho de 1994, foi editada a [Medida Provisória](#) que implementou a nova moeda, o Real. Essa era a terceira fase do plano.

força esquerdista) dando-lhe o desafio de equilibrar a desigualdade social e continuar a política de crescimento proposta por FHC.

Diante das urgências postas pelo cenário brasileiro nos 8 anos do governo Lula, vê-se que este consegue impulsionar o crescimento econômico de novo, como é visto com as taxas do PIB (de 1,1% para 7,5%)<sup>35</sup>, como acontece no campo trabalhista promovendo a redução do desemprego e conseqüentemente alavancando a distribuição de renda do País, o que desembocou na redução da pobreza.

Diante do que propôs a política socioeconômica de Lula, é fato que houve grandes avanços e ganhos no cenário macroeconômico, como também percebeu-se uma política voltada para as massas, como foi a criação de alguns programas como Minha Casa Minha Vida, Bolsa Família, Luz para Todos, ProUni, no entanto, cabe-se indagar acerca de um governo participativo e de uma ampla força social, visto que grandes militâncias foram enfraquecidas quando alguns representantes passaram a assumir cargos junto ao presidente como é o caso do secretário de Relações do Trabalho, Mario dos Santos Barbosa (Metalúrgicos do ABC); o secretário-executivo, Marco Antonio de Oliveira (Desep/CUT); o secretário de Políticas Públicas de Emprego, Remígio Todeschini (CUT) e o chefe de Gabinete, Osvaldo Bargas (Sindicato dos Metalúrgicos)<sup>36</sup>.

Essa reconstrução sócio-histórico do panorama político brasileiro, nos dá embasamento para responder as perguntas propostas anteriormente. Falar em velha política ou nova, implica em dizer, mesmo que indiretamente, que é possível desenvolver uma política desarticulada ou inatingível dos determinantes mundiais, que as sociedades são as mesmas e sendo assim mudam-se apenas de representantes políticos, mas mantém-se a mesma organização política.

Se olharmos para a 1ª revolução industrial no final do século XVIII e seus impactos no plano do desenvolvimento econômico, vê-se que essa transformação não ficou restrita aos limites da Inglaterra, mas interferiu e determinou políticas de todo o mundo. O mesmo se destacou da crise Mundial

---

<sup>35</sup> Disponível em: <http://br.advfn.com/indicadores/pib/brasil>.

<sup>36</sup> Disponível em: <http://www.anabb.org.br/mostraPagina.asp?codServico=4&codPagina=16727>.

da década de 1930, a qual dificultou a exportação dos produtos industrializados. Como também podemos citar a centralização e disseminação da hegemonia americana (do capitalismo financeiro neoliberal) com a destruição da União Soviética e o processo de globalização.

Tais exemplos leva-nos a entender que os nossos 500 anos de política não é uma história de continuidade, visto que se pode identificar claramente governos que são postos mediante urgências particulares e peculiares ao momento socioeconômico de dada formação social e organização mundial. Isso nos leva a dizer que não existe velha ou nova política, mas podemos falar em política de ruptura impulsionada pelos diferentes panoramas sociopolíticos de uma dada época e conseqüentemente de uma dada organização sócio mundial.

Buscando ainda ser mais claros aos questionamentos anteriores, bem como aos dessa pesquisa, recorreremos ao primeiro discurso<sup>37</sup> de campanha de Eduardo Campos e Marina Silva em rede aberta no dia 27 de março de 2014, a fim de atestarmos a ideia de uma falsa Nova Política.

Em um discurso de 10 minutos, Eduardo Campos e Marina Silva mencionam que a proposta de campanha versa por um Brasil democrático, por melhores condições educacionais, pelo equilíbrio socioeconômico, pelo realinhamento político, o qual seria o responsável pela criação de uma agenda de governo que poderia ser executada por qualquer que fosse o partido a gerir o Brasil de uma política que alie jovens, elites, empresários e o povo. Os candidatos também posicionaram-se negativamente a respeito do governo de Dilma Rousseff, afirmando ser ela a única responsável pelo desequilíbrio econômico e político do País, atribuindo portanto, a junção de um pernambucano e uma acreana a possibilidade de realinhamento das condições adversas da Federação brasileira, pois como os mesmos afirmam, eles são da nova geração que aprendeu como Miguel Arraies e Chico Mendes a lutar pelos interesses dos menos favorecidos e que resta apenas ao povo saber que eles estão juntos para mudar. Diante dessa proposta, perguntamos: de que nova política trata essa aliança se reduz os fatores sociopolíticos e econômicos a uma efetivação mágica a partir da junção de dois candidatos? Nessa construção, vê-se como é

---

<sup>37</sup> Segue o link do discurso recorrido, <https://www.youtube.com/watch?v=il27MjqXaQs>.

demagógica essa proposta e o quanto ela busca alimentar uma política de interesses partidário via manipulação.

A nova política de Eduardo Campos, é na verdade o eixo da proposta republicana brasileira, é ainda uma retrospectiva da política de Vargas e da política desenvolvimentista do final do século XX e início do século XXI.

Tendo em vista a discussão de que uma proposta política seja o resultado de uma dada sociedade, em um contexto sociohistórico particular, destacamos o caos ambiental que hoje nos encontramos e como isso determinará o amanhã das sociedades. Por isso, a necessidade de uma política ambiental de nível mundial que perceba esse cenário, e portanto, priorize meios de equilibrar crescimento socioeconômico e sustentabilidade. A isso, vemos que o que Marina Silva assume como proposta particular e inovadora é na verdade uma proposta que se dá de muitos modos em todas as partes do mundo, a fim de promover a superação ou o equilíbrio da grande e grave crise ambiental do século XXI<sup>38</sup>.

Outros pontos que gostaríamos de chamar a atenção no questionamento de uma nova e velha política é:

Primeiro o desencontro ideológico-discursivo dos candidatos, visto que em um momento desse discurso Eduardo Campos afirma que o Brasil desde a década de 1990 entrou em um grande período de ascensão econômica, e posteriormente, Marina Silva diz que “o Brasil está cansado de repetição”. Aqui cabe uma ressalva: vimos que desde a política do Real até Lula, período então situado pela fala de Eduardo Campos, foi um tempo de muitas rupturas e particularidades o que promoveu a volta do crescimento e o enquadramento do Brasil como um País emergente. Então de que política econômica está falando Marina Silva, pois se uma economia fosse a mesma, essa não ofereceria

---

<sup>38</sup> A exemplo dessa preocupação mundial com o equilíbrio entre desenvolvimento sustentável e crescimento econômico, podemos mencionar a reunião do Rio+20 em 29/08/2012, a qual propunha com 188 países um documento que ditava o caminho para a cooperação internacional sobre desenvolvimento sustentável. Além disso, governos, empresários e outros parceiros da sociedade civil registraram mais de 700 compromissos com ações concretas que proporcionem resultados no terreno para responder a necessidades específicas, como energia sustentável e transporte. Ainda segundo o secretário-Geral da ONU, Ban Ki-moon, “O documento final oferece uma base sólida para o bem-estar social, econômico e ambiental”. Disponível para acesso no site: <http://www.onu.org.br/rio20/tema/desenvolvimento-sustentavel/>.



condições de promover as mudanças e o crescimento que o Brasil desenvolveu desde a implantação do Plano Real.

Segundo, é o princípio da velha centralidade expressa pelas políticas do período colonial ou ainda aquelas que marcaram as década de 1960 a 1980, essa centralidade é expressa na fala de Eduardo Campos, quando afirma “nossa união vai reunir muito mais gente”<sup>39</sup>. Um questionamento que se faz é se o povo quer uma política de mudança, como afirma Marina Silva, então não é a união de líderes que promove a mudança, mas a união de proposta articuladas com a representatividade social, visto que o princípio democrático é ferido quando centraliza-se/atribui-se poder entorno de uma aliança ou de um candidato.

O terceiro e último ponto que destacamos ainda no que consiste às indagações anteriores é o posicionamento de Eduardo Campos ao questionar Dilma Rousseff, por seu governo não conseguir dar continuidade ao legado de Lula<sup>40</sup>. Tal colocação, por si só anula todo discurso dos presidenciáveis acerca de uma nova política, visto que ignora todas as particularidades que constituem cada novo mandato, o qual não está desvinculado do que acontece na política mundial (é o caso por exemplo da crise financeira do Estados Unidos em 2008) que vai determinar muito uma política interna de desenvolvimento e crescimento.

A isso, é possível perceber ainda que introdutoriamente, que a estratégia discursiva de uma campanha que buscava representar a nova política não é credibilizada socialmente, visto que os candidatos não conseguem pelo âmbito da persuasão sustentar o que caracteriza velha e nova política e o que nessa polaridade dá originalidade a proposta PSB-Rede, fazendo dessa um projeto político, de fato, comprometido com os interesses da coletividade.

A fim de tornarmos conciso todo o caminhar teórico no que compete a ACD e ao discurso político, que buscaremos a partir de agora mediante o desenvolvimento da análise, no capítulo seguinte, mostrar como estes pontos

---

<sup>39</sup> Esse é um fragmento retirado do discurso de apresentação de campanha em rede aberta no dia 27/03/14.

<sup>40</sup> “Ela teve a oportunidade de chegar à Presidência da República, de receber um legado do presidente Lula, com quem nós trabalhamos, e ela poderia ter feito pelo Brasil aquilo que ela se comprometeu a fazer, que era seguir melhorando o Brasil”. Fragmento do discurso de apresentação de campanha em 27/03/14.

são construídos discursivamente na proposta presidencialista de Eduardo Campos e Marina Silva, mediante uma investigação analítica que busca desvelar com qual intuito os presidentiáveis recorreram a um discurso de aparência justaposta na composição de uma aliança, uma vez que a chapa era composta por duas figuras políticas de trajetórias ideológica, cultural e histórica distintas.

## 5. DISCURSO POLÍTICO PSB – Rede/Rede – PSB: uma análise à Luz da Análise do Discurso Crítico (ACD)

Brasil!

Mostra a tua cara  
Quero ver quem paga  
Pra gente ficar assim  
Brasil!  
Qual é o teu negócio?  
O nome do teu sócio?

(CAZUZA)

Tecer uma investigação a luz da análise crítica em seu arcabouço sociocognitivo do discurso nos impele a olhar a discursivização dos candidatos Eduardo Campos e Marina Silva a partir do diálogo com diferentes campos investigativos (ciência política, filosofia política, história, linguística), os quais nos possibilitam desenvolver uma análise que observe o discurso em sua dimensão social concreta, em particular, nessa pesquisa, as construções discursivas dos presidenciáveis por meio dos debates, das entrevistas e dos recortes do discurso direto retirados das notícias jornalísticas *online* no curso de 01 de agosto a 04 de outubro de 2014.

Segundo propõe van Dijk (2010; 2012), é na mente que interage o discurso e a realidade social. Diante dessa conceituação, buscamos desenvolver uma compreensão da discursivização dos presidenciáveis mediante os modelos mentais que são construídos através da articulação entre várias categorias elencadas pelo autor. Entretanto, priorizamos nesse estudo as categorias de acesso (demarca o alcance que o produtor tem aos diferentes meios, informações, esferas e outros), poder (força social desenvolvida pelo que produz), ideologia (representação valorativa desenvolvida cognitivamente capaz de orientar posturas e opiniões) e contexto (orienta a percepção de uma situação), as quais são diluídas no discurso por meio de diferentes recursos linguístico-discursivos, que consolidam a possibilidade de acesso à ideologia e ao conhecimento do grupo que se marca no ato discursivo.

Esse embasamento teórico nos possibilita o entendimento de como a linguagem como evento comunicativo constrói a forma como nos relacionamos

dentro das trocas interativas, visto que é mediante as interpretações desses discursos nos nossos modelos mentais que orientamos nossas ações em sociedade. A isso, vemos que a forma de orientação dos indivíduos em sociedade passa por uma ação de interface entre conhecimento, interpretação e negociação do ato discursivo. A partir dessa compreensão, que quando falamos em uma análise da discursivização dos presidenciáveis trabalhamos com a ideia de um construto discursivo-cognitivo, um *objeto-de-discurso* que tem sua concretude pela via da comunicação, efetivado mediante as práticas sociopolíticas e ideológicas (MONDANA e DUBOIS, 2003, p.35).

Diante disso, podemos entender de modo pontual o que fala Fairclough (2001) acerca do processo de construção interpretativa do mundo e do sujeito a partir desse processo interativo-discursivo. Nesse processo multifacetado a interpretação do discurso adquire faces múltiplas, visto que cada sujeito é o resultado sociohistórico e cultural. É por esse motivo que surge a necessidade de um enfoque sobre o discurso dos presidenciáveis analisando como certas estratégias são usadas, a fim de promover um discurso que busca minimizar as dessemelhanças de ideias, de poder, de força e de articulação entre as partes da aliança.

Sendo assim, discutiremos as categorias apresentadas bem como aprofundaremos a teoria aqui abordada na construção do debate analítico que abrimos espaço nesse trabalho a partir de então.

### 5.1 Eduardo Campos e Marina Silva dois sujeitos sociais e uma aliança de interesses partidários

Como conceitua van Dijk (2010), os sujeitos ou instâncias de poder simbólico representam uma ideologia capaz de determinar ações sociais. É partindo dessa conceituação que observemos a figura dos representantes políticos Eduardo Campos e Marina Silva, os quais são uma projeção sociopolítica construída a partir de determinantes socioideológicos distintos. Entretanto, no discurso em análise é percebido como tais sujeitos buscam

reconstruir sua imagem pública nos modelos mentais dos eleitores mediante estratégias que visam remontar por meio da sensibilização uma simetridade e identificação da grande massa social com tais candidatos, e sendo assim, minimizar as reais e naturais diferenças entre cada figura política, as quais ficaram postas ao longo da análise.

Sabido que EC é um Nordestino e MS do Norte, os presidenciáveis ancoram-se no estereótipo criado em torno dessas regiões para construir uma projeção social que assemelha-se quase com o rompimento do monopólio político da aliança café-com-leite e desse modo busca garimpar uma adesão por meio de um pseudo reconhecimento. Vejamos isso na caracterização pessoal feita pelos candidatos no exemplo abaixo:

Quadro 11 Caracterização socioideológica dos representantes políticos EC/MS.

Eduardo (Folha de São Paulo) 16/07/14	Marina (Jornal do Comércio) 28/08/14
<p data-bbox="244 1008 611 1037">Eu venho das Caatinga do Nordeste.</p> <p data-bbox="244 1115 735 1211">Eu venho de uma TRADIÇÃO e de um militância Progressista de esquerda de um estado que tem Uma TRADIÇÃO de fazer frente política.</p>	<p data-bbox="834 1008 1348 1070">Fui órfão de mãe aos 14 anos, ajudei a cuidar de 7 irmãos, fui analfabeta até 16 anos.</p> <p data-bbox="834 1115 1334 1272">Sou magrinha, mas venho do Amazônia. Lá tem uma árvore chamada Biorana, tem a branca e a preta. A Biorana não fica tão grossa, mas experimenta bater com o machado: sai faísca e ela não enverga.</p>

Começamos a partir desse recorte, observar e pontuar de maneira analítica as tentativas de equiparidade entre candidatos, as quais eram possíveis mediante ao acesso ao discurso público e o poder que lhes eram conferido socialmente. Iniciemos pela afirmativa de Eduardo Campos “eu venho das Caatinga do Nordeste”. A história de vida do candidato torna conhecido outra versão. EC é filho do poeta e cronista Maximiano Accioly Campos e da Ex-deputada e atual ministra do Tribunal de Contas da União Ana Lúcia Arraes de Alencar e neto do ex-governador Miguel Arraes, conhecidos na região metropolitana do Recife por serem uma família de posses e de *status*. Diante dessa contextualização vemos que as Caatingas do Nordeste é usada como sinônimo das massas mais desprovidas de bens de consumo, dentre tantos

outros bens que lhes faltam, a Caatinga é recorrida por EC como marca de pertencimento a uma classe sofrida, servindo para desviar atenção de seu pertencimento às elites econômicas e políticas e de seu poder como um parlamentarista. Essa falsa inclusão a uma região de grandes dificuldades também é recorrida, como elemento estratégico de aproximação entre suas origens e as de Marina Silva, uma vez que sua vice, de fato, vem de uma família pobre, cujo pai (Pedro Augusto da Silva) foi seringueiro e mãe (Maria Augusta da Silva) dona de casa e que enfrentaram muitas dificuldades. Mediante essa falsa consciência de que ambos presidenciáveis ascende de uma mesma condição, vê-se que o principal foco dessa discursivização é buscar socialmente a aceitação e o reconhecimento das massas em tais figuras políticas.

Tal propósito em obter a adesão da grande coletividade é ratificado pela sequência de falas dos candidatos. De um lado EC recorre à militância esquerdista de Pernambuco, que tem destaque nacional com Miguel Arraes, Jarbas Vasconcelos, Luís Inácio Lula da Silva e outros, e busca nesses exemplos credibilizar sua candidatura, por outro lado, MS busca potencializar sua imagem com uma metáfora a uma espécie de árvore da floresta Amazônica que é muito forte. Tais ancoragens, buscam difundir, tornar conhecido, uma aliança que aparentemente é constituída por candidatos que têm as mesmas origens e que têm como principal meta política a larga faixa social, por isso a recorrência as militâncias esquerdistas pernambucanas e a um tipo raro de árvore, que se destaca por sua resistência, tudo estrategicamente posto buscando credenciar uma candidatura de firmes alicerces, as quais pudessem esconder os interesses partidários que se somaram nesse acordo, o qual serve de amostra dos tantos outros acordos partidários que usam das necessidades sociais como recurso para minimizar a política de moldes minoritarista, dos acordos entre coligações para obtenção de poder.

Para Marcuschi (2008, p.258-9), a compreensão dar-se em diferentes horizontes, dentre eles o horizonte mínimo, no qual o sujeito pouco consegue transpor o posto e o horizonte máximo “que considera as atividades inferências no processo de compreensão”, ou seja, “considera informações e conhecimentos ou outros não contido no texto”, é neste último que a macroestrutura proposta por van Dijk (2010) consolida-se.

Diante do que se propõe a ACD, vemos que a exploração desses dois níveis interpretativos, nos faz enxergar no campo micro discursivo uma aliança que é estabelecida mediante a retomada a um velho protótipo de discurso político, mas com a falsa pretensão de novo e no campo macro um acordo que ganha outros desdobramentos que não são evidenciados no posto do discurso, uma vez que tais propósitos não traduzem as preocupações de uma política, de fato interessada com a sociedade, mas reforça a força de oligarquias que se nutrem mediante os diversos acordos partidários que são articulados.

Abordar a aliança PSB-Rede, implica em um primeiro momento fazer uma cisão entre estes dois partidos e pontuar acerca das condições particulares sociopolíticas que agiam sobre tais. Na história da política brasileira, o PSB e sua principal representatividade política nas eleições de 2014, Eduardo Campos, foram por muitos anos aliados a política petista e mantiveram com esta um amplo acordo, no entanto, em 2013 EC rompe com o Partido Trabalhista - PT, para lançar a sua candidatura como Presidente da República, porém para um pleito não mais de nível local como tinha sido até então. Desse modo, Eduardo Campos precisava de uma representatividade que o tornasse nacionalmente conhecido, já que seu conhecimento e influência concentrava-se na elite parlamentarista e de ideais que fossem capazes de oferecer aos eleitores certo grau de credibilidade. Na contrapartida, Marina Silva vinha de uma sequência de rupturas, a primeira com o PT, a qual se manteve aliada por mais de 20 anos, em seguida com o Partido Verde - PV, partido pelo qual lançou sua candidatura em 2010 conseguindo uma votação de 20 milhões de eleitores e em 2013 tentando construir outro partido denominado de Rede de Sustentabilidade, o qual foi vetado pelo Tribunal Superior Eleitoral - TSE, o que desencadeou uma situação complicada para o lançamento da campanha de Marina Silva no pleito de 2014. Diante dessas ocorrências, a aliança, ou melhor nomeando o acordo PSB-Rede é o resultado de um candidato que precisava ganhar visibilidade e uma candidata que precisava filiar-se a algum partido para poder estar nas eleições de 2014. Nesse desdobramento dos elementos macro discursivos, vemos que a chapa *Unidos pelo Brasil* representa uma união de interesses partidários, que se estabelece com delimitações bem claras de uma centralidade

de poder ideológico, representado pelo encabeçamento de chapa assumido por EC.

Essa centralidade ainda é perceptível na forma como os partidos são estilisticamente alinhados, PSB-Rede. Esta representatividade não acontece aleatória, pois segundo van Dijk (2005), a forma como uma topicalização acontece, esta tende a servir de guia para a interpretação e compreensão do discurso. Sendo assim, o Partido Socialista Brasileiro vem primeiro, porque transpõe a ideia de um partido sólido, uma vez que tem mais de 70 anos de representatividade e porque tem uma proposta construída em torno do candidato Eduardo Campos, enquanto que o possível partido Rede de Sustentabilidade não tinha<sup>41</sup> legitimidade eleitoral e nem credibilidade social para agenciar a candidatura de Marina Silva no pleito de 2014.

Diante desses apontamentos, vemos como a “análise do discurso pode ser usada como instrumento poderoso para revelar os conteúdos subjacentes, estruturas e estratégias das representações sociais (doravante RS) (VAN DIJK, 2005, p. 99). É diante dessa importância de tornar conhecida a macroestrutura do discursivo, que destacamos atenção a discursivização dos presidencialistas, visto que haja um primeiro discurso orientado por Eduardo Campos e um segundo orientado por Marina Silva decorrente ao novo realinhamento da campanha após o acidente aéreo de 13 agosto de 2014 que emudeceu Eduardo Campos<sup>42</sup> e que levou Marina Silva ao encabeçamento da chapa. É devido a esse rearranjo que solidificamos o nosso objeto de investigação, uma vez que objetivamos evidenciar que a proposta discursiva da aliança *Unidos pelo Brasil* não conseguiu ser estabelecida mediante uma justaposição discursivo-dialógica

---

<sup>41</sup> Deixamos o verbo no passado, visto que o TSE autorizou a criação do partido Rede de Sustentabilidade, de Marina Silva em 22 de Setembro de 2015, constituído o 34<sup>o</sup> partido. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/09/1685146-tse-aprova-criacao-da-rede-sustentabilidade-de-marina-silva.shtml?cmpid=facefolha>.

<sup>42</sup> O candidato do PSB à Presidência, Eduardo Campos, morreu vítima de um acidente aéreo em Santos (SP) no dia 13 de Agosto de 2014. O jato em que estava o político caiu no bairro do Boqueirão e não houve sobreviventes. Campos iria para um evento na cidade de Santos chamado Santos Export. A aeronave (aparelho Cessna, prefixo PRAFA) pertencia à empresa AF Andrade Empreendimentos e Participações Ltda. E já havia sido utilizada pelo candidato outra vez. Segundo relatório da Agencia Nacional de Aviação Civil (Anac) (O acidente que matou o presidencialista aconteceu no mesmo dia da morte do avô dele Miguel Arraes, que faleceu dia 13 de agosto de 2005).



entre os candidatos e conseqüentemente entre os partidos, muito embora todo posto discursivo analisado seja uma tentativa de convencimento social de que o PSB e a Rede faziam uma aliança onde a proposta ideopolítica não se sobrepunha, mas que estava em harmonia. Tal harmonização é rapidamente rompida se observarmos como MS altera a proposta do programa sobre o movimento LGTB logo que assume a cabeça da chapa, como é apresentado no fragmento abaixo:

**Quadro 12** Descentralização e transferência da responsabilidade do sujeito discursivo.<sup>43</sup>

O equívoco foi uma campanha presidencial assumir compromissos com projetos de lei no congresso, o que é uma invasão de competência. Então, não há recuo nos nossos compromissos com o movimento LGTB, com a defesa dos direitos civis desses companheiros, que, como todos os brasileiros, têm direitos assegurados. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO 01/09/14)

Diante do que propõem nossos objetivos, prosseguimos na análise buscando no objeto-de-discurso construir o perfil dos candidatos, bem como de sua pseudo proposta de *nova política*, a qual seria a responsável pelo lugar de discurso justaposto entre tais representantes.

### 5.1.1 As estratégias linguístico-cognitivas na construção da representatividade social dos presidenciáveis

Koch (2012) discute que o texto é uma construção que se dá por meio de escolhas e estratégias de seleção e que tais escolhas marcam ou ligam o pertencimento ideológico do locutor com o seu discurso. A isso, recorreremos a algumas seleções linguístico-cognitivas já mencionadas antes, as quais nos ajudaram na compreensão global do perfil político dos candidatos e como essas construções marcaram a diferença de posição entre os candidatos na condução

<sup>43</sup> No documento divulgado na internet e distribuído à imprensa, iniciava-se do seguinte modo: "apoiar propostas em defesa do casamento civil igualitário, com vistas à aprovação dos projetos de lei e da emenda constitucional em tramitação, que garantem o direito ao casamento igualitário na Constituição e no Código Civil". (p.216) "Foram reescritos as páginas 216-7 do programa acerca da proposta para o movimento LGTB".

da campanha 2014. Vejamos alguns fragmentos dos discursos dos presidenciáveis no exemplo seguinte.

**Quadro 13** Centralidade X descentralidade [grifo e acréscimo nosso].

Eduardo Campos	Marina Silva
<p><b>Eu</b> sou muito objetivo, <b>eu</b> transformo os programas de governo em projetos objetivos para serem implantados,<b>[eu]</b> vou buscar gente competente... <b>Eu</b> tenho discutido com muitos economistas... (<a href="#">FOLHA DE SÃO PAULO 16/07/14</a>)</p> <p>... <b>Eu</b> fiz isso como governador. <b>Eu</b> não estou dizendo uma coisa aqui e <b>[eu]</b> pratiquei outra, não. <b>Eu</b> fiz isso e deu certo... (<a href="#">FOLHA DE SÃO PAULO 16/07/14</a>)</p> <p><b>Eu</b> conheço o Nordeste inteiro, <b>[eu]</b> conheço como a palma da minha mão. Quando chegar no final de agosto, a realidade no Nordeste será completamente diferente... (<a href="#">FOLHA DE SÃO PAULO 16/07/14</a>)</p> <p><b>[Eu]</b> Tenho capacidade de fazer entendimento e construir consenso, porque <b>[eu]</b> tenho paciência. Isso <b>me</b> fez ser eleito conseqüentemente no PSB três vezes presidente do partido e, agora candidato à presidência da República. (<a href="#">JORNAL DO COMÉRCIO 02/08/14</a>)</p>	<p>Não <b>[nós]</b> queremos nenhum tipo de conveniência política. (<a href="#">DIÁRIO DE Pernambuco 08/09/14</a>)</p> <p><b>[Nós]</b> Acreditamos que é possível uma governabilidade com os melhores. (<a href="#">JORNAL DO COMÉRCIO 10/09/14</a>)</p> <p><b>Nós</b> estamos comprometido com o tripé da política. (<a href="#">JORNAL DO COMÉRCIO 14/09/14</a>)</p> <p><b>[Nós]</b> Vamos continuar fazendo uma campanha limpa. (<a href="#">JORNAL DO COMÉRCIO 19/09/14</a>)</p>

Como já mencionado, esse é um discurso que foi construído mediante duas posturas orientadoras distintas (PSB cabeça de chapa, segundo momento Rede na cabeça de chapa). Na primeira orientação conduzida por EC, é possível ver um candidato que centra atenção e poder em torno de sua imagem política e seu *status* de presidente do partido, pouco recorrendo a sua aliança a Rede por meio do “NÓS”. Essa marca de autonomia é vista de maneira muito pontual quando quantificamos a intensidade com que recorre ao pronome EU para falar da proposta política da chapa *Unidos pelo Brasil*. Nos 26 textos, os quais contêm o discurso de EC, o candidato usa 116 vezes o pronome de primeira pessoa quando vai referir-se à proposta presidencial de sua aliança, ao passo que só 90 recupera a atuação de uma proposta dialogada (termo utilizado por EC) entre os partidos. Ressalvamos que desconsideramos os termos plurais que representava apenas o PSB, como também a coletividade social, consideramos

apenas os termos que tratavam do posicionamento dos candidatos em torno da proposta.

Observamos também que o pronome de primeira pessoa recorrido por EC funciona como um elemento de potencialização social de uma figura política demarcado nas realizações de diferentes ações “tenho capacidade de fazer entendimento e construir consenso”, “eu transformo os programas de governo em projetos objetivos”, “vou buscar gente competente”, que na prática social é posto buscando adquirir tom de credibilidade a partir de uma aparente realidade. A recorrência pelo “EU” no discurso de Campos, deixa evidente uma campanha que é conduzida prioritariamente pelo legado de um representante, que possivelmente pouco dialoga com as outras partes que constitui sua aliança, evidenciando uma campanha de polarização e de um discurso-proposta que é representado por um candidato, aquele que tem poder e assume a cabeça de chapa, nada de diferente das outras candidaturas.

Na orientação de Marina Silva, dois pontos chamam a nossa atenção. O primeiro é que MS apresenta uma maior interação com as partes dessa aliança demarcada pela ampla expressividade do nós (145 em face de 38 contabilizado em 35 discursos) como uma possível voz do PSB, possibilidade que é considerada sabida que mesmo MS sendo a cabeça de chapa essa continuava precisando de um partido para dar voz a seus ideais, por isso, uma não centralização, ou ainda, porque as ideias motrizes de campanha foram silenciadas em EC e desse modo a necessidade de um nós que é uma proposta presente retomando o seu idealizador, o qual conhece em profundidade, e o segundo, é que essa representatividade coletiva não centraliza MS como a que guarda poder absoluto para efetivar uma proposta política em um partido em que ela é, simplesmente, hóspede.

Outro ponto que destacamos atenção é para a política de ataques que é desenvolvida pelos candidatos. Tais atos ficaram visíveis quando buscávamos quantificar o uso do EU e do NÓS e observamos que muitas vezes em que MS usou o EU foi para a construção de um posicionamento contra os ataques políticos como também para estabelecer os seus ataques aos outros candidatos. Essa condução de campanha limitada a ataques pessoas (candidatos que tecem

seus discursos de campanha sem respeitar os princípios morais e éticos reservados a todo cidadão, acarretando em falas que priorizam descredibilizar o outro por meio da destruição da imagem social, a ganhar uma campanha através de discussões políticas, de fato) sem a real discussão política serve para demonstrar a crise partidária que se instaurou no cenário político brasileiro, cujo acesso ao discurso público é usado para dar poder a uma proposta de descaracterização dos candidatos concorrentes e a propagação de um discurso demagógico.

Além dessas duas estratégias linguístico-discursivas no processo de construção da RS dos candidatos e de sua aliança, identificamos também a polarização NÓS X ELES<sup>44</sup> através do léxico como uma estratégia que serve para caracterizar negativamente o governo atual do PT e consequentemente auto-firmasse como a aliança que tem um perfil contrário ao PT. Essa caracterização negativa também serve como estratégia de ratificação de não pertencimento ao Partido dos Trabalhadores, sendo portanto, necessário marcar o governo de forma que não mereça credibilidade, a fim de que sua proposta se firme e caracterize a aliança PSB-Rede. Ou seja, a aliança *Unidos pelo Brasil* só existe na negação do PT, é a negação das ações dELES que vai construir essa aliança. Vejamos no exemplo que se segue:

---

<sup>44</sup> Van Dijk (2010, p. 137) discute que a polaridade NÓS X ELES serve como estratégia ideológica a serviço de uma auto-apresentação positiva e da auto-apresentação negativa corroborando com “a polarização intragrupal-extragrupal em práticas sociais, discursivas e pensamentos”. Ressalvamos que os pronomes Nós e Eles podem ser explorados no âmbito do campo discursivo da política sob outros aspectos, sejam eles na dimensão discursiva ou sociopolítica, entretanto, é do interesse dessa pesquisa o uso dessa pronominalização promovendo o enaltecimento de um partido de ideais ditos socialistas, em face de um outro de princípios ideológicos dito de esquerda.

**Quadro 14** Positividade X negatividade [grifo e acréscimo nosso].

NÓS	ELES
<p>... O que houve em junho nas ruas, colocaram as pessoas que têm inteligência, sensibilidade política, para pensar. E <b>nós</b> pensamos e <b>nós</b> fizemos autocrítica sim.  <a href="#">(FOLHA DE SÃO PAULO 16/07/14)</a></p> <p><b>Nós</b> queremos ser a candidatura que diz assim: <b>nós</b> queremos desenvolvimento, mas desenvolvimento com sustentabilidade. <b>Nós</b> queremos inclusão, mas não é inclusão que gera dependência, é que liberta.  <a href="#">(FOLHA DE SÃO PAULO 16/07/14)</a></p> <p><b>Nós</b> estamos oferecendo um caminho para que o Brasil volte a crescer.  <a href="#">(JORNAL NACIONAL 12/08/14)</a></p>	<p>Eu acho que <b>[ela]</b> a presidente perdeu uma oportunidade extraordinária. <b>Ela</b> será a primeira presidenta da República, do ciclo democrático do país, que <b>[ela]</b> vai entregar o país pior do que <b>[ela]</b> recebeu.  <a href="#">(FOLHA DE SÃO PAULO 16/07/14)</a></p> <p>O que está acontecendo na candidatura <b>[dela]</b> da Dilma é que existe uma série de erros cometidos nos últimos anos. <b>Eles</b> criaram uma situação de insegurança para os investimentos e isso tem afetado o desemprego e a inflação.  <a href="#">(YAHOO 02/09/14)</a></p> <p>O que <b>ela</b> fez foi entregar a esse tipo de modelo, o que não permite ao Brasil viver o encontro com essa energia renovada da sociedade.  <a href="#">(DIÁRIO DE PERNAMBUCO 05/08/14)</a></p>

Mediante essa polaridade, os presidenciáveis constroem uma representatividade sociocognitiva de lugares distintos o que viabiliza a construção do debate, pois desvincula um pertencimento anterior de parte dessa hegemonia e desenvolve a ideia de um lugar de poder contra-hegemônico capaz de representar uma sociedade que não se vê na hegemonia da governabilidade do PT. A isso, vê-se nos vários textos analisados, a insistência por parte de Eduardo Carpos – Marina Silva de estabelecerem essa força contra-hegemônica por meio de diversos ataques e críticas ao governo petista. Essa recorrência a polarização funciona como uma estratégia discursivo-ideológica de exercer poder e controle sobre os indivíduos e sobre estes exercem forte influência no direcionamento de suas ações (VAN DIJK 2010).

## 5.2 Análise da construção da representatividade social no discurso-proposta através das categorias acesso, ideologia, poder e contexto

Como já dito neste estudo, o discurso é a via de acesso às mentes dos indivíduos. É por ele que os sujeitos podem ser controlados ou serem reféns de uma realidade criada ou como menciona Pedro Demo (1999): ser responsabilizados pela manutenção da massa de manobra. De acordo com van Dijk (2010, p. 20), “o controle envolve também o conhecimento pessoal e social, as experiências prévias, as opiniões pessoais e as atitudes sociais, as ideologias e as normas ou valores que desempenham um papel na mudança de participação social das pessoas”.

Diante dessa compreensão de que o discurso é uma elaboração estratégica, na qual aquele que diz conhece as estruturas socioideológicas do seu interlocutor e tem acesso sobre os modelos mentais, que ancorados nas categorizações discursivas de van Dijk (acesso, poder, contexto e ideologia), prosseguimos na análise da discursivização dos candidatos apresentando como os interesses ideopolítico da sociedade brasileira são manipulados na projeção de um discurso-proposta, o qual é várias vezes propagado como sendo a manifestação concreta da fala da nação brasileira.

Entretanto, essa estratégia de responsabilidade social por meio de recorrências genéricas (estamos tratando é o futuro de 200 milhões de brasileiros), de pseudo conceitualizações (a sociedade está hospeda em hotel de meia estrela), de senso comum (é um momento em que a sociedade está apreensiva) e de estimulação do desejo social (a sociedade está dizendo que quer se apropriar da política), diluem dentro do discurso as reais representações ideopolítica dos candidatos, visto que estes centralizam a campanha em dois pilares: primeiro em um discurso de ataque ao governo e segundo de interesse na melhoria das condições econômicas, sociais e política da nação brasileira. Vejamos como está posto no exemplo abaixo:

**Quadro 15** Discurso de responsabilização de outrem.

O que estamos tratando aqui é o futuro de 200 milhões de brasileiros, que olham para Brasília e não veem na velha política mais nenhuma relação com sua vida real. EDUARDO (Folha de São Paulo, 16/07/14)

A sociedade sente-se hospedada em hotel de cinco estrelas, quando na verdade está em hotel de meia estrela. EDUARDO (Jornal do Comércio, 06/08/14)

A sociedade está dizendo que quer se apropriar da política e as lideranças políticas tem que entender. MARINA (Veja, 23/08/14)

É um momento em que a sociedade brasileira está apreensiva, imagina o que é continuar quatro anos das mesmas coisas que estão aí. MARINA (JORNAL DO COMÉRCIO, 30/09/14)

Nos exemplos acima, vemos como a memória social<sup>45</sup> é acessada por meio do poder social dos candidatos (VAN DIJK, 2010), os quais buscam por meio da “ilusão da representatividade” agirem cognitivamente sobre os modelos de contextos dos sujeitos e “indiretamente no controle de suas ações” (p. 118), para assim “produzirem sobre estes a ideológica que servirá aos interesses dos poderes dominantes da sociedade” (p.21).

Como já falado antes, o discurso-proposta do PSB-Rede solidifica-se na interface do PT. Entretanto, este precisa se estruturar de modo que sua ideologia ganhe moldes de contra-hegemonia. É por esse motivo que os presidencialistas estrategicamente recorrem à memória social, a fim de deslegitimar a pertença desses candidatos a elite de poder. Essa é uma recorrência que está posta seja na fala de Marina Silva ou de Eduardo Campos, quando estes se ancoram em

<sup>45</sup> Van Dijk (2010, p.202) discute que o controle é uma ação desempenhada pela elaboração discursiva sobre a cognição dos sujeitos, visto que a compreensão é organizada a partir de uma dimensão episódica, nesse caso particular, e social, a qual concentra um conhecimento partilhado sobre o mundo, a língua, a forma de organização social entre outras.

construções nominativas (sociedade brasileira, milhões de brasileiros), e buscam atribuir a estas uma voz da sociedade, uma vez que seja de conhecimento macro social as inúmeras lutas da sociedade brasileira por uma política igualitária, que rompe com os moldes de centralidade dominante apregoado desde a colônia.

Entretanto, a voz coletiva não se sustenta, porque rapidamente identifica-se um discurso que é estabelecido buscando a descentralização de um partido para a centralização de outro. Vejamos melhor a partir do que fala Marina Silva, “os brasileiros querem se apropriar da política”, e Eduardo Campos, “os brasileiros veem em Brasília uma velha política de não representatividade da realidade social”. Diante desses posicionamentos, confrontamos com o que a ciência política destaca que o que interessa a sociedade é a emancipação que coloca todos em condições de acesso e conhecimento de um sistema macro que serve a essa sociedade e não o controle governamental. Nesse caso, é possível identificar na fala de MS um novo realinhamento de controle agora centrado nos ideias do PSB e da Rede, que é falseado por EC como sendo a nova política.

A partir de tal apropriação da memória social, ou seja, da tentativa de reconstrução da figura social dos candidatos, de um governo petista que é responsabilizado por todos os atrasos sociopolíticos e econômicos e por uma transposição de responsabilidade social, (o País para, a gente vê um governo que prometeu o desenvolvimento e o país parou de crescer. Nós vimos o governo promover que a taxa de juro ia baixar, vimos o juro real mais elevado e vimos um governo que não conseguiu colocar o país no ciclo de avanço), que vemos como uma ideologia de controle é disseminada por meio de uma representatividade coletiva que camufla os ideais dos presidencialistas mediante a pseudo construção de uma proposta política que é estruturada pelo povo e para o povo (temos de fazer um programa de governo para o País, interpretando as demandas da sociedade).

Van Dijk (2010, p. 237) discute ainda que poder também pode ser desenvolvido no discurso pela manipulação, a qual pode ser exercida “de várias formas (persuasão, informação, educação e outros)”, “objetivando influenciar no conhecimento, nas crenças e nas ações dos receptores”. Desse modo, retomando ainda a ideia de acesso às memórias sociais como ferramenta de



reconstrução dos modelos de contexto e conseqüentemente reformulação dos modelos mentais, que aprofundamos ainda mais como o discurso-proposta de Eduardo Campos e Marina Silva é uma tentativa de estabelecer uma candidatura que se propõe colocar dois candidatos nas mesmas condições de disputa dentro da aliança, bem como estabelecemos o confronto dessas construções, as quais revelaram a não sustentabilidade dessa justaposição entre a discursivização dos candidatos no desdobramento da campanha. Vejamos como deu-se essa estratégia de poder em alguns discursos analisados no exemplo que segue:

**Quadro 16** Manipulação da memória social

Eduardo	Marina
<p>O mundo pós-crise econômica, um mundo em crise ambiental, um mundo em busca de felicidade, é um mundo que precisa que as lideranças políticas tenham humanidade para compreender que o que está disputando são valores muito diferentes da opção conservadora de mudança que se apresenta ao País. <a href="#">(FOLHA DE SÃO PAULO 16/07/14)</a></p> <p>O que nós fizemos foi um encontro em torno de um programa, de um pensar estratégico sobre o Brasil e para dar possibilidade a esse país de não ficar na velha polarização. Para que as pessoas no Brasil pudessem ter opção e ir para o estagio da escolha. <a href="#">(FOLHA DE SÃO PAULO 16/07/14)</a></p>	<p>Governar é colocar os interesses da Nação em primeiro lugar. E não sacrificá-lo em função de políticas erráticas, para ganhar a eleição. <a href="#">(DIÁRIO DE PERNAMBUCO 07/09/14)</a></p> <p>Mandatos devem ser exercidos para servir a sociedade e não como profissão. Mesmo diante de momento de degradação do debate político, nossa aliança quer aprofundar a independência do Brasil. <a href="#">(JORNAL DO COMÉRCIO 07/09/14)</a></p>

Diante do quadro apresentado, vemos como ambos os representantes em momentos diferentes da campanha mantêm essa manipulação da memória social, a fim de justificar e creditar sua aliança. EC estrategicamente usa das lutas econômicas, sociais e políticas que se arrastam por décadas na sociedade, para fazer dessas um fato contemporâneo e exclusivo desse tempo, sendo, portanto, o fator decisivo e impulsionador “no encontro” de figuras sociopolíticas distintas, as quais se juntam com um programa que é posto socialmente com o título de “opção de escolha”, entretanto, que escolha é esta se o que os candidatos apresentam já faz parte de uma pauta política que se arrasta a anos? Por outro lado, MS mediante uma conceituação unívoca do ato de governar, usa o povo, ou melhor, seus pseudo-interesses como argumento de ataque a candidatura do PT e procura reestruturar os modelos cognitivos do povo, de

modo que estes abracem sua causa sem a percepção de massa manobrada, e vejam essa aliança como marco aprofundador das condições de liberdade e avanço do País.

Como se é compreendido pela via do poder e do acesso discursivo, Eduardo Campos e Marina Silva buscam construir a partir da recorrência as memórias sociais um lugar ideológico-representativo comum, entretanto, a história política dos candidatos, a situação contextual, as forças ideológicas que estão agregadas nesse acordo entre outros determinantes nos faz conhecer que este lugar comum não se solidifica. Vejamos como esse lugar de representatividade-comum, a partir da ideia de *nova política* é uma conceituação frágil, que não consegue ser bem ajustada entre os presidencialistas e que a partir da análise de subcategorias (*nova política*, *referenciação social*), de contradições discursivas como também outras estratégias de argumentação do discurso público mostram o desencontro dos candidatos, e uma campanha que se deu em cima de polarizações e de sobreposições de forças ideológicas distintas.

#### 5.2.2 As contribuições das subcategorias no desvelamento da aparente justaposição discursiva PSB-Rede

Como postula van Dijk (2010), as relações entre micro e macroestruturas se dão por uma relação de interdependência, em que a observação de ambas é fundamental pelo analista na construção macro do sentido, que no estudo das *corporas* desenvolvemos duas subcategorias, as quais eram de contínua recorrência na discursivização dos candidatos, entretanto, operando com sentidos flexíveis construindo um terreno sociopolítico que claramente se percebe a diferença de olhares dos presidencialistas, bem como um direcionamento político que se distancia, evidenciando que entre tais representantes há uma candidatura que foi orientada por axiologias políticas distintas.

Antes de prosseguirmos, gostaríamos de fazer uma consideração acerca do nome da primeira subcategoria. Diante das várias formas que os presidencialistas usavam para referir-se aos eleitores nos seus discursos, que desenvolvemos então, uma subcategoria que pudesse englobar os diferentes e principais chamamentos utilizados pelos candidatos, a fim de que pudessemos identificar o seu efeito de sentido na construção global do discurso-proposta e o que essas tornavam conhecido sobre a condução política dos candidatos. Observemos o quadro seguinte com a subcategoria *referenciação social*.

Quadro 17 Subcategoria referenciação social (grifo nosso).

REFERENCIAÇÃO SOCIAL	
Eduardo	Marina
<p>Eu queria assumir um compromisso com <u>o povo</u> de lutar. Eu vou ser presidente da República pela força de Deus e <u>do povo</u>... Nós vamos levar para Brasília é cheiro de <u>povo</u>, é olhar de gente é gosto de fazer direito. (DISCURSO NO MARANHÃO 26/06/14)</p> <p><u>A população</u> deseja mudança no País. (FOLHA DE SÃO PAULO 16/07/14)</p> <p>É aqui onde temos que criar <u>uma sociedade</u> mais justa. (JORNAL NACIONAL 12/08/14)</p> <p><u>As pessoas</u> estão percebendo, quem está nos assistindo tem percebido que o salário não dá para o mês inteiro. (JORNAL NACIONAL 12/08/14)</p>	<p><u>Os brasileiros</u> querem manter conquistas e manter erros. (JORNAL DO COMÉRCIO 03/09/14)</p> <p>Vamos creditar essa vitória ao <u>cidadão brasileiro</u>. (JORNAL DO COMÉRCIO 04/09/14)</p> <p>O interesse da <u>nação</u> em 1º lugar. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO 07/09/14)</p> <p>O autor dessa vitória é o <u>cidadão</u>, a <u>cidadã brasileira</u>. (JORNAL DO COMÉRCIO 09/09/14)</p>

Reportando-nos a Leonardo Boff (2015), encontramos alguns enfoques em algumas ciências (filosofia-social, antropologia-cultural, sociologia e ciências políticas) que nos ajudaram a construir o sentido global implícito na orientação de Eduardo Campos. Segundo Boff (2015), o termo “povo” tem uma significação muito flutuante nas ciências sociais construindo-se como “reunião de pensamentos em consenso”, “pertencimento a mesma cultura”, “categoria histórica que se situa entre a massa e as elites” e “conjunto indiferenciado dos membros de uma sociedade”. É sobre este último conceito apresentado no campo político que tecemos nossas considerações. Segundo o autor, essa forma de ver da política centraliza nos políticos a capacidade de decisão do bem estar

social, visto que aqueles são dotados de uma pobreza política, sendo incapazes de decidir sozinhos. A isso, a necessidade de uma representatividade que pense por eles, que falem por eles e que decidam por eles. Ou seja, a velha política da demagogia. Essa é uma marca muito expressiva nos pronunciamentos de Eduardo Campos, onde podemos identificar um representante que em grande parte do tempo busca pela via do acesso do discurso público ser essa voz da grande massa “vamos levar para Brasília é cheiro de povo”, uma voz que no posto de sua representatividade guarda um amplo poder centralizador, visto que a recorrência pelos termos “população”, “povo”, “pessoas” e “sociedade” guardam sempre o sentido de conjunto da mesma espécie, como também adquire tom de genericidade. Espécie esta que na sociedade de classes não tem voz e é ignorada, fazendo-se necessário credenciar um agente que socialmente seja capaz de representá-lo. Desse modo, vemos que as várias e contínuas vezes que EC refere-se aos eleitores como povo, como esse conjunto negligenciado, evidencia um candidato que está fazendo sua campanha na larga fatia social e não para a larga fatia social, cuja pretensão maior centra-se na capacidade de levar esses sujeitos a tornarem-se representados numa “realidade projetada”<sup>46</sup> e desse modo abraçar a sua campanha. A isso, pode-se inferir que sua fala não vem do “povo”, mas é dirigida para o “povo”, a fim de alavancar sua candidatura.

Ainda seguindo sob o olhar da filosofia, prosseguimos nossa análise buscando em Aristóteles (apud MENDO, 1998) compreender a orientação traçada por Marina Silva no que compete a participação dos sujeitos no seu discurso ao referenciá-los como cidadãos, brasileiros e nação. Segundo a leitura de Mendo (1998), cidadão é aquele que participa dos poderes do Estado, ou seja, é um ser que é dotado de poder para agir socialmente, que independente da organização socioeconômica é capaz de organizar as relações mediante padrões de igualdade o que os caracterizam como Nação. A partir do que propõe este enfoque, observamos que a construção do discurso de MS aparentemente não versa sobre uma voz que busca na memória social representar uma faixa,

---

<sup>46</sup> Tal projeção pode ser evidenciada nos diversos pontuamentos que Eduardo se posiciona acerca da construção do seu programa, como é possível ver no exemplo que segue: “estamos fazendo um programa que tem a participação da academia brasileira, de diversos estudiosos, cientistas, militantes do movimento social”. (Jornal Nacional 12/08/14)

um nicho da sociedade, mas observamos que sua proposta política se constrói, num primeiro momento, mediante uma tentativa de credenciamento, onde cada indivíduo é visto como parte atuante no bloco político da coletividade brasileira. Diante dessa voz social que é reconhecida, “brasileiros”, MS coloca no julgamento dessa coletividade seu programa sob o “interesse da nação” e atribui a esses a responsabilidade de escolha e conseqüentemente toda a possibilidade de vitória no pleito das eleições 2014, aqui fazemos uma ressalva que todo esse aparente poder de decisão advindo do social promovido pelo discurso de MS é na verdade uma forma sutil de controle da mente e dessa maneira alcançar o eleitor.

Diante de mais um confronto analítico das estratégias vocabulares na macroestrutura discursiva dos presidenciáveis, vemos que Eduardo Campos tem um discurso muito marcado em direção as massas, ao passo que Marina Silva, no primeiro momento de sua campanha, desenvolve um discurso que é menos generalizante, visto que haja uma tentativa de caracterizar a democracia participativa.

Passemos para a análise de outra subcategoria “nova política” e vejamos como se ratifica essa não interface entre os candidatos e como a proposta de nova política é abstrata e duvidosa, a partir do quadro que se segue:

Quadro 18

 Subcategoria nova política (grifo nosso).

NOVA POLÍTICA	
Eduardo	Marina
<p>O Brasil não vai melhorar se agente não tiver <u>um novo pacto político</u>. (<a href="#">JORNAL DO COMÉRCIO 02/08/14</a>)</p> <p>É preciso ter a coragem de <u>fazer diferente</u> de reunir uma agenda. (<a href="#">JORNAL NACIONAL 12/08/14</a>)</p> <p>Eu e a Marina entendemos que para dar solução a isso é fundamental <u>um novo Caminho</u>. Se a gente quer chegar a <u>um novo lugar</u>, a gente não pode ir pelos mesmos caminhos. (<a href="#">JORNAL NACIONAL 12/08/14</a>)</p> <p>Agora, nós, na política brasileira, nunca transigimos entre a <u>existência do novo</u>, do que se liga à sociedade, do que é <u>inovador</u>. (<a href="#">FOLHA DE SÃO PAULO 16/07/14</a>)</p>	<p>O que eu quero é ajudar a <u>renovar a política!</u> (<a href="#">VEJA 13/08/14</a>)</p> <p>Queremos <u>transformar</u> as boas políticas em políticas públicas, dando escola com recursos do poder político utilizado de forma concreta. (<a href="#">DIÁRIO DE PERNAMBUCO 10/09/14</a>)</p> <p>Agora é preciso dar uma chance não para Marina e o PSB, mas para o Brasil sair do buraco. Essa é a <u>nova política</u> (<a href="#">VEJA 12/09/14</a>)</p> <p>A <u>palavra nova</u> é vista pelo carrasco como uma heresia. Ele tem a palavra velha que impede a mudança, que interdita a <u>mudança</u>. Então ele te acusa de heresia e corta seu pescoço para que a <u>palavra nova</u> não circule. Eu vejo isso acontecendo no Brasil. (<a href="#">DIÁRIO DE PERNAMBUCO 19/09/14</a>)</p>

Como conceitua van Dijk (2010, p. 137), o discurso é desenvolvido mediante atos de fala, tais como afirmações para se legitimar, acusações para delegar valor negativo, dentre outros. Diante do que fala o autor, três afirmativas buscam legitimar o discurso-proposta de Eduardo Campos acerca da nova política. A primeira “um novo pacto político”, a segunda “coragem de fazer diferente” e a terceira “um novo caminho, um novo lugar, uma sociedade inovada”. Confrontando cada uma dessas afirmativas com a própria orientação de sua campanha vemos que o pessebista firmou aliança com o PSDB em São Paulo (Alckmin)<sup>47</sup> e Paraná (Beto Richa)<sup>48</sup>, com o PMDB no Rio Grande do Norte (Henrique Alves)<sup>49</sup>, com o PT no Rio de Janeiro (Lindberg Farias)<sup>50</sup> dentre outros partidos que o mesmo candidato ataca como velha política e pertencente ao grupo das raposas, mas que firma com estes uma aliança nos estados. Diante

<sup>47</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/06/1473487-mesmo-sem-marina-campos-diz-que-alianca-com-alckmin-uniu-psb.shtml>.

<sup>48</sup> Disponível em:

<http://www.paranaonline.com.br/editoria/politica/news/398853/?noticia=PRESIDENTE+DO+PSB+CONFIRMA+ALIANCA+COM+BETO+RICHA>.

<sup>49</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/rn/noticia/2014/07/apos-criticar-pmdb-eduardo-campos-diz-que-respeita-alianca-no-rn.html>.

<sup>50</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/alianca-entre-pt-psb-no-rio-embola-ainda-mais-cenario-eleitoral-no-estado-12938320>.

disso, vê-se que a proposta de novo pacto político não se solidifica na discursivização de EC. O que necessariamente implica em dizer que EC faz o mesmo caminho da tão enfadonha velha política. A partir de toda discussão já apresentada, vê-se que a “nova política” é sim uma construção demagógica que percorre todas as campanhas, isso descredencializa a legitimidade do discurso-proposta da aliança. No entanto gostaríamos de fazer uma ressalva acerca da persuasão-manipulativa do discurso de Eduardo Campos sobre nova política. Através da análise vemos que a conceituação apregoada por EC não se sustenta devido às contradições do discurso-ação do candidato no curso de sua campanha, porém a nível de convencimento social e de poder de acesso aos modelos cognitivos dos sujeitos é possível fazer uma constatação contrária, pois sendo EC o responsável pela idealização da pseudo nova política na aliança, esse promove um discurso que se constrói na interface da reprovação do governo Dilma Rousseff e na aprovação de uma política desenvolvimentista, tal estratégia da estimulação do NEGATIVO X POSITIVO<sup>51</sup> amplia a força do discurso e consolida uma ideologia, o que no plano dos modelos cognitivos age sobre as memórias sociais credenciando tal mensagem e promovendo a adesão dessa.

Argumentando sobre nova política, Marina Silva também agrega a sua condução na campanha tal ideia, entretanto, é perceptível que sob esta estrutura um outro sentido se estabelece. Também por meio da legitimação por afirmação, a candidata estabelece o seu tripé. O primeiro que: “vamos renovar a política”, segundo, “queremos transformar as boas políticas em políticas públicas e terceiro, “o Brasil vai sair do buraco”. Na compreensão global que é possível abstrair dessas estruturas, tem-se a compreensão que MS parte da premissa de que a nova política parte da ideia de algo existente, de práticas políticas que legitimaram um crescimento social, para a partir dessa constatação promover um realinhamento e um amoldamento de tais ideias a uma nova situação macroeconômica e social do Brasil. Entretanto, essa pretensão de uma política nova também não apresenta bases concretas em MS, visto que com a fatalidade

---

<sup>51</sup> Van Dijk (2010) ao discutir sobre cognição política, chama atenção para a projeção de alguns tópicos políticos, “organização de crenças, estereótipo e preconceito, formações de impressões entre outros” que são determinantes na forma como o sujeito vai responder cognitivamente a projeção política realizada através do discurso.

da morte de EC, a vice ficou com um programa de governo, o qual desconhecia as possíveis estratégias de efetivação, o que favoreceu a difusão de tantas promessas, ligadas aos diferentes setores, sem um planejamento que levasse em consideração o momento macroeconômico brasileiro. Isso é possível de ser visto em alguns dos compromissos firmados por Marina nos exemplos que segue:

Quadro 19 As generalizações do plano de governo na discursivização de Marina.

Nós estamos nos comprometendo em colocar 10% da arrecadação bruta do País para que possamos investir em saúde. (O Estadão 06/09/14)

Vamos dar autonomia ao Banco Central, pois é fundamental para evitar que se aconteça o que está acontecendo hoje com a Petrobras, que perdeu metade do valor de mercado. (JORNAL DO COMÉRCIO 10/09/14)

Vamos trabalhar para que o País recupere sua credibilidade. Vamos fazer a educação de tempo integral. Vamos construir creches para que as mães deixem seus filhos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO 10/09/14)

Nós vamos investir em políticas sociais e recuperar a capacidade do Estado de favorecer investimentos e recursos. (JORNAL DO COMÉRCIO 19/09/14)

Como é mostrado nos recortes acima, Marina Silva não apresenta para o eleitorado as medidas utilizadas para efetivar as propostas do plano de governo. Pois, de que maneira será aplicado esses 10% na saúde, e como acontecerá essa implantação da arrecadação, se o Brasil diante da situação econômica e o baixo crescimento do PIB precisa reduzir investimentos? De que maneira acontecerá a autonomia do Banco Central sem colocar no teto as taxas de inflação? De onde sairá o financiamento para que se universalize o ensino integral no Brasil, bem como a construção de novas instituições? Ou ainda, quais serão os investimentos realizados nas políticas sociais e na recuperação da capacidade do crescimento econômico do País? Tais inconsistências sugerem que a candidata desconhece os caminhos a serem percorridos para que tais medidas possam ser postas em ação em uma possível vitória sua no pleito



presidencial, como também não credibiliza o eleitorado acerca do seu programa de governo, que ironicamente chama-se: “plano de ação para mudar o Brasil”, outras propostas podem ser vistas em nota<sup>52</sup>.

### 5.3 As estratégias discursivo-cognitivas de Marina Silva na interface do emudecimento de Eduardo Campos

Como já falado em todo o curso dessa pesquisa acerca da discursivização binária da chapa *Unidos pelo Brasil*<sup>53</sup>, buscamos aqui dedicar atenção à orientação dada por Marina Silva, mostrando como a aliança *Unidos pelo Brasil* pós-morte de Eduardo Campos estabelece uma discursivização da ordem do genérico, do superficial, do apelativo, do motivacional, do repetitivo, não credenciando um discurso-proposta que fosse merecedor de adesão e credibilidade pelos eleitores, passado a comoção da tragédia, visto que fica claro um programa que o PSB era o criador.

Van Dijk (2010, p.43), destaca que a capacidade de força social do discurso está vinculado às condições de produção, ou seja, o poder do discurso é uma coletividade articulada entre o que é dito, o acesso social daquele que dá voz ao discurso e sua capacidade de lidar estrategicamente com as diversas semioses, visto que para o autor, “a influência decisiva sobre a mente das pessoas dar-se por meio de um controle antes simbólico” (2010, p. 46).

Diante do que postula van Dijk (2010), as elites políticas são instâncias societais que diante do seu acesso ao discurso público convencionam poder às

---

<sup>52</sup> Vamos ampliar, sim, os recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública. Nós vamos investir em políticas sociais e recuperar a capacidade do Estado de favorecer investimentos.

Vamos revisitar o fator previdenciário para fazer justiça com os trabalhadores.

O nosso compromisso é de fazer com que as cidades tenham saneamento básico, que o governo federal se responsabiliza por esse tema junto aos prefeitos.

<sup>53</sup> Essa é uma polarização confessional pelo próprio presidente do Partido – PSB, ROBERTO AMARAL (Temos que entender agora a Rede tem a cabeça da chapa e o PSB o vice [DIÁRIO DE PERNAMBUCO 23/08/14]), e pela secretária de campanha da Rede – ERUNDINA (Marina como vice era uma coisa, o seu grupo tinha uma participação em um nível, ela na cabeça da chapa tem outra participação. Agora são dois grupos políticos que pela primeira vez atuam juntos para construir uma candidatura e um projeto em nome de um partido, que é o PSB (TERRA 18/09/14).

suas práticas e dotam seus discursos de controle capaz de agir sobre as representações ideológicas dos sujeitos e desse modo conseguem agir sobre as opiniões, conhecimentos e posturas. É pelo acesso a ideologia<sup>54</sup>, como representação cognitiva, que o discurso político congrega adeptos ou não.

É acerca do alcance do discurso político sobre essa representação ideológica, que discorreremos sobre a discursivização de Marina Silva a partir do emudecimento de Eduardo Campos, apresentando as implicações desse discurso na continuidade de uma proposta e como tais interferiram na força persuasiva desse.

Marina Silva, repetidamente fez ser ouvida que a nova política se diferenciava das demais candidaturas por ter um “programa”<sup>55</sup>. Entretanto, pouco se viu MS dizer ou tentar dizer para o eleitor como as propostas de seu programa seriam realizáveis em um possível governo<sup>56</sup>.

Diante dessa atestação, identificamos um realinhamento no discurso de MS, passado a comoção da morte de EC, a qual diante das contínuas quedas de IBOPE<sup>57</sup>, mostra uma construção discursiva que caminha na contrariedade daquela instaurada logo no início que assume a protagonização da chapa. Essa

<sup>54</sup> Van Dijk (2010. p. 48) vai tratar a ideologia “como estrutura cognitiva complexa que controla a formação, transformação e aplicação de outros tipos de cognição social, tais como conhecimento, as opiniões e as tomadas de posturas”.

<sup>55</sup> No nosso objetivo de conquistar o Brasil que queremos, nós apresentamos um programa de governo. Infelizmente os nossos adversários Dilma e Aécio ainda não apresentaram seu programa de governo. (DEBATE TV APARECIDA 11/09/14)

<sup>56</sup> Eu sonho com uma governabilidade programática, não com uma governabilidade pragmática. (JORNAL DO COMÉRCIO 11/09/14)

Vamos ampliar os recursos para cultura. (VEJA 15/09/14)

Temos em nosso programa uma proposta de reforma política que melhore a representação. (JORNAL DO COMÉRCIO 17/09/14)

Nosso programa prevê a polarização dos meios alternativos para o transporte. (JORNAL DO COMÉRCIO 22/09/14)

Vamos ampliar, sim, os recursos do Fundo Nacional de segurança Pública. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO 19/09/14)

IBOPE 2014 PÓS-MORTE DE CAMPOS		
	26/08/14	
Dilma 34%	Marina 29%	Aécio 19%
	03/09/14	
Dilma 38%	Marina 33%	Aécio 14%
	12/09/14	
Dilma 39%	Marina 31%	Aécio 15%
	27/09/14	
Dilma 35%	Marina 25%	Aécio 20%
	04/10/14	
Dilma 40%	Aécio 24%	Marina 21%

reorientação de MS é desenvolvida mediante uma focalização na larga faixa social e por meio de uma postura de vitimização, através de um discurso de ampla comoção social. Observe como a candidata constrói essa representação nos exemplos abaixo:

Quadro 20 A vitimização de Marina.

Eu sei o que a educação pode fazer por uma pessoa e eu jamais usaria a chance que Deus me deu e o povo brasileiro está me dando para fazer mal a qualquer dano ao que já conquistamos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO 10/09/14)

Eu sei o que é entrar num hospital como indigente. Eu nunca me esqueço do que aconteceu na hora do nascimento da minha filha. Foi muito difícil a minha pressão caiu, foi praticamente a zero e eu escutava uma voz que gritava “bota força sua louca, senão você vai matar sua filha”. Eu sei o que é passar dificuldade. Tudo o que eu digo não é apenas um discurso é um compromisso de vida. (JORNAL DO COMÉRCIO 01/10/14)

Eu só tenho dois minutos. Me ajudem. Entrem nas redes sociais, levem a verdade, façam a campanha. (JORNAL DO COMÉRCIO 09/09/14)

Essa disputa é quase como Davi contra um batalhão de Golias. (JORNAL DO COMÉRCIO 09/09/14)

O problema é que há uma cadeia de mentira e de difamações que o tempo todo é usada para obviamente desconstruir a minha imagem, a minha pessoa. (JORNAL DO COMÉRCIO 30/09/14)

Por favor presidente, venha para o debate, apresente seu programa, mas não queira ser, a primeira mulher presidente da república a destruir outra mulher que também tem o direito de participar da democracia. (JORNAL DO COMÉRCIO 13/09/14)

Você tem de ser caluniada, apunhalada e ainda ficar calada e sorrir agradecendo. Filha de pobre, negra e evangélica é para ser desrespeitada, tratada com preconceito. Estão disseminando uma cultura de ódio no Brasil. (VEJA 14/09/14)

Antes de prosseguirmos na análise do quadro acima, gostaríamos de aqui reforçar o que já foi falado anteriormente acerca de como as campanhas políticas recorrem a ataques pessoais e fazem desses a força motriz de campanha. A isso, damos o devido reconhecimento que após o realinhamento da chapa, as representações do PT e PSDB muito se valeram das mídias *online* para promoverem construções que buscavam a descaracterização da candidata. No entanto, o que passamos a discutir a partir de então é como a situação foi aproveitada por MS após ter passado a comoção social da morte de EC e a necessidade de se manter o Ibope.

Como é possível observar nos exemplos acima, vemos como a candidata busca por meio da sensibilização alcançar a sociedade menos emancipada politicamente. Percebemos também que a candidata por não ter força argumentativa do “seu” programa, conduz sua campanha como um ataque pessoal, onde a voz da candidata assume tom de vitimização expresso pelas metáforas “Davi e Golias”, uma mulher (Dilma) que vai destruir outra (Marina), uma cultura de ódio no Brasil, pela apelação social “ajudem-me”, “entrem na campanha”, “por favor, presidente”, e por justificação “filha de pobre, negra e evangélica”.

Como já dito, na reorientação da chapa, é possível identificar dois momentos no discurso de Marina Silva. Um primeiro marcado pela comoção da morte de Eduardo Campos, de crescimento nas pesquisas eleitorais, e um segundo fortemente marcado por ataques e pelo declínio da candidata nas pesquisas de intensão de voto. Esses dois fatos expuseram o quanto a aliança entre PSB e a Rede não se dava em torno de uma ideia (fala dos presidenciáveis), a qual dava a esses candidatos condições de justaposição dentro da aliança partidária.

O não compartilhamento de ideias dentro da chapa ficou mais notório quando a candidata precisou argumentar na reta final da campanha acerca de seu programa, (como tornaria possível tantas propostas) nessa ocasião instaurou-se um discurso que repetia o já dito por EC acerca do governo do PT, apresentado no quadro do exemplo 16, e elaborações genéricas que nada dizia de novo e muito menos explicava como o seu programa sairia do papel para uma efetivação em uma possível governabilidade posto no exemplo 17.

Quadro 21 Um discurso de repetição.

Eduardo	Marina
<p>O que aconteceu é que aquilo que foi prometido, que o Brasil ia corrigir os erros e aprofundar as mudanças não aconteceu... um governo que deixou a inflação voltar, um governo que está fazendo derreter os empregos. <a href="#">(JORNAL NACIONAL 12/08/14)</a></p> <p>Juntar notórias pessoas com notória especialidade e conhecimento para fazer ao lado do presidente a seleção de pessoas que vão a cargos vitalícios. <a href="#">(JORNAL NACIONAL 12/08/14)</a></p> <p>Ela que comandou a Petrobras durante o governo Lula... como presidenta da República, nos entrega uma Petrobras vulnerável com metade do seu valor e quatro vezes mais endividada... Ela ficar conhecida como a presidenta que entregará, um País pior do que encontrou. <a href="#">(FOLHA DE SÃO PAULO 16/07/14)</a></p>	<p>O atual governo levou nosso País a uma situação de muita dificuldade econômica. A presidente que foi eleita disse que ia controlar a inflação, fazer o país crescer e baixar os juros. Dilma vai entregar o País com juros altos, crescimento baixo e inflação acima do teto da meta... <a href="#">(VEJA 08/09/14)</a></p> <p>Eu estou dizendo que quero governar com os melhores e acredito que existem pessoas boas em todos os lugares, dentro dos partidos, dentro do congresso. <a href="#">(JORNAL DO COMÉRCIO 12/09/14)</a></p> <p>Olha o que aconteceu com a Petrobras. Uma empresa importante, agora vale metade do que valia. Quatro vezes mais endividada e desmoralizada pelo roubo, pela falcatrua em 12 anos de governo de PT. A presidente Dilma tem responsabilidade política. Não adianta querer se esquivar. <a href="#">(JORNAL DO COMÉRCIO 09/09/14)</a></p>

Quadro 22 Complacência social.

<p>A população quer mudança, a mudança que preserva o que já ficou, mas que não vai ficar patinando no mesmo lugar, vai avançar para frente, para que possamos ganhar, para o Brasil voltar a crescer, para as pessoas não perderem seu emprego por causa da inflação e do baixo crescimento econômico. <a href="#">(DIÁRIO DE PERNAMBUCO 03/10/14)</a></p> <p>A indústria precisa ganhar cada vez mais competitividade. É preciso ter os meios e os incentivos para que se tenha ambiente que favoreça o desenvolvimento <a href="#">(DIÁRIO DE PERNAMBUCO 13/09/14)</a>.</p>
--

As múltiplas posturas encontradas na discursivização de MS, revelam como tal proposta não conseguiu ser discursivamente consolidada, visto que o tripé – O que é dito, a representação social de quem diz e articulação entre as diversas semioses (VAN DIJK, 2010) – que dota o discurso de poder social não foi articulado de modo coeso, o que mediante a isso inviabiliza força locucionária capaz de credibilizá-lo socialmente e desse modo agir nos modelos cognitivos dos eleitores. Tal força é abstraída do discurso de MS mediante sua

fragmentação política desenvolvida através de uma aliança centrada em EC e um programa de feições pessedebista.

Desse modo, compreendemos que houve, sim, uma polaridade discursiva, onde os representantes da chapa *Unidos pelo Brasil* mantiveram um acordo partidário que entrou em colapso após a morte de Eduardo Campos, visto que a Vice Marina Silva não havia se apropriado das ideias da pseudo *nova política* dos pessedebistas, o que resultou em uma orientação dos velhos ataques, das propostas transformadoras, das vitimizações tão conhecida pela enfadonha velha política.

## 6. Considerações finais

Essa pesquisa teve por motivação o cenário dos acordos partidários na política brasileira, no qual debruçamos atenção sobre o acordo estabelecido entre os partidos PSB e Rede nas eleições presidenciais de 2014. Nesse estudo buscamos analisar pelo viés da Análise Crítica do Discurso a construção discursiva da aliança *Unidos pelo Brasil*, a qual era posta socialmente em tom justaposto, ou seja, os presidenciais buscando minimizar mais um acordo político que se estabelecera a partir de interesses restritos, usam de um discurso que cuja aparência se propõe a colocar dois partidos de bases ideológica diferentes em posição comum dentro da chapa.

Na análise por nós desenvolvida observamos como o discurso público foi estrategicamente produzido buscando o convencimento dos eleitores por meio de uma falsa proposta de nova política. Constatamos em nossa pesquisa que os presidenciais não rompiam com as políticas dos interesses minoritarista (velha política), e que o discurso-proposta dos candidatos se concentrava no âmbito do demagógico.

O aprofundamento analítico das partes constituintes do discurso-proposta PSB-Rede permitiu o desvelamento de um programa de governo que tinha o PSB como mentor, o qual após a morte de Eduardo Campos e o realinhamento da chapa, Marina Silva por desconhecer como seria possível a realização das propostas atualiza discussões genéricas que não convence o eleitor de como será possível a implantação de tantas propostas.

Outro ponto que marca o não lugar comum dentro da chapa é demarcado no momento que Marina Silva assume a cabeça de chapa e muda pontos do programa que vão de encontro as suas bases ideológicas como é o caso da questão LGTB.

No curso de toda análise ficou em evidência uma aliança que foi estabelecida mediante necessidades e interesses muito bem precisos por cada partido, no entanto, materializado por um discurso que tinha aparência de representar as urgências da sociedade, tal estratégia foi desenvolvida mediante a caracterização de dois candidatos que estavam unidos em torno de uma ideia,

que seria a preocupação de melhoria as condições econômicas e políticas da sociedade, essa projeção social amortecia uma campanha eleitoral centrada no PSB e que amparado nos 20% de Marina Silva potencializava a visibilidade de um candidato que é muito influente nas elites políticas, mas não tão conhecido nacionalmente.

Dessa maneira, vê-se como a aliança *Unidos pelo Brasil* conseguiu desenvolver dentro do discurso político certas pretensões, as quais ao serem olhadas de maneira analítica revelaram uma ampla concentração de poder, que buscava legitimar os interesses de uma coligação partidária.

Além de deixarmos em evidência que houve, sim, uma polarização entre dois partidos dentro da aliança, buscamos deixar claro a relevância de estudos do discurso de natureza crítica e sociocognitiva para o entendimento da função do discurso na construção das práticas sociais concretas. Cada vez mais vemos que o discurso é o meio e o espaço de consolidação ideológica capaz de legitimar socialmente relações de dominação, de equivalência e de mudança. Esperamos ter apresentado contribuições concretas acerca do posicionamento aqui investigado, tão importantes à ACD, através das reflexões da construção discursiva dos presidenciais e sua força nos modelos de RS dos eleitores. Pudemos, ainda, ver como o discurso público foi estrategicamente manuseado com objeto de camuflar uma pseudo democracia.

Questões outras merecem atenção, tais como o uso de um discurso de comoção na aderência de voto, a morte como elemento de exaltação de um legado político-revolucionário, o poder das instâncias simbólicas na perpetuação de um discurso público, dentre outros, que neste momento não puderam ser investigadas, mas que instiga para possíveis estudos subsequentes.

Esperamos, deste modo, ter contribuído não para o fechamento ou conclusões da temática aqui abordada, mas ter aberto reflexões mais críticas acerca de como um discurso público possuidor de alto poder social pode ser desenvolvido visando a reformulação do modelo de representação social por meio de uma aparente prática entrecruzada, mas que é construída sob uma dimensão de polarização e interesses distintos.



## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (V. N. Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002.
- BAZERMAN, Charles. **Escrita, gênero e interação social** / Judith Hoffnagel, Ângela Dionísio, organizadoras. São Paulo: Cortez, 2007.
- BOFF, Leonardo. **Povo: em busca de um conceito**. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2015/01/29/povo-em-busca-de-um-conceito/> > Acesso em: 15/06/14, 2015.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A. **REFEENCIAÇÃO**. São Paulo: Contexto, 2007.
- DEMO, Pedro. **Direitos humanos e educação: pobreza política como desafio central**. Brasília: UnB. Disponível em: [http://www.aatr.org.br/site/uploads/publicacoes/direitos\\_humanos\\_e\\_educacao.pdf](http://www.aatr.org.br/site/uploads/publicacoes/direitos_humanos_e_educacao.pdf) > Acesso em: 22/03/15.
- DIJK, Teun A. van. **El discurso como interacción social**. Barcelona, Lisboa: Gedisa editorial, 2000a.
- \_\_\_\_\_. **Ideología: uma Aproximación multidisciplinaria**. Barcelona, Lisboa: Gedisa editorial, 2000b.
- \_\_\_\_\_. **Discurso, Notícia e Ideologia: estudos na Análise Crítica do Discurso**. Porto, Portugal: Campo das letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e poder/** Judith Hoffnagel, Karina Falcone, organização. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. Tradutor Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**: Brasília: UnB, 2001.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.

FREUD, S. **O eu e o id**, “autobiografia” e outros textos (1923-1925); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das letras, 2011.

HORKHEIMER, Max. **Teoria Crítica**. 1ª ed. 3ª reimpressão. Buenos Aires. Amorrortu, 2003.

INGEDORE, Villaça. **Ler e escrever: estratégias de e produção textual**. 2.ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012, p. 75-99.

LESSA, Renato. **Relativização – um mundo múltiplo**. Disponível em:

<http://www.cpfcultura.com.br/2009/12/01/integra-relativizacao---um-mundo-multiplo-renato-lessa/> > acesso em 22/12/14.

LUBENOW, Jorge Adriano. **O que há de político na teoria da ação comunicativa? sobre o déficit de institucionalização em Jürgen Habermas**. *Philosophos*, Goiânia, 2013, v.18, n. 1, p. 157-190, Jan./Jun.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2009, p. 62-6.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**: São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. 2 ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012, p. 88-110.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1996, p. 5-66.

MENDO, Castro Henriques. **Introdução à Política de Aristóteles**. Edição Bilingue, Lisboa, VEGA, 1998, p.17-38.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p.143-239.

MONDADA, L. e DUBOIS, D. **Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos e referenciação**. In: KOCH.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**; tradução Maria Alice Magalhães D`Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. – 24 ed. – Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1999.

RESENDE, Viviane de melo. **Análise do discurso crítica** / Viviane de Melo Resende e Viviane Ramalho. – São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Conceição Isabel Pinto. **A democracia em Jean-Jacques Rousseau**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Ninho. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6765> > acesso em: 11/05/15.

ROUSSEAU, J.J. **Do contrato social**; ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; tradução de Lourdes Santos Machado; introdução e notas Paulo Arbousse-Batisde e Lourival Gomes Machado. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SARAIVA, Rodrigo Pereira Costa. **Política**. Uma análise Crítica do conceito de política na visão de Aristóteles. Disponível em: <http://www.oabma.org.br/oab-ma- agora/artigo/politica-uma-analise-critica-do-conceito-de-politica-na-visao-de-aristoteles> > acesso em: 23/05/15

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: vozes, 2009.

VYGOTSKY, L. Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores, 2001.

## Anexos (recorte dos discursos diretos)

### Eduardo Campos repete que Brasil precisa melhorar a federação (Diário de Pernambuco)

"Nós precisamos melhorar a federação brasileira. O governo Dilma, além de parar o Brasil, concentrou recursos lá em cima (na União)", afirmou.

"Estamos fazendo toda uma escuta que não vemos outras candidaturas fazerem, para a construção de um programa", avaliou. "O Brasil precisa retomar seu leito de desenvolvimento, de crescimento."

"Existe espaço para, sem inferir a Lei de Responsabilidade Fiscal, abrir a possibilidade de um estado da expressão do Rio Grande do Sul sair desta situação em que vive", revelou.

Campos disse que na área de transporte, mobilidade e logística existe uma carência de obras prioritárias que somam mais de R\$ 300 bilhões no Brasil. "O país não tem, no orçamento fiscal, como tirar ano a ano esse valor. Temos que realizar as obras essenciais com recurso do orçamento fiscal, ver as obras em que cabem parcerias público-privadas e as obras que podem ser feitas com concessão", falou.

"Nós não vamos devolver os médicos que estão servindo. Vamos controlar este programa para que tenha qualidade, para que a forma de contratação tenha equivalência a como se contrata médicos aqui, para que seja justo, que ninguém seja sub-remunerado", afirmou.

### É preciso ter novo pacto político, diz Eduardo Campos (Jornal do Comércio)

Ex-governador de Pernambuco fez declaração em entrevista à GloboNews

Eduardo Campos, disse que "o Brasil não vai melhorar se a gente não tiver um novo pacto político". "Desde início de 2013, quando a presidente decidiu apoiar a candidatura de Renan Calheiros para o Senado e de Henrique Eduardo Alves para a Câmara, ela tinha tomado uma decisão por uma aliança no centro da governabilidade com esse PMDB e, a partir dali, só foi distanciamento", afirmou.

"A gente imaginava que a presidente Dilma iria afastar essa velha política e abrir espaço para todo um conjunto que historicamente ajudou a construção desse projeto, não é que acontece exatamente o contrário. O País para, a gente vê um governo que prometeu o desenvolvimento e o País parou de crescer. Nós vimos o governo prometer que a taxa de juros ia baixar, e vimos o juro real mais elevado, e vimos um governo que não conseguiu colocar o país num ciclo de avanço", explicou.

"Se isso é verdade, aqui no meio está o Estado, dividido em pedaços, pelas forças mais atrasadas, que se apropriam de fatias do Estado e que não conseguem responder a essa pauta. Como resolver isso? Ou você tem a coragem de mudar a sustentação política ou não vai ter mudança." Hoje, essa força que a sociedade tem, não se representa nos dois projetos, seja da Dilma, seja da oposição clássica que representa o PSDB, afirmou.

"Temos de fazer programa de governo para o País, interpretando as demandas da sociedade, já houve governo que priorizou a estabilidade e arrumou recursos para sanear o sistema financeiro; teve governo que priorizou outras políticas, como recentemente organizar dívida de empresas de energia. Hoje, estamos desafiados a pensar em educação e salvar a juventude brasileira. Temos que reencantar a escola brasileira", afirmou.

"Há como fazer a reforma, fazer uma regra de transição, dar segurança de que ninguém vai perder receita corrente. Para fazê-la é preciso capacidade de articular, mas capacidade e a compreensão. Fernando Henrique e Lula não fizeram porque tentaram fazer para o ano seguinte, se a gente fizer com ideia de médio prazo é possível melhorar a vida do povo brasileiro."

**(CONTINUAÇÃO)**

"Agora o teto (da meta) virou o centro e seja o que Deus quiser", afirmou. Segundo ele, "a crise no Brasil, mais do que de fundamento, é uma crise de confiança na governança."

"Isso é algo que pratico no meu dia a dia, na vida. Tenho capacidade de fazer entendimento e construir consenso porque tenho paciência. Isso me fez ser eleito consensualmente no PSB três vezes presidente do partido e, agora, candidato à Presidência da República", descreveu.

[Em sabatina, Eduardo Campos e Marina defendem diálogo com ruralistas \(Jornal do Comércio\)](#)

Candidato prometeu fortalecer o Ministério da Agricultura

"Firmo um compromisso com o agronegócio de fazer uma leitura dos últimos 40 anos do que fez o agronegócio brasileiro, sem preconceitos e sem ranços, com a capacidade de diálogo, que a minha caminhada comprova que tem", discursou Campos.

"É exigida uma nova governança do setor público de uma sociedade que olha para o Brasil e se sente pagando um hotel de cinco estrelas e se hospedando em um hotel de meia estrela. Uma sociedade que vê uma carga tributária de 37% e serviços públicos que são demandados sem qualidade e sem efetividade".

[Eduardo Campos diz que pretende universalizar ensino infantil Diário de Pernambuco](#)

"Temos um olhar muito forte para a questão da primeira infância. E universalizar não é só construir creches", disse Campos, que citou Paulo Freire na fala de que escolas não são feitas de cal e pedra, mas de gente.

"Tínhamos uma mortalidade em Pernambuco acima da média do Nordeste e, em sete anos, colocamos abaixo da média do Brasil."

"As crianças brasileiras vão sentir a diferença de ver alguém governar o Brasil sabendo a realidade das crianças brasileiras que passam fome, que são vítimas de abuso, das crianças que tem deficiência e precisam de um olhar que vai além das disputas duras muitas vezes desleais da política", disse Campos.

### Eduardo diz que Aécio vai se entregar à "velha política" Diário de Pernambuco

O presidenciável prometeu que não vai governar com apoio do ex-presidente José Sarney (PMDB), do presidente do Congresso, Renan Calheiros (PMDB), e nem do senador e ex-presidente Fernando Collor de Mello (PTB)

"Não se iludam, essas raposas estão com o pé em duas canoas. Uma canoa da Dilma e outra canoa do Aécio. A Dilma quer governar com eles, o Aécio também quer governar com eles. Mas vocês vão ver pela primeira vez, nos últimos 20 anos, essas raposas sentarem nas cadeiras da oposição", afirmou. Nesta semana, em uma entrevista a um programa de televisão, o ex-governador classificou os tucanos de "oposição clássica" e o governo de Dilma como o governo de "retrocessos".

Integrantes do PSB comentavam que a sigla iria lançar um candidato próprio em Minas e enquanto isso, o PSDB lançaria o deputado estadual Daniel Coelho (PSDB) como candidato ao Executivo em Pernambuco, mas a questão foi encerrada por Aécio em uma entrevista à uma rádio local onde reafirmou que a tendência do partido era apoiar Paulo Câmara e que "essa era a vontade e, me parece que é majoritária" do PSDB. "Tenho certeza que os companheiros do PSDB trabalharão no limite das suas forças e das suas condições pela nossa candidatura e da minha parte a liberação é absoluta", acrescentou.

### Eduardo Campos repete que Brasil precisa melhorar a federação Diário de Pernambuco

"Nós precisamos melhorar a federação brasileira. O governo Dilma, além de parar o Brasil, concentrou recursos lá em cima (na União)", afirmou.

"Estamos fazendo toda uma escuta que não vemos outras candidaturas fazerem, para a construção de um programa", avaliou. "O Brasil precisa retomar seu leito de desenvolvimento, de crescimento."

"Existe espaço para, sem inferir a Lei de Responsabilidade Fiscal, abrir a possibilidade de um estado da expressão do Rio Grande do Sul sair desta situação em que vive", revelou.

Campos disse que na área de transporte, mobilidade e logística existe uma carência de obras prioritárias que somam mais de R\$ 300 bilhões no Brasil. "O país não tem, no orçamento fiscal, como tirar ano a ano esse valor. Temos que realizar as obras essenciais com recurso do orçamento fiscal, ver as obras em que cabem parcerias público-privadas e as obras que podem ser feitas com concessão", falou.

"Nós não vamos devolver os médicos que estão servindo. Vamos controlar este programa para que tenha qualidade, para que a forma de contratação tenha equivalência a como se contrata médicos aqui, para que seja justo, que ninguém seja sub-remunerado", afirmou.

### Em visita ao Sul, Eduardo Campos promete desenvolver indústria naval Diário de Pernambuco

Além disso, o candidato prometeu investir em ferrovias e hidrovias para ligar o porto à região central do país. "Uma das obras centrais, a meu ver, é a ligação ferroviária do Porto do Rio Grande com o Centro-Oeste brasileiro. Essa obra vai fazer com que esse porto seja um concentrador de carga brasileira, ajudando a melhorar o custo da agricultura, dos que produzem soja, milho, arroz e também da pecuária", disse. "A Hidrovia do Guaíba para trazer muitas cargas que estão vindo por caminhão", completou.

### Eduardo Campos defende inovação do setor industrial para combater desemprego Diário de Pernambuco

"Estamos vivendo um processo de desindustrialização, e os melhores empregos no Brasil estão sendo perdidos. Só no último semestre, a indústria de bens de capital, formada pelas fábricas que fazem as fábricas, reduziu em 30% suas vendas. É uma situação de UTI, e precisamos ter medidas de curtíssimo prazo e de médio e longo prazos para salvar a indústria brasileira", disse Campos em entrevista coletiva.

### Eduardo Campos responsabiliza Dilma por problemas da Petrobras Diário de Pernambuco

"Não tem como separar a presidente da crise que vive a Petrobras", disse o candidato. "A presidente Dilma (Rousseff) tem toda responsabilidade não só sobre o que está acontecendo na Petrobras, mas em todo o setor de energia do País, porque há quase 12 anos ela é quem comanda esse setor. Ela foi ministra de Minas e Energia e presidente do conselho da Petrobras. Depois de oito anos nessa posição, ela, como presidente da República, nomeou um novo conselho e os dirigentes todos da Petrobras", afirmou.

"A responsabilidade objetiva sobre quem cometeu algum malfeito ou não as apurações vão dizer, mas é lamentável que depois de tudo o que aconteceu na Petrobras a atitude do governo não seja outra", avaliou.

"A atitude que estávamos esperando neste momento era falar a verdade, deixar que a verdade pudesse ajudar na recuperação da Petrobras. Nós não vamos recuperar a Petrobras com mentiras, protegendo quem fez errado."

"São muitas empresas que estão fechando as portas por atrasos de pagamentos da Petrobras, é esse o resultado da má governança da Petrobras", avaliou.

"Aí, você é um trabalhador, tem filho para sustentar, as contas de casa para pagar, e vê na televisão que tudo aquilo que ocasionou essa situação na sua vida, na vida da empresa que você trabalha, virou teatro. Em vez de vir a público para que se corrijam os erros, pessoas do governo estão treinando teatro para, em vez de apurar, colocar uma cortina de fumaça, isso é uma vergonha."

"Imagina se um governo que não fosse do PT estivesse fazendo isso, o que o PT não estaria fazendo, imagina se fosse no governo do (ex-presidente) Fernando Henrique (Cardoso, do PSDB)"

### Eduardo garante que Dilma fará "tarifaço" Diário de Pernambuco

Durante encontro com jovens no Rio Grande do Sul, o candidato à Presidência pelo PSB previu um aumento dos impostos

“O ministro da Fazenda vai para os jornais dizer que é conversa para boi dormir que não vai ter ‘tarifaço’. Primeiro, o ministro da Fazenda não deveria usar esse tipo de termo. Segundo, se ele está dizendo que não vai ter tarifaço, é porque vai ter. É só examinar o que ele anda dizendo e tudo o que ele diz acontece o contrário”, criticou o presidenciável em um evento com militantes do PSB em Pelotas (RS).

Eduardo comparou os últimos discursos do ministro para qualificar a falta de credibilidade da população com a economia no país. “Ele (Mantega) disse que o juro não ia subir e o juro explodiu.

Ele disse que o Brasil ia crescer e o Brasil está caindo. Ele disse que não ia ter desemprego e está tendo. Se ele está dizendo que não vai ter tarifaço, pode anotar aí que já está na gaveta para depois da eleição”, atacou. Em seguida, o socialista afirmou que, se eleito, vai “passar confiança” para o mundo, porque o país será “bem governado” na macroeconomia.

### Eduardo Campos afirma que Nordeste é solução, e não problema Diário de Pernambuco

“O Nordeste brasileiro tem que ser compreendido não como problema, mas como solução”, disse ao participar de sabatina do G1.

### Eduardo Campos defende investigação da PF sobre Petrobras Diário de Pernambuco

“Nós não podemos omitir do Brasil o que houve com a maior empresa brasileira, que perdeu metade do seu valor de mercado, que multiplicou sua dívida por quatro, que está levando muitas empresas privadas a fechar a porta”, destacou Campos ao exigir “todo esclarecimento necessário para que os responsáveis sejam punidos na forma da lei”.

“O Palácio não pode virar um comitê eleitoral de uma força política para sair agredindo os que não concordam”, afirmou.

“É um símbolo do aparelhamento do estado brasileiro que não dá mais”, sentenciou.



### Eduardo Campos dá como certo reajuste da gasolina após eleições JC

O candidato repetiu ser favorável que reajuste não prejudique o setor do etanol

"Não imaginem que não vai haver reajuste. O orçamento fiscal já não suporta esse tipo de mágica que eles estão fazendo", disse.

"Todo mundo sabe neste País que ela mandou segurar o aumento da energia. E combustível é a mesma coisa".

"Precisamos garantir rédeas seguras e direção profissionalizada para resgatar a Petrobras, que é fundamental para investimentos navais e de petróleo", afirmou.

Campos preferiu não responder. "Vamos esperar o segundo turno, porque tenho certeza que estarei lá e essa pergunta será feita aos meus concorrentes" disse.

"Já tivemos governos do PSDB e do PT, agora o Brasil precisa de um governo que faça uma nova pauta", concluiu.

### Eduardo Campos: agronegócio atua contra baixo crescimento do país Diário de Pernambuco

"É fundamental crer no planejamento, na meritocracia e na governança com metas e objetivos definidos", disse, advogando por um aumento de ao menos 30% na produtividade na "velha máquina pública". "É fundamental uma mudança de cultura. O Estado existe para servir a sociedade, e não o contrário", concluiu.

"A sociedade sente-se hospedada em hotel de cinco estrelas quando na verdade está em hotel de meia estrela", disse.

"Assumo o compromisso de fortalecer o Ministério da Agricultura, que é tirá-lo do balcão da política", prometeu. "É preciso que quem olhe Brasília enxergue um ministro que possa falar com o presidente da República", disse.

### Eduardo e Marina discutem propostas para a juventude Diário de Pernambuco

"Enquanto tivermos a escola do rico e a escola do pobre não seremos um país com justiça e cidadania", alertou Campos.

Para Eduardo, a juventude é a força motriz das mudanças no Brasil. "Nada de novo na construção de um país mais democrático e mais justo foi feito sem a energia, sem a participação e sem a militância da juventude", frisou o presidenciável, que também defendeu a criação de um sistema nacional, colaborativo e transversal, para cuidar de políticas para a juventude, que unifique os diversos programas para essa faixa etária e "que deve ser liderado pelo próprio presidente da República", complementou o socialista.

**Eduardo Campos destaca 'crise de representatividade' dos jovens jc**

Candidato conversou com cerca de 150 jovens, falando sobre a crise de representatividade das juventudes

"Temos mais 20 anos como país jovem. É esse tempo que temos para estabelecer a representação política da juventude para que possa embalar o País lá na frente", disse Campos, ao reforçar seu discurso da opção pela mudança e renovação na política. Ele elogiou a "energia" e a "garra" da juventude, necessárias ao projeto do "novo".

"Não vamos fazer da juventude massa de manobra política", afirmou Campos, ao elogiar o compromisso dos militantes presentes.

**Eduardo Campos diz que turismo internacional no país é insuficiente Diário de Pernambuco**

"Temos um país maravilhoso do ponto de vista de recursos naturais. Uma gente que sabe receber como poucos no mundo, e temos ainda um resultado muito insuficiente no que diz respeito ao turismo, sobretudo ao turismo internacional. Um país como o nosso recebe pouco mais de 6 milhões de turistas, [enquanto] Espanha e França recebem quase dez vezes isso", destacou.

"Há muita improvisação no olhar sobre uma atividade tão importante para o desenvolvimento econômico do país. Ainda há muito voluntarismo, pouca articulação, por parte do governo federal, em políticas públicas que possam otimizar os esforços, integrar as ações e impactar a geração de emprego e renda do país", declarou.

**Marina: funcionário fantasma precisa ser investigado Diário de Pernambuco**

"Funcionário fantasma não pode existir em qualquer que seja a instituição. Se eles existem, providências do ponto de vista legal devem ser tomadas. Existem processos institucionais em qualquer que seja a situação", disse Marina, ao Broadcast Político.

**Eduardo Campos diz que dará condição para país crescer 4% ao ano Diário de Pernambuco**

"Não é só no futebol. Na economia, estamos perdendo de 7 a 1. A inflação está em 7% e o crescimento abaixo de 1%. É preciso confiança, liderança, passar aos agentes econômicos a segurança de que o Brasil será governado com responsabilidade fiscal e segurança jurídica, para alavancar investimentos públicos e privados, segurar o consumo e termos o Brasil crescendo à média de 4%", disse

"só não tem dinheiro para as coisas que interessam à população".

"De cada R\$ 100 colocados em segurança, apenas R\$ 15 vêm da União, que arrecada 60% dos impostos. Tem alguma coisa errada: a União está fora de um tema central para a cidadania. É uma questão de prioridade. Não arruma dinheiro quando os juros aumentam? Não arruma dinheiro para colocar nas empresas do setor elétrico? E não tem dinheiro quando falamos de escola integral, de passe livre, de R\$ 6 bilhões para o Fundo Nacional de Segurança", afirmou.

### "Eu nunca mudei de lado" JC

Em sabatina ao portal G1, o presidenciável Eduardo Campos (PSB) justifica sua candidatura e sua oposição ao PT

“Nunca na minha vida mudei de lado. Sempre fui eleito pelo mesmo partido. Na vida, às vezes, temos que tomar atitudes de coragem”, disse ele, acrescentando que com sua decisão quis “mostrar que o País vinha mudando e parou de mudar no governo da presidente Dilma”.

### Eduardo Campos garante continuidade do Bolsa Família Diário de Pernambuco

"Nossa intenção é ampliar o Bolsa Família e fazer pelo Nordeste o que a presidenta poderia ter feito nos últimos quatro anos e não fez, porque ela olha para o Nordeste como um curral eleitoral. Mas somos gente e merecemos respeito. Queremos Bolsa Família, mas também queremos trabalho, indústria, segurança e acesso à água", disse, referindo-se a Dilma Rousseff (PT), sua adversária neste pleito.

"Fico assombrado com as cobranças sociais feitas aos trabalhadores do campo. O governo parece que não percebeu que passamos por três anos de seca em que o que foi investido se perdeu. É preciso reverter esse quadro para que o governo não viva apenas da propaganda do Bolsa Família, que, aliás, é a única proposta da presidenta Dilma".

"O que a gente vê é que a inflação está de volta e, enquanto isso, a presidenta Dilma deu mais de R\$ 6 bilhões para o setor elétrico, que tem um péssimo serviço prestado. E esse dinheiro vai sair do bolso da população. Não podemos permitir que o Brasil perca as conquistas obtidas no passado. Já são 20 anos de governo do PT e PSDB, é preciso mudar. Precisamos ter um governo que olhe para os mais necessitados", ressaltou.

### Na Paraíba, Campos promete programa para idosos e transposição do São Francisco Diário de Pernambuco

“O Brasil tem hoje 15 milhões de pessoas idosas, mas, nos próximos 15 anos, vamos ter 30 milhões e precisamos cuidar melhor dos idosos. Para que ele possa viver com dignidade com aposentadoria condigna, com acesso ao SUS [Sistema Único de Saúde], que precisa se preparar para cuidar da terceira idade, com remédios que hoje consomem grande parte da renda do idoso, mas também com a moradia. E o Cidade Madura é uma experiência que vamos levar para o Brasil”, disse o candidato.

“Lutei muito por essa obra e tenho certeza que Deus vai me dar a oportunidade, e o povo brasileiro, de ser como nordestino aquele que vai inaugurar a transposição do Rio São Francisco. Mas nós não podemos parar na transposição. Tem muitas outras obras que precisam ser feitas, de adutoras, de barragens, de poços profundos, de pequenos sistemas de abastecimento de água para comunidades de 100, de 50 casas, nós não podemos parar de investir. Não é possível que esse país, desde Dom Pedro II, só fale em seca em tempo de seca. É preciso cuidar também quando chove”.

### Eduardo Campos volta a criticar atual forma de governo Diário de Pernambuco

"O que se faz hoje em Brasília é um pacto que divide pedaços do Estado e alianças com adversários históricos. Na Alemanha, os partidos fazem alianças, mas em torno de programas. É assim que o Brasil tem de fazer: alianças em torno de um pensamento", disse o candidato.

"O modelo que aí está vem desde o governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), depois no segundo governo Lula (PT) ficou mais evidente com o caso do 'Mensalão' e agora se imaginava que a presidente Dilma fosse quebrá-lo. Mas o que ela fez foi se entregar a esse tipo de modelo, o que não permite ao Brasil viver o encontro com essa energia renovadora da sociedade", afirmou o candidato. "Eu e Marina Silva, candidata a vice em nossa chapa, oferecermos ao Brasil a possibilidade de ser a única candidatura que dialoga com essa energia."

"A visão econômica mais parecida com a de Aécio é a que a presidente Dilma colocou em seu partido. Tanto PSDB quanto PT concordam em relação a isso: que a política econômica foi mantida em seus governos". O candidato do PSB classificou a estagnação do crescimento da economia brasileira à "má governança". "O Brasil precisa voltar a crescer e a administrar melhor as expectativas. Economia não é ciência exata, tem a ver com expectativas e elas só têm piorado pela má governança e falta de confiança dos agentes econômicos no futuro do País. Quando você estimula o investimento produtivo e administra bem os recursos públicos, possibilita por exemplo a queda da taxa de juros."

### Eduardo Campos promete não aumentar carga tributária Diário de Pernambuco

"É inconcebível que quem ganhe R\$ 1.800 já pague imposto de renda e que os pobres paguem mais que os ricos", disse Campos.

"Não é normal o Imposto de Renda incidir sobre quem ganha R\$ 1.800. Nem incidir sobre a moto de 125 cilindradas que um trabalhador usa para trabalhar e não sobre a aeronave particular. O governo desonera o Imposto sobre Produtos Industrializados para carros e deixa o da bicicleta", criticou, citando a política de desonerações da presidente Dilma Rousseff.

"Serei o primeiro presidente da República que se compromete que não haverá aumento da carga tributária e apresentará uma rampa para redução da carga tributária no Brasil", disse Campos aos fiscais.

"Não podemos crescer 1% do PIB. O que houve de avanço de inclusão das famílias vai desaparecer rapidamente se continuar esse padrão de crescimento" previu.

Campos prometeu ainda "resgatar a Petrobras da situação em que ela se encontra" e "blindar (a empresa) da interferência nefasta da politicagem".

### **Marina promete implementação do Código Florestal jc**

#### **Lei aprovada em 2012 não está sendo cumprida na velocidade e urgência necessária, afirma candidata**

Perguntada se pretendia, sendo eleita presidente, promover alterações no Código, Marina respondeu: "as leis que não são cláusula pétrea, estão sempre abertas para o debate, como o próprio Código Florestal. O próprio governo federal pode apresentar uma proposta para melhorá-lo. Mas nosso compromisso agora é de implementá-lo.

"O programa é em si mesmo um pacto selado, o acordo maior que nos une, PSB, companheiros, que com certeza estavam aguardando este momento que o PSB nos anuncia. Trouxemos o acúmulo passado, de nossas tristezas, compromissos com o povo brasileiro, tudo submetido ao crivo da competência técnica. Ao que de melhor se pensa e se faz no mundo", afirmou.

"Venho de uma campanha presidencial que surpreendeu o País pelo apoio obtido junto a sociedade, que externou sua insatisfação com o esgotamento da política tradicional, reiterada em junho-julho de 2013", disse. "Nova forma de ver o processo de desenvolvimento e a incorporação de novos temas e novas propostas. Essa experiência de mobilização social foi fundamental para unir os ideais de justiça social", observou.

"Conseguimos 14 estados com candidaturas em que a Rede (grupo político que ela tentou criar e que foi abrigado dentro do PSB) e os socialistas estão de acordo", disse.

"O que foi decidido cancelava que o PSB teria o direito a essas alianças e eu seria preservada de apoiá-las. Permanece o mesmo quadro", disse Marina.

"O Beto representará o PSB nessas alianças, e eu estarei ao lado dos candidatos do PSB a deputado federal e estadual, como já estava antes", concluiu

### **Marina candidata: 'Crescimento do PSB é tão importante quanto a criação da Rede' diário de Pernambuco**

#### **A prática, contudo, não coincide com o discurso: ela não subirá em todos os palanques do partido nos Estados**

"Para mim, tão importante quanto a criação da Rede é o crescimento do PSB. Estamos juntos nesse sentido".

"Sinto-me parte solidária e interessada que o PSB leve adiante os planos de futuro partidário que tinham a inspiração de Campos. Sem Eduardo, temos hoje o que sempre nos uniu: a consciência clara de onde queremos chegar juntos. O programa é o pacto selado, o acordo maior que nos une", disse.

. "Tudo aquilo que fizemos juntos é o que faremos daqui pra frente. Quero agradecer a todos vocês que comigo e Beto... Beto e eu... é difícil. A gente falava Eduardo e Marina", disse, ao se apresentar pela primeira vez como parte de uma nova chapa.

### Marina critica uso da morte de Campos em horário eleitoral diário de Pernambuco

"Nosso esforço, de todos os brasileiros, independente de partido, é que sua trajetória, sua insistência em renovar a política não seja tratada como herança, onde cada um pega um fragmento do despojo, mas que seja tratada como um legado em que quanto mais pessoas puderem se apropriar dele, melhor fica", disse.

### Marina classifica adversários como 'central de boatos' JC

Segundo a ex-ministra, apesar da "pouca estrutura e pouco tempo de televisão", a sociedade vem identificando a mudança no projeto da sua candidatura

. "Não só vamos manter os concursos, como vamos inclusive aproveitar corretamente os servidores públicos de carreira", respondeu. "Os adversários viraram uma verdadeira central de boatos. Como não têm programa, tem que inventar boatos. Espalham série de inverdades sobre o nosso projeto", reclamou. Segundo ela, apesar da "pouca estrutura e pouco tempo de televisão", a sociedade vem identificando a mudança no projeto da sua candidatura.

A candidata se mostrou visivelmente incomodada com os ataques dos adversários e continuou: "O marketing selvagem dos meus adversários, principalmente da presidente Dilma, não dá pra combater, porque não tem limites. Todo dia tem um filmezinho com uma história de que vamos fazer um caminhão de maldades com os brasileiros", apontou. Ela acrescentou que a única coisa que pode combater esses ataques é o discernimento. "Agora temos o maior mensalão da história deste País, porque nunca houve um caso de corrupção tão grande como esse que aconteceu na Petrobras", ressaltou.

Questionada também sobre suas trocas de partidos, Marina respondeu que saiu do PT porque "queria ser mantenedora de utopia". "Fui para o PV porque ele se comprometeu em trabalhar a agenda da sustentabilidade", disse ela, argumentando que, quando isso não ocorreu, ela saiu do partido. "Pela lógica da velha política, eu poderia ter ficado lá e esperado a nova eleição, mas preferi criar um partido."

Marina ataca 'políticas erráticas' de Dilma: 'Ricos estão cada vez mais ricos' JC

Em campanha nas cidades de Goiânia (GO) e Vitória (ES), candidata do PSB culpou o governo da petista pela falta de avanço na redução da desigualdade

Marina esteve em Goiânia e em Vitória nesta quinta e tratou do assunto nas duas ocasiões. “Para além da inflação, o crescimento baixo e os juros altos, nós temos essa triste realidade de que no Brasil o processo de distribuição de renda está voltando à concentração da renda e que tivemos um processo de estagnação, uma tendência também de diminuição das igualdades sociais”, afirmou a candidata. “Não se está mais no processo virtuoso de redução das desigualdades sociais. Os 10% mais ricos estão ficando cada vez mais ricos e os 10% mais pobres estão ficando mais pobres. A presidente Dilma precisa explicar para população brasileira por que ela está entregando o país pior do que ela encontrou”, continuou: “Nós vamos investir em políticas sociais e recuperar a capacidade do Estado de favorecer investimentos e recursos”.

”. “Eu tenho debatido muito a postura da presidente Dilma e sou eu que não sei exatamente o que ela pensa. Porque ela disse que ia ganhar o primeiro mandato para manter o país crescendo, para diminuir os juros e para conter a inflação, mas o que temos é o contrário”, afirmou Marina. “Eu estou em um debate com a presidente Dilma, é com ela que eu vou debater, e gostaria que ela apresentasse o seu programa e que não ficasse se escondendo atrás de fofocas”, continuou.

### **Marina diz que não está preocupada com pesquisa JC**

**"Não queremos entra no jogo que vale tudo para ganhar a eleição", afirmou**

. "Vamos continuar fazendo uma campanha limpa. Não queremos entra no jogo que vale tudo para ganhar a eleição", afirmou, durante coletiva em São Bernardo do Campo, antes de um ato político na Praça da Igreja Matriz.

Marina afirmou que não está preocupada com pesquisa e está tranquila. "Não vamos utilizar o espaço da democracia conquistada a duras penas para assacar medidas e boatos contra quem quer que seja", reforçou. "Nesse momento estamos tranquilos vamos continuar fazendo o debate, não é o embate."

"E a sociedade brasileira haverá de ter discernimento e está tendo", afirmou.

"Gostaria que eles tivessem um programa para que a sociedade brasileira pudesse debater", afirmou. "Nós estamos fazendo uma campanha com base em proposta, os nossos adversários é que têm que explicar porque durante 20 anos eles se combateram a ferro e fogo e agora estão unidos, PT e PSDB, numa mesma artilharia para destruir quem tem programa", disse.

Segundo ela, "pela primeira vez na história desse País o PT e o PSDB estão juntos numa mesma cruzada de preconceito, boatos e difamações" para conter o avanço da sociedade que quer mudanças.

**Marina: contratos de royalties devem ser cumpridos JC**

**A candidata negou ser favorável à lei aprovada no Congresso Nacional, em 2012, que altera os repasses dos royalties dos Estados produtores de petróleo**

"Defendemos contratos e honramos contratos e os contratos que foram feitos antes (da lei), devem ser honrados", disse. "Esperamos que haja uma decisão que favoreça os Estados produtores sem prejuízos das conquistas que foram estabelecidas para saúde e para educação", completou.

"Tem um processo no Supremo que está sendo avaliado. O que nós esperamos é que o Supremo, longe das pressões políticas, possa ter uma decisão que não prejudique os Estados produtores e ao mesmo tempo possa salvaguardar os interesses do País", reforçou, em entrevista em São Bernardo do Campo (SP).

**Diário****Marina promete aumentar recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública**

"Vamos ampliar, sim, os recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública para, em parceria com os governadores, dar uma resposta à altura – não é questão de criar um ministério, é como fazer para que se tenha, de fato, uma visão integrada do problema da segurança pública", disse, em entrevista coletiva, em São Bernardo do Campo, São Paulo, onde fez comício.

"Nossa proposta é o Pacto pela Vida, que foi feito em Pernambuco e reduziu a violência de um modo geral, mas também a violência policial", destacou.

"Quem trouxe esse debate [da área da segurança] para o plano nacional foi a nossa aliança. E esse é um problema que precisa ser nacionalizado. Queremos que se tenha o combate à violência, à criminalidade, mas também com um processo em que as polícias possam ser valorizadas, treinadas, em que se tenha uma lógica de defesa dos direitos humanos, um princípio de defesa da vida, como aconteceu em Pernambuco", acrescentou.

"É a agenda da liberdade de imprensa, a liberdade de expressão, que foi uma conquista da democracia. Defendemos a liberdade de expressão, defendemos que os meios modernos propiciados pela internet que já estão fazendo esse atravessamento, que é complementar as mídias clássicas, possa ser cada vez mais aprofundado."



### **Yahoo Fui a que melhor integrou propostas aos gays, diz Marina**

Marina Silva, afirmou, em entrevista que seu programa de governo foi o que melhor integrou propostas para os homossexuais e, ao ser questionada sobre sua religiosidade, respondeu: "Sou religiosa, mas os adversários têm usado mentiras para me prejudicar".

". Nesta semana, a temática homossexual voltou a ser destaque após as declarações do candidato do PRTB, Levy Fidelix, em debate na TV, em que sugeriu o enfrentamento contra à "minoria" homossexual.

. "O que está acontecendo na candidatura da Dilma é que existe uma série de erros cometidos nos últimos anos. Eles criaram uma situação de insegurança para os investimentos e isso tem afetado o emprego e a inflação", afirmou.

Marina afirmou que é preciso ter uma liderança "confiável" para que os investidores se interessem pelo Brasil novamente. "É isso que vai definir quem vencerá as eleições", disse.

A ex-senadora também descreveu a Amanpour as dificuldades que enfrentou. Contou que perdeu a mãe aos 14 anos e ajudou a cuidar de sete irmãos. ainda disse que foi analfabeta até os 16 anos e que viveu na escravidão. "Se eu fosse um resultado do meu passado, eu não estaria aqui hoje", afirmou, acrescentando que tem lidado com muito preconceito. "Eles tentam me desacreditar."

Marina: não vou fazer com Dilma o que ela faz comigo JC

A candidata do PSB disse também ter um histórico pessoal que não será atingido pelas campanhas dos adversários

Estadão

"A presidente Dilma pode ter certeza que não vou fazer com ela o que ela está fazendo comigo", afirmou, em um evento sobre cultura na capital paulista.

. "Mesmo que essas mentiras me reduzam a pó, minha história não muda por causa dessas mentiras", disse.

. "Você acha que isso é coisa de uma pessoa só? Só se fosse o Exterminador do Futuro", disse, renetindo que faz uma luta de vários Golias contra um Davi.

### **Ao lado de artistas, Marina promete elevar verba da cultura veja**

A candidata do PSB recebeu nesta segunda-feira demandas do meio artístico e se comprometeu, sem especificar porcentual, a elevar os repasses para o setor

"O debate sobre a valorização da cultura está nesse programa. Não apenas a valorização política do discurso e simbólica, mas de como vamos ampliar os recursos para a cultura", disse.

. "Tem muita gente fazendo arte da política, mas no outro sentido: a arte de acabar com a Petrobras, a arte de ter uma governabilidade com base na distribuição de pedaços de Estado, para que grupos possam chamar de seu", criticou.

. "Essa jornada não está sendo fácil. É uma estrutura muito poderosa essa que está aí. Eu diria que não é uma luta de Davi contra Goliás. É uma luta de vários Goliás com artilharia pesada. Porque chegar no interior da Bahia e ouvir: 'Vai acabar com o Mais Médicos, vai acabar com o Minha Casa Minha Vida, vai acabar com o Bolsa Família, vai acabar com a transposição do São Francisco, vai acabar com a Transnordestina, vai acabar com o pré-sal'. Vocês acham que isso é um ser humano? Só se fosse o exterminador do futuro. Estão subestimando a inteligência da sociedade brasileira", declarou, fazendo nova comparação com o ex-presidente Lula, que foi alvo de uma série de ataques durante a corrida presidencial de 1989 por Fernando Collor de Mello.

### [Marina propõe atualização das leis trabalhistas sem prejuízos para trabalhador JC](#)

Sobre reforma tributária, a candidata disse que sua coligação tem o compromisso de apresentar uma proposta no primeiro mês de mandato, caso eleita

“Não temos ainda um posicionamento da nossa aliança, queremos fazer com que esse debate, que não é só da nossa aliança, possa ser feito em favor dos trabalhadores, e em favor do processo produtivo”, disse, após encontro com empreendedores. “Quero reafirmar para que não fique nenhuma dúvida: de que isso será feito sem prejuízo das conquistas que os trabalhadores a duras penas alcançaram”, acrescentou.

“Estamos fazendo discussão. Nosso compromisso é de mandar uma proposta no primeiro mês do nosso governo. Claro que recebendo ainda todas as contribuições possíveis para que dê conta dessa complexidade”, disse. “Queremos fazer uma reforma tributária de forma fatiada, exatamente para evitar que ela seja boicotada pelos agentes do próprio pacto federativo”, acrescentou.

“Uma conquista das pequenas empresas que deve ser preservada, mas mesmo assim continua o problema. Que é o fato de que quando elas atingem os R\$ 3,6 milhões entram em um processo incompatível com sua capacidade de suporte. E o que nós temos debatido é a possibilidade de criar uma faixa de transição. Como será essa faixa é o esforço que está sendo feito, inclusive ouvindo o setor”, disse.

## Marina promete inflação mais baixa sem subir juros jc

Segundo candidata, é possível fazer as correções necessárias, preservando um cenário positivo

### Estadão

Segundo Marina, é possível fazer as correções necessárias, preservando um cenário positivo. Ela disse que pretende diminuir a inflação e convergir para uma meta de inflação mais baixa até 2018, sem necessariamente subir juros. "Hoje estamos dando a boa notícia de que é possível fazer as duas coisas", afirmou.

Marina defendeu que os gastos nessas áreas estratégicas são, na verdade, investimentos. "Gastos com saúde são uma forma de melhorar a vida das pessoas para que possam trabalhar mais e melhor", disse em relação a gerar ganhos de produtividade. Com relação à educação, disse que o investimento responderá ao "apagão" de mão de obra e, sobre segurança, lembrou que a violência também afasta investimentos.

## Marina diz que sabe separar fé do cargo de presidente JC

"Não acredito que o presidente tenha que negar sua fé para ser presidente da República", analisa

### Estadão

. "A minha fé eu nunca neguei, nem como católica, nem como evangélica. Não acredito que o presidente tenha que negar sua fé para ser presidente da República", disse durante sabatina da qual participa, no Rio.

. "Tenho 16 anos como senadora. Verifiquem quando usei meu espaço como senadora para promover qualquer coisa contra o Estado laico", desafiou. Marina argumentou também que não faz perguntas aos seus adversários do ponto de vista religioso, pois não seria "honesto" instrumentalizar sua fé.

Marina reafirmou que foi um erro de processo, admitido pelos coordenadores de programa. "Os direitos da comunidade LGBT estão respeitados e assegurados no nosso programa", disse ao criticar diretrizes de adversários que foram mais superficiais ao tratar do tema.

". Ela reafirmou, em sabatina no Rio, que sua posição é de que o petróleo é uma fonte importante de energia para o Brasil e para o mundo. "Os combustíveis fósseis, principalmente o petróleo, não têm ainda como serem substituídos. E isso não está sendo dito por mim, mas por todos os países do mundo."

"A Petrobras estar quatro vezes mais endividada é que está ameaçando a exploração do pré-sal", disse em crítica à interferência do atual governo sobre a estatal. Na tarde de hoje, a presidenciável participará de um ato no Rio para falar de suas propostas para desenvolvimento e energia.

Em eventual governo, Marina disse que o esporte receberia investimentos como área fundamental também para alavancar a inclusão social. Questionada se extinguiria o Ministério do Esporte, dentro de sua proposta de cortar à metade as atuais 39 pastas, Marina não respondeu. "Não vamos fazer de forma apressada a menção de um ministério se vai sair ou se vai ficar" disse, ressaltando que a prestação de serviços públicos de todas as áreas é importante para o País.

## Marina acusa adversários de distorcerem sua plataforma JC

Para a candidata, os ataques à sua proposta para política energética tentam encobrir o escândalo da Petrobras

### Estadão

. "Existe uma cortina de fumaça para desviar o debate, talvez até porque já sabiam das denúncias que estavam vindo das investigações. Uma safra que só dá uma vez não pode ser drenada pela corrupção, como aconteceu com a Petrobras".

A candidata afirmou que seu plano de escolher os "melhores nomes" de cada partido para um possível governo pretende resgatar a seriedade das legendas, e não desprezará-las. "Não consigo imaginar que as pessoas possam confiar em um partido que coloca por doze anos um diretor para assaltar os cofres da Petrobrás. Espero que as pessoas virtuosas possam renovar seus partidos".

. "O Brasil tem ministro de Minas e Energia que não entende de energia, que é vergonha alheia quando fala de energia", criticou.

"Existe uma estrutura espalhando boatos, é um batalhão de Golias contra Davi, uma artilharia pesada de dois partidos que se uniram temporariamente. O Aécio se aliou ao PT de forma preconceituosa" atacou. Ela disse que o tucano a aponta como despreparada para governar por causa de sua origem humilde.

"Eu fui vereadora, deputada, senadora, ministra. Ele (Aécio) diz 'é boazinha', mas é o falso elogio, porque depois diz 'é inexperiente, não tem capacidade', por causa da minha origem".

"O Collor venceu o Lula em cima de muitas mentiras e pagou um preço muito alto. Não se pode ser presidente em cima de mentiras. Prefiro perder ganhando do que ganhar perdendo".

"Queremos um empreendimento com viabilidade econômica, social e ambiental. A licença de Belo Monte foi dada em ambiente de pressão política, as condicionantes não estão sendo cumpridas, vamos encaminhar as coisas de forma correta", declarou.

. "O Estado laico não é Estado ateu", afirmou. "Se o presidente da República precisa negar sua fé, os cidadãos dirão: se ele não consegue garantir o Estado laico para exercer sua crença, quanto mais para mim. Estado laico é para defender a crença de todas as pessoas. E eu sou comprometida com o Estado laico"

## **Marina: 'PT colocou diretor para assaltar cofres da Petrobras' veja**

Candidata do PSB negou intenção de desacelerar exploração do petróleo na camada pré-sal. E disse: Dilma faz essas insinuações para não tratar de corrupção na estatal

"Os partidos perderam o vínculo com a sociedade. Não consigo imaginar que as pessoas possam confiar em um partido que coloca por doze anos um diretor para assaltar os cofres da Petrobras. É isso que estão reivindicando? Que eu faça do mesmo jeito? Espero que pessoas virtuosas possam renovar seus partidos para que voltem a se interessar pelo que de fato são as demandas das pessoas. Hoje criamos uma anomalia no Brasil que é a classe política".

"Vamos explorar recursos do pré-sal e utilizar o dinheiro para investir de fato em saúde e educação. É preciso entender que o que está ameaçando o pré-sal é exatamente o que está sendo feito com a Petrobras. Existe uma cortina de fumaça lançada para desviar o debate. O Brasil tem de entender que a exploração de riquezas naturais é uma safra que só dá uma vez e que precisa ser bem utilizada e não drenada pela corrupção, como a gente vê dentro da Petrobras", afirmou.

Marina voltou a se dizer vítima de boatos espalhados pelo PT e PSDB. "É um batalhão de Golias contra David, em artilharia pesada de dois partidos que se uniram temporariamente para fazer artilharia pesada. Cada um espalhando boatos", afirmou.

JC

## **Marina engrossa discurso contra adversários em Belo Horizonte**

**É a primeira vez que Marina cita os aliados do governo, tema que fazia parte dos discursos de Eduardo Campos**

"Se o Aécio ganhar, ele acha que ganhou porque tem tempo de televisão, porque tem muito dinheiro, porque tem muitas estruturas. Se a Dilma ganhar, vai agradecer ao Sarney, ao Renan ao Collor, ao Maluf", disse, referindo-se respectivamente aos senadores José Sarney (PMDB-AP), Renan Calheiros (PMDB-AL), Fernando Collor (PTB-AL) e ao deputado federal Paulo Maluf (PP-SP), cuja candidatura foi vetada pela Justiça eleitoral com base na Lei da Ficha Limpa. "Se nós ganharmos, eu só tenho um para agradecer: ao povo brasileiro. É isso que eles não se conformam", acrescentou, em ato em Belo Horizonte nesta terça-feira (9).

Em seu discurso, a candidata repetiu os nomes dos aliados do governo, acrescentando ainda o do também senador Jäder Barbalho (PMDB-PA), ao afirmar que é possível "ganhar perdendo" porque "transgrediu seus princípios". "Você pode ganhar perdendo (porque) você sabe que mentiu, que se juntou com quem não deveria se juntar. Com Sarney, com Collor, com Renan, com Jäder Barbalho, com Maluf. Nós vamos ganhar ganhando e quem vai nos dar essa vitória é o povo brasileiro", frisou

Marina ainda conclamou a militância a aderir à campanha nas redes sociais para "rebater mentiras" divulgadas pelas campanhas adversárias. E, lembrando o fenômeno do encontro de rios de Amazônia, classificou a adesão popular à candidatura como uma "pororoca de democracia contra as inverdades". "Quero pedir a vocês uma coisa: doem algumas horas, alguns minutos que sejam. A Dilma tem 11 minutos na televisão em troca de cargos para destruir a Petrobras, como acontece agora com a corrupção. O Aécio tem quase cinco (minutos). Eu só tenho dois minutos. Me ajudem. Entrem nas redes sociais, levem a verdade, façam a campanha. O autor dessa vitória é o cidadão, a cidadã brasileira. É disso que eles têm medo", declarou.

Para Marina, velha política usa ofensa para 'fugir' jc

**A candidata argumentou que seus adversários estão "desesperados", "apavorados", com a possibilidade de o povo brasileiro mostrar**

A candidata à Presidência pelo PSB, Marina Silva, classificou a fala do senador José Sarney (PMDB-AP), de "radical" e "raivosa", nesta quinta-feira (18) em Vitória. Afirmou que a "velha política" tenta fugir dos problemas ao usar ofensas pessoais. "Não faço parte dessa geração de políticos", respondeu Marina durante entrevista coletiva.

Marina argumentou que seus adversários estão "desesperados", "apavorados", com a possibilidade de o povo brasileiro mostrar que quer mudança. "Nós estamos felizes, animados, em uma pororoca de esperança", disse.

. "Temos uma triste realidade que Eduardo repetia. O Brasil, que vinha em um processo de distribuição de renda, está voltando à concentração", disse Marina. "A presidente Dilma (Rousseff,PT) tem que explicar para a população brasileira porque ela está entregando um País pior do que encontrou", completou.

"Quem acha que fará plano de governo sozinho é a velha política. A velha política ainda não apresentou plano de governo", disse ao criticar novamente seus adversários Dilma e o tucano Aécio Neves por não divulgarem seus planos. "Gostaria muito de conhecer o que pensam Dilma e Aécio", afirmou.

**VEJA** Marina Silva: 'Dilma quer ressuscitar o medo na campanha'

**Ex-petista, candidata lembrou bordão adotado por Lula ao vencer o pleito de 2002 e disse: "Eu acredito profundamente que a esperança venceu o medo"**

Alvo de ataques em série orquestrados pelo PT, a candidata pelo PSB à Presidência da República, Marina Silva, disse nesta quarta-feira que a presidente-candidata Dilma Rousseff está tentando "ressuscitar o medo" na campanha eleitoral. A frase faz referência à estratégia adotada pelo PSDB em 2002 para tentar conter o avanço de Lula na corrida pelo Planalto. Vitorioso naquele ano, Lula adaptou a tática adversária a seu discurso e saiu-se com o bordão "a esperança venceu o medo" - uma estratégia de seu então marqueteiro Duda Mendonça. Em entrevista ao portal G1, Marina afirmou que Dilma se esqueceu de que seu partido já foi alvo de ataques do tipo. "Infelizmente, quem está querendo ressuscitar o medo é a presidente Dilma. E a pior forma de se fazer política é pelo medo. Eu prefiro fazer política pelas duas coisas que orientaram a minha vida: pela esperança e pela confiança", declarou

Marina repetiu a frase usada por Lula e pelo PT após a vitória das eleições de 2002: "Eu acredito profundamente que a esperança venceu o medo. A sociedade brasileira, quando faziam todo esse terrorismo contra o Lula, repetia essa frase. E eu acho que a população brasileira acredita e confia nisso, confia na nossa democracia", disse, tentando mostrar tranquilidade diante dos ataques de seus adversários. Dilma também já tentou adaptar a frase a sua campanha, afirmando neste ano que "a esperança vai vencer o pessimismo".

Marina volta a dizer que quer governar com melhores

A candidata disse que acredita na democracia brasileira e na vitória da esperança sobre o medo **JC**

A candidata do PSB à Presidência da República, Marina Silva, afirmou nesta quinta-feira (4) que a sua chapa está sendo criticada por dizer que pretende governar com os melhores de todos os partidos. Perguntada sobre a possibilidade de ter Renan Calheiros (PMDB) na Presidência do Senado durante seu governo, se eleita, ela evitou mencionar o senador em sua resposta. "Eu não vejo que erro possa haver em um governante dizer para a sociedade brasileira que quer os melhores quadros do ponto de vista técnico, político e ético", afirmou em entrevista durante sua visita à Expointer, feira internacional do agronegócio que ocorre na região metropolitana de Porto Alegre.

"É preciso colocar o olhar naquilo que nos faz maiores do que nós somos e não ficar nos apequenando. Por exemplo: Essa história de que se ganha (a eleição) alguém que vem de um movimento da sociedade, que não é em função das estruturas do dinheiro, do tempo de televisão, dos partidos poderosos, de que poderá ser cassado."

Marina disse que acredita na democracia brasileira e na vitória da esperança sobre o medo. "Essa história de medo eu durante 30 anos vi as pessoas fazerem contra o Lula, e eu dizia e acreditava e continuo acreditando que a esperança já venceu o medo, e não adianta querer ressuscitá-lo.

" Segundo ela, foram levantadas várias questões sobre o que fazer para garantir que a agricultura brasileira continue vigorosa. Questionada sobre se os recentes encontros com lideranças do setor têm servido para quebrar a suposta resistência que havia à sua candidatura entre produtores, ela disse que "não existe esta história de quebrar resistência". "Quando se tem disposição para o diálogo, a gente não trabalha com a lógica de quebrar a resistência. A gente trabalha com a ideia de que possa construir convergências naquilo que interessa ao Brasil", falou.

De acordo com a ex-senadora, se toda a população e todos os setores querem um Brasil economicamente próspero, politicamente democrático e ambientalmente sustentável, a questão fundamental é ter diálogo e buscar da melhor forma esses objetivos. "Alguém que se propõe a governar o Brasil não pode pensar que vai quebrar as resistências. Deve achar que ao se dispor ao debate e não ao embate, vai produzir convergências progressivas.

JC Marina diz que quer manter avanços na política social

A candidata defendeu que o país chegou às políticas sociais de segunda geração, com transferência de renda

A presidenciável do PSB, Marina Silva, disse nesta quarta-feira (3), em palestra na Faculdade de Medicina da USP, que o Brasil teve avanços importantes na economia e de inclusão social, que ela pretende manter. Marina defendeu que o Brasil saiu das políticas sociais de primeira geração, com base em conceito de caridade, e chegou às políticas sociais de segunda geração, com transferência de renda e que isso precisa ser mantido. "Mas também temos dito que chegaremos às políticas sociais de terceira geração, com inclusão produtiva", disse Marina ao público de médicos e funcionários da área da saúde. "Queremos uma sociedade criativa, produtiva e livre", completou.

Marina ressaltou sua proposta, elaborada com Eduardo Campos quando vivo, de destinar 10% da receita da União para a saúde, medida necessária

Marina fez para o público seu tradicional discurso de renovação da política. Lembrou a fala de Campos de que quando a sociedade se afasta da política, a política perde, e quando as pessoas se aproximam, a política melhora. Citou exemplos dessa aproximação positiva quando da redemocratização, do ciclo de estabilização econômica e da distribuição de renda. Marina defendeu para o público presente que a política pode ser "revigorada".



Exame

Eleitorado evangélico cresce e pode decidir eleição

Segundo analistas, o grande poder de comunicação das lideranças evangélicas mobiliza este segmento

São Paulo - O eleitorado [evangélico](#) é crescente no país e como representa um dos segmentos mais coesos da sociedade, tem o potencial de decidir a eleição presidencial deste ano.

Essa é a avaliação de analistas que ponderam também que os valores religiosos não são as principais preocupações dos eleitores.

Para eles, posições contrárias à homossexualidade ou ao aborto não subtraem ou somam votos de uma candidatura, mas ganham destaque na disputa, como o episódio da revisão do capítulo sobre direitos para homossexuais do programa de governo de Marina Silva (PSB), que é evangélica.

O grande poder de comunicação das lideranças evangélicas mobiliza este segmento, assim como um sentimento de solidariedade com candidatos que sigam a mesma orientação religiosa.

"Esse segmento da população tem uma orientação de solidariedade com outros evangélicos, quer por referência moral, quer por disciplina de organização", disse a socióloga e especialista em análise de pesquisas de opinião Fátima Pacheco Jordão.

Ela lembrou que as várias vertentes evangélicas existentes no país possuem meios de comunicação de massa, como emissoras próprias e espaços alugados em canais de TV.

"Eles estão se tornando players, agentes importantes no cenário político. Já são, aliás. E do jeito que a coisa anda, é possível que nós tenhamos pela primeira vez uma presidente evangélica."

Marina, que é membro da Assembleia de Deus, é a principal destinatária dos votos dos evangélicos. Segundo a última pesquisa do Datafolha, ela cresceu 17 pontos entre os evangélicos pentecostais e outros 17 pontos entre os não-pentecostais.

De acordo com o levantamento, entre os pentecostais, grupo no qual a igreja frequentada pela ex-senadora está, Marina tem 41 por cento das intenções de voto, contra 30 por cento da presidente Dilma Rousseff, candidata à reeleição pelo PT, e 11 por cento do tucano Aécio Neves.

Segundo dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os evangélicos representam 22,2 por cento da população. Atualmente, estimativas de analistas colocam esse percentual em até 30 por cento do eleitorado

## Marina: pesquisa representa um momento da campanha jc

Marina afirmou ainda que "não vale tudo para ganhar uma eleição" estadual

Questionada se irá mudar sua estratégia, afirmou: "Nós vamos fazer o debate, não o embate. Vamos continuar dialogando com a sociedade", disse

"Somos diferentes em relação ao projeto que hoje tem uma estratégia de agressão, de boatos. A sociedade brasileira tem maturidade. No decorrer do processo, haverá de firmar o seu posicionamento com base nas ideias que estamos apresentando", disse.

. "Nós apresentamos propostas através de um programa que os nossos adversários ainda não apresentaram seus programas. Para que as metas em relação aos 10% do PIB para a educação possam ser antecipadas com a escola de tempo integral, para que os nossos jovens possam ter uma escola de qualidade que melhore as suas vidas".

Marina afirmou ainda que "não vale tudo para ganhar uma eleição" e voltou a lembrar da campanha de 1989, o que tinha feito ontem. "Eu vi o (Fernando) Collor de Mello ganhar uma eleição do Lula usando a mesma estratégia que a presidente está usando. E não foi um resultado bom para o País, porque o dividiu. Eu quero ganhar uma eleição com base no debate, nas propostas, e não com a indústria da calúnia, da mentira, do boato, do preconceito e da difamação. Eu lutei muito quando faziam a mesma coisa que fazem agora comigo. O mesmo punhal enferrujado está agora sendo usado contra mim", afirmou.

"Todos os demais candidatos fazem o debate como se fosse um problema dos Estados, e não do governo federal. Em um País em que 56 mil pessoas são assassinadas por ano. A maioria das pessoas jovens e negras das periferias", disse.

. "Vamos em parceria com os governadores e diferentes setores da sociedade fazer com que se tenha uma segurança que combata o tráfico de armas, de drogas e respeite a vida dos cidadãos".

. "Eu estou dizendo que quero governar com os melhores e acredito que existem pessoas boas em todos os lugares, dentro dos partidos, dentro do Congresso, na gestão pública. Se a Dilma se conforma em conversar com os piores, esse não é o meu objetivo".

## Marina: Autonomia do BC foi consenso desde Plano Real JC

Marina lembrou que o ex-presidente Lula manteve os instrumentos macroeconômicos do governo do PSDB

"A autonomia do Banco Central sempre foi consenso, desde que veio o Plano Real. Eu não vi nenhum partido dizendo que é contra a autonomia do Banco Central", afirmou, após visitar um centro de atendimento a vítimas de violência doméstica na zona leste de São Paulo.

. "O presidente Lula até fez uma carta aos brasileiros dizendo que se comprometia em manter os instrumentos de política macroeconômica do governo Fernando Henrique. Tudo isso foi negligenciado pelo governo Dilma, a autonomia do Banco Central foi corroída na prática."

. "O Brasil precisa fazer seu dever de casa", disse ao repetir a promessa de resgatar o tripé macroeconômico, com responsabilidade fiscal, metas de inflação e autonomia do BC. Segundo a candidata, essas medidas ajudarão o país a recuperar credibilidade para atrair investimentos e voltar a crescer, com geração de emprego e distribuição de renda.

A campanha de Dilma tem sugerido na propaganda de TV que as propostas econômicas de Marina poderiam oferecer riscos aos ganhos sociais recentes da população. "As mentiras estão sendo ditas para criar uma cortina de fumaça por quem não quer assumir os erros que cometeu", disse Marina. A candidata relacionou ainda o tema da falta de autonomia do BC aos supostos desmandos e casos de corrupção na Petrobras. "O Banco Central autônomo é fundamental para evitar que se aconteça o que acontece hoje com a Petrobras, que perdeu metade do valor de mercado e está quatro vezes mais endividada."

## Marina rebate associação com banqueiros e diz que quem recebeu maior doação foi o PT

### Diário de Pernambuco

"Em 2010, quem recebeu a maior quantidade de doações do Banco Itaú foi a presidente Dilma", afirmou, referindo-se aqui ao PT, partido da presidente, e rebatendo, assim, as insinuações com relação à proximidade com Neca Setúbal, educadora, herdeira do Itaú e coordenadora do programa da coligação liderada pelo PSB.

"Há uma visão autoritária de um setor da esquerda que, se você estiver a serviço deles, então você está unguido pelo manto da sua proteção. Se você tem uma escolha, então você passa a ser satanizado", afirmou.

## Marina faz discurso religioso em área proibida e infringe legislação eleitoral

Marina discursou em uma praça em frente a uma das entradas da Câmara Municipal de Betim Diário de Pernambuco

Para Marina, caso seja eleita, sua vitória poderá ser comparada à de Davi contra Golias, já que terá que derrotar a presidente Dilma Rousseff (PT) e o senador Aécio Neves (PSDB), que têm mais tempo do que ela no horário eleitoral gratuito. “Com um minuto, dois minutos (na TV), contra 11 da Dilma e cinco do Aécio, é quase que Davi contra um batalhão de Golias”, disse a candidata.

. “Meu lema é : e conhecereis a verdade e ela vos libertará. Não adianta esconder a verdade, que a Polícia Federal e o Ministério Público façam suas investigações”, afirmou Marina em seu discurso.

Em seguida, a candidata passou a discorrer sobre os ataques que , segundo ela, estão sendo feitos por “mais de 30 mil pessoas pagas para difamar” e pediu aos apoiadores que “doem parte de seu tempo para responder às acusações nas redes sociais. “Não é para agredir. É para falar a verdade. Vamos oferecer a outra face”, defendeu a candidata, usando mais uma vez o Novo Testamento, quando Jesus prega contra a vingança. Logo em seguida, a candidata citou uma passagem de sua infância, ocorrida em um sábado de aleluia, quando a família não tinha o que comer. Segundo ela, foi a educação que fez um “milagre em sua vida” e permitiu que ela saísse da condição de pobreza. “Eu sei o que a educação pode fazer por uma pessoa e eu jamais usaria a chance que Deus me deu e o povo brasileiro está me dando para fazer qualquer mal, qualquer dano ao que já conquistamos”, afirmou Marina.

Jc

Marina cita Eduardo; Aécio alerta sobre 'boatos'

Marina Silva que mudou o quadro eleitoral ao entrar na disputa falou sobre a expectativa em torno de seu nome

Candidata que mudou o quadro eleitoral ao entrar na disputa, Marina Silva falou sobre a expectativa em torno de seu nome. "Senti que tinha um País inteiro olhando para mim e aguardando para me escutar".

"Os brasileiros querem manter conquistas e corrigir os erros. Não querem mais ficar paralisados como estamos agora, nem querem andar para trás", disse

## Veja

### No JN, Marina passa sufoco para explicar uso de jato

Polícia Federal investiga se aeronave que transportava Eduardo Campos foi adquirida com dinheiro de caixa dois empresarial ou do PSB, partido de Marina

"Nosso interesse e determinação é que as investigações sejam feitas com todo rigor para que não se cometa injustiça com a memória de Eduardo."

"Talvez você não conheça bem a minha trajetória, eu faço questão de explicar porque você tem um certo desconhecimento sobre o que significa ser senadora do cenário de onde vim. No meu Estado, para vencer uma eleição era preciso ser filho de ex-governador, ter um rádio ou um jornal para falar bem de si", disse, ao ser questionada sobre a derrota para seus adversários durante a disputa presidencial em 2010, quando concorreu ao cargo pelo Partido Verde.

"Essa historia de que a Marina é intransigente não é tão verdadeira assim", disse.

"Eu quero ser a primeira presidente que assume o compromisso de que não vai buscar uma nova eleição. Não quero ter um mandato que comprometa o futuro das próximas gerações", disse.

## Jc

### [Marina divulga vídeo para quem a acha 'fraquinha'](#)

A frase de Eduardo Jorge foi dita em tom de brincadeira, mas o post mostra um discurso inflamado de Marina em que ela se dirige "a quem diz que sou magrinha e fraquinha"

Sou magrinha, mas eu venho da Amazônia. Tem uma árvore chamada biorana, tem a biorana branca e a biorana preta. A biorana preta não fica tão grossa, mas experimenta bater com o machado: sai faísca e ela não verga", diz Marina, em tom firme.

## Marina: PT e PSDB estão 'irmanados' para nos destruir jc

Candidata afirma que a presidente tem feito ataques caluniosos na propaganda da TV

"Tanto representamos a mudança que a sociedade brasileira está assistindo a um degradante espetáculo político inédito: PT e PSDB irmanados na determinação de nos destruir, não importam os meios", disse ela, em coletiva de imprensa, realizada hoje.

. "É impressionante a mobilização de exércitos de propagadores de calúnias, mentiras e distorções nas redes sociais", disse.

Marina afirmou ainda que a o País está doente da sanha pelo poder que destrói a política. "Mandatos devem ser exercidos para servir à sociedade e não como profissão. Mesmo diante de momento de degradação do debate político, nossa aliança quer aprofundar a independência do Brasil", disse ela

## A sindicalistas, Marina volta a prometer fim do fator previdenciário veja

Durante encontro com sindicalistas, em São Paulo, a candidata do PSB prometeu rever mecanismo que inibe aposentadorias precoces

"Sem demagogia, estamos dizendo que vamos revisitar o fator previdenciário para fazer justiça com o trabalhador. A corda sempre rompe pelo lado mais fraco, que nem sempre é a maioria. Dessa vez é a minoria", disse Marina, que na sequência alfinetou Dilma: "Essa campanha não apresenta programa de governo, quer que o povo assine um cheque em branco".

). "Queremos estabelecer um tripé para assegurar os direitos dos trabalhadores. Promover educação de qualidade por meio de programas como o Pronatec, e permitir que recursos sejam aplicados adequadamente para o trabalhador se requalificar rapidamente após perder o emprego."

Yahoo

## Marina diz que votar em Dilma é votar na corrupção

em Porto Alegre, diante de cerca de 3 mil pessoas, que votar na presidente Dilma Rousseff "será votar na manutenção da corrupção na Petrobras, no desmonte da Eletrobras, numa saúde que não funciona, numa educação que deixa os jovens de 15 a 18 anos semialfabetizados e em 56 mil assassinatos por ano".

Quanto a Aécio Neves, a ex-senadora disse que votar nele é votar na tentativa de "iludir o povo e andar para trás". Segundo ela, quem quiser corrigir os erros e andar para a frente vai votar nela. "Nós temos programa. Dilma e Aécio não têm. Nosso programa tem o passe livre para que os estudantes das escolas públicas possam andar com tranquilidade, 10% da receita bruta para a saúde", afirmou Marina.

**JC Marina Silva critica ataques de adversários**

Candidatada do PSB disse que democracia serve para melhorar a própria democracia e não para criar uma situação de constrangimento e intimidação

Evitou falar sobre a sua queda nas pesquisas de intenção de voto e em possíveis alianças, caso não vá para o segundo turno. Marina disse estar confiante de que os eleitores "saberão honrar quem não quis ganhar a eleição apenas na base da calúnia, do boato."

Marina atribuiu a queda repentina na preferência do eleitorado ao pouco tempo da campanha na TV em relação aos dois principais oponentes. Ela disse, no entanto, estar confiante que vai para o segundo turno, onde promete fazer "debate" e não "embate".

"Eu venho de uma realidade pobre. Está aqui meu pai, de 78 anos, seringueiro. Ele é pobre, sempre foi pobre, mas me ensinou que o cidadão não deve favor e sim tem direitos", declarou Marina. Depois da votação, ela seguiu com o marido em um jatinho particular para São Paulo, onde acompanhará a apuração dos votos.

## Links de entrevistas e debates

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/eduardo-campos-e-entrevistado-no-jornal-nacional.html> Acessado em 30 de junho de 15.

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/07/1486533-entrevista-eduardo-campos.shtml> Acessado em 30 de junho de 15.

<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/10/leia-e-veja-integrado-debate-na-globo.html> Acesso em 30 de junho de 15.

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/marina-silva-e-entrevistada-no-jornal-nacional.html> Acessado em 30 de junho de 15.

<https://www.youtube.com/watch?v=i5TX1t9DT7c> Acessado em 30 de junho de 15.

<https://www.youtube.com/watch?v=2OqWxrjhLwY> Acessado em 30 de junho de 15.